
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

BIOGRAFILOGIAS SURREAIS

ARTUR RODRIGUES JANEIRO

Março - 2020

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

BIOGRAFILOGIAS SURREAIS

ARTUR RODRIGUES JANEIRO

Tese apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador(a): Maria Rosa
Rodrigues Martins de Camargo

**Rio Claro-SP
2020**

J33b Janeiro, Artur Rodrigues
Biografilogias surreais / Artur Rodrigues Janeiro. -- Rio Claro,
2020
196 p. : il., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

1. Surrealismo. 2. Leitura e escrita. 3. Biologia. 4. Processo de
criação. 5. Escrita automática. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: BIOGRAFILOGIAS SURREAIS

AUTOR: ARTUR RODRIGUES JANEIRO

ORIENTADORA: MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Profa. Dra. LAURA NOEMI CHALUH
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Profa. Dra. KATIA MARIA KASPER
Setor Educação / Universidade Federal do Paraná - Curitiba / PR

Prof. Dr. CESAR DONIZETI PEREIRA LEITE
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. ALEXANDRE FILORDI DE CARVALHO
UNIFESP / Universidade Federal de São Paulo - SP

Rio Claro, 25 de março de 2020

Título alterado para: **BIOGRAFILOGIAS SURREAIS**

Que mistério é uma dedicatória, uma entrega de símbolos.

(BORGES, 1985, p.7)

*Na dedicatória pedi desculpas pela minha letra que não está boa desde que minha mão
direita sofreu o incêndio*

(LISPECTOR, 2013, p. 47)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo pela parceria – por isso pela confiança –, pelas raízes quando meu voo era alto, pela sede quando estive escasso.

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Kátia Maria Kasper (UFPR) e Prof.^a Dr.^a Laura Noemi Chaluh (UNESP) pelas preciosas contribuições ofertadas durante as bancas de qualificação e defesa desta tese.

Agradeço o Prof. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho (UNIFESP) e Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite (UNESP) pelas preciosas contribuições ofertadas durante a banca de defesa desta tese.

Aos três e posteriormente cinco integrantes avaliadores iniciais desta tese, agradeço pelos lançamentos e relançamentos de *redes de saberes*, pelas composições, miscelâneas e *tramargens* encenadas.

Agradeço meus familiares por misteriosamente contribuírem para o desenvolvimento desta *escrirtura*.

Agradeço Thiago Franco pela possibilidade de articulação da formação docente às práticas docentes em sala de aula e em gestão escolar e pelas inúmeras orientações enriquecedora de vida.

Agradeço a Equipe da Biblioteca da UNESP, *campus* de Rio Claro, que sempre respeitosamente e muito prontamente me auxiliaram sobretudo na busca e solicitação de obras entre *campi* da UNESP.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP, Rio Claro, em extensão ao Departamento de Educação da UNESP – Rio Claro, pelas preciosas contribuições à promoção e manutenção de Educação pública, gratuita, inventiva e de qualidade.

Agradeço a Sr.^a Ivana Terezinha Brandt, Supervisora da Seção Técnica de Pós-graduação do IB – UNESP, Rio Claro, em nome da qual também agradeço a equipe da referida seção, pelas preciosas orientações administrativas que enriquecem e norteiam a vida acadêmica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*Um estrato biológico, por exemplo, não evolui por dados estatísticos, mas por
picos de desterritorialização.*
(DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.89)

RESUMO

Quando K. invocou a partir desta tese a imagem de uma boca incansavelmente falante, não reparou em seus olhos, mãos, dedos, ... Esta grande boca que mastiga sentenças e palavras até a atonicidade reativa de novos sentidos é reveladora de uma energia poética que compõe autor de autorias e seus personagens. Misteriosamente, sobre os rastros duma escrita automática surrealista, paisagens estão revolvidas, certezas estão erodidas e uma força vital funde propriedades biológicas a propriedades físico-químicas e essas a pontos, vírgulas, cadências, paráfrases, vozes diretas e indiretas, repetições e diferenças, arrastos de tempos. Assim, esta tese, encenação sobre e de desejos, jogos de ficção e realidade, narrativas de experiências-limites e produção de possibilidades de existência e reinvenção de si, traz aos camarotes deste palco paginado uma prática (de) escrita que bebe nas fontes escavadas por autores como Samuel Beckett, Gilles Deleuze, Lautreamont, Maurice Blanchot, Gaston Bachelard e Clarice Lispector.

Palavras-chaves: Surrealismo. Leitura e escrita. Biologia. Processo de criação. Escrita automática

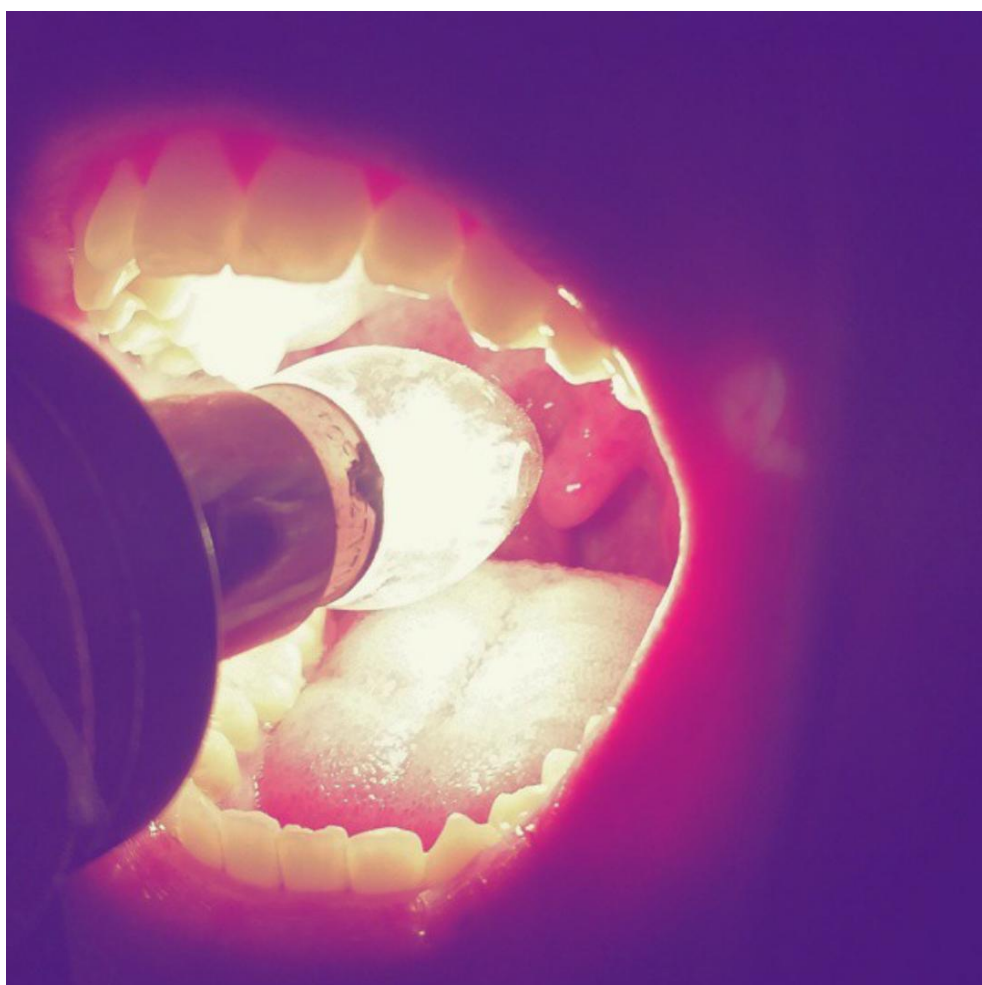
ABSTRACT

When K. mentioned the image of a tirelessly talking mouth, she didn't notice his eyes, hands, fingers, ... A large mouth that chews sentences and words until the reactive atomicity of new senses reveals a poetic energy that composes the author of authorship and his characters. Mysteriously, following the tracks of a surrealist automatic writing, landscapes are turned, certainty is eroded and a vital force merges biological properties with physicochemical properties and with periods, commas, cadences, paraphrases, direct and indirect voices, repetitions and differences, drags times. Thus, this thesis, staging about desires, fiction games and reality, narratives of limit-experiences and the production of possibilities of existence and self reinvention, brings a written practice that refers to authors as Blanchot, Foucault, Beckett, Deleuze, Lispector and Bachelard.

Keywords: Surrealism. Reading and Writing. Biology. Creation process. Automatic writing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
MOMENTO I: UM GRANDE ENSAIO.....	21
IGNIÇÕES	22
13 DE JULHO DE 2007 ou ANOS DEPOIS	32
A VIDA DE L. N. C.....	39
AMDMR.	43
[ADVERTÊNCIA].....	58
MOMENTO II: CENÁRIOS POPULOSOS: PERSONÁSCARAS	60
[TÍTULO ILEGÍVEL].....	83
O JARDIM DAS DELÍCIAS	86
FLECHA DE FOGO.....	94
MOMENTO III: MONSTRUÁRIO.....	100
O it-ALBETO	101
A de ABERTURA	104
A variations: CORTINA-PIXÍDIO	110
Avarias determinantes	113
B de BOLHA	117
b variations: BOLSA.....	118
b variations: BIO-HOMOTÓTIPO	120
p variations: PARES INVERSOS, PATTERNS PARENTAIS. PAI.....	122
p variations: AVE (ACIDENTE VASCULAR ESCRITO)	125
p variations: PARES INVERSOS, PATTERNS PARENTAIS. MÃE.	127
C de CIRCULARIDADE	128
C de CORP(O)SE	129
D de DADO	131
D de DESENHO VELHO	132
D de DESMANCHE	133
E de ESTRUTURA.....	135
NOTA I.....	135
NOTA II	135
NOTA III.....	136
NOTA IV.....	137
NOTA V	137
E variations: VÍRUS E VARIÂNCIA E ESCRITA E	141
E de ESCOLA.....	143
E variations: EFJ MOVEMENTS.....	146
H de PONTE.....	147
M de MULTIPLICIDADE	148
P de PLASTICIDADE	150
P de POLIFÔNICO LAÇO DE FOGEAU	151
S se SURREAL, À GUIZA DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS.....	158
ENTRANHAS-OUTRAS.....	158



INTRODUÇÃO¹

Quando Virgínia Woolf (1992) propõe uma aventura com “Três quadros” não é de quantidades que ela pretende falar, tão menos das obviedades visuais e características de *três quadros*: num arsenal repleto de movimentos do olhar, de detalhamentos sobre o visível e invisível, uma sensação *diferente* passa a ganhar incerta energia, quase forma que em nada pode ser assegurada por uma única e simples observação, assim, a autora lança, se lança, retorna e se relança; se faz e se despede de si e sobre si mesma e mesma jornada; ela altera o percurso buscando trilhas de outrora, produzindo outras e continua... Finalizando sem final findado – o que me convida a pensar que, relembrando os dizeres de Fayga Ostrower, *algo está acontecendo-e-sendo envolto por algo*:

Voltamos ao episódio pão-prato-mesa-fome. Como se viu, há nessa relação dados das mais variadas áreas do nosso ser, dados físicos, fisiológicos, psíquicos, visuais, tácteis, comportamentais e assim por diante. Os diversos dados se concentram em nossa atenção e formam um campo ambiental, que está sendo percebido através de correspondências “topológicas”: proximidades, convergências, inclusões, separações, dispersões. Sobretudo tornam-se expressivas as relações ambientais abrangentes, isto é, percebemos que algo se encontra dentro ou fora de outra coisa, algo envolto por algo envolvente. (OSTROWER, 2011, p.87; grifo meu)

Assim, “Três Quadros” não versa apenas sobre os contextos de *três* obras de arte, nem *três* paisagens ou *três* fatos; sua escrita e o encadeamento das ideias entrelaçadas por suspense e mistério criam um infinito de possibilidades ao pensamento, à criatividade do leitor, que não cessam de ocorrer após o ponto ilusoriamente final. O leitor se embrenha por situações vivas de Virgínia Woolf e os valores, as importâncias atribuídas pela autora aos mais diversos aspectos, objetos e situações são inquestionáveis, uma vez que o leitor, permitindo-se afetar pela leitura, despiando-se de seus dogmas e preconceitos, sente que para além de motivos o escrito, constituindo-se coletânea de significados e sentidos de quem escreve, ainda que feito uma mensagem quase apagada, manchada, que vai anunciando sua chegada e não chegando definitivamente, não possui esse momento certo para chegar. Virgínia Woolf, neste conto, me convida a pensar que trabalha, lida, lapida, escultura, a certeza da incerteza e nem por isso amarra – prática de oximoro encontrada facilmente nos dizeres blanchotianos, autor também referência desta tese. Logo, da vizinhança coabitada por autor e leitor, escritor e leitor, consideramos que

¹ "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

No fluir da vida, [quando] a vizinhança das coisas é um aspecto estritamente local e não raro sujeito a alterações. Por essa razão, pela espontaneidade com que um fator qualquer pode vir a alterar o complexo todo, pode por novas proximidades constituir-se em limiar crítico de nova relação, pode introduzir novas proporções e um novo equilíbrio, transformando uma fase anterior em fase posterior, as ordenações de campo se caracterizam para nós como um “acontecer”. Configuram situações como se fossem momentos de um processo instantaneamente detido. A extensão e a configuração do campo em cada caso particular dependem de nossa atenção. Se nossa atenção for desviada para outro evento, o campo se desvanece, isto é, deixa de existir como relacionamento e como forma. (OSTROWER, 2011, p.88)

assim, para este conjunto-tese de aspecto-forma disforme, campo irregular, plural, pluridimensional, há a iminência de consequência antagônica: toda demasiada atenção corre o risco de fazer ver *algo* quando não se pretende mostrá-lo; corre o risco de criar necessidades de explicação quando não se deve explicá-las à razão de um sofrer-fluir calado que promete sensações inéditas; corre-se o risco de criar imagens emolduradas o bastante para não serem ventadas em varais-pautados, risco de estruturar argumentações em demasia quando as mais diversas estruturas silenciosamente já buscam brechas para existirem e, se avolumando, se erguerem, se imporem – haveria situação mais assustadora? melhor apresentação do que a *vida* é capaz de fazer? melhor indício da operação surrealista? Recordo o seguinte dizer de Blanchot:

Mas se nada acontecesse? Se o quarto permanecesse vazio? Se tudo o que ocorre, todos os acontecimentos que surpreendemos, todos os seres que entrevemos só contribuíssem para tornar o quarto visível, cada vez mais visível, mais suscetível de ser descrito, mais exposto à claridade de uma descrição completa, firmemente delimitada e no entanto infinita? O que haveria de mais apaixonante, de mais singular também, de mais cruel, talvez? Em todo caso, de mais próximo do surrealismo? (BLANCHOT, A claridade romanesca, p. 235)

Assim, se quadro, quarto, texto ou tese, é na esteira dos cuidados com as situações trazidas pela leitura que, considerando o mesmo procedimento de ir e vir adotado por Woolf em seu conto – de lançar, lançar-se e relançar, relançar-se –, esta tese se configura como “parte de uma série de estudos sobre as artes de si mesmo, ou seja, sobre a estética da existência e o domínio de si e dos outros” (FOUCAULT, 2014, p.144) ou a certeza de incerto controle sobre o processo de escrita, da leitura e sobretudo das ações-consequências tocante à vida do autor (e) leitor a partir da leitura deste texto-tese; trata-se de um mergulho naquela parcela sem controle que o artista reconhece sua importância quando em seus atos de criação

– e que nem por isso, não sente, não se sensibiliza. Também, no tocante aos domínios de si, esta tese traz *misteriosamente* os limites vivos de uma organização também viva de corpos, de afetos, de pensamentos, de conceitos, de (...) sem amarras. Aproximando referenciais, campos de conhecimento, de produção de sentidos-pensamentos, “sem amarras” é ponte para o Surrealismo, campo de tensão pois, nas palavras de Deleuze, já é a

[...] escola [que] é o contrário do movimento. Dou um exemplo simples: o surrealismo é uma escola. Acerto de contas, tribunais, exclusões etc. Breton fez uma escola. Dada era um movimento. Se eu tivesse um ideal, não digo que não consegui, seria participar de um movimento. (DELEUZE, 1988, p. 86)

e esta tese, ponte-outra, ponte-surreal que está distante de ser canal ou ducto por onde fluiriam apenas citações sobre o Surrealismo e nada mais, é “rigoriedade sobre linha (in)certa de liberdade”, é “rigoriedade sobre o desejo, sobre a necessidade dos desejos”; é “sobre” tornando-se “dentro”, visceral, de difícil distinção, separação, pois se faz matéria amalgamada de escrita, experiência, imaginação, ficção e realidade, superfície e profundidade, (...). A partir das palavras deleuzianas, esta tese em seus esboços, bastidores, traz os Momentos – é a instância temporal que transita por escola e movimento – de acerto de contas de autor com autor, de autor com personagens, máscaras, *personáscaras*, fantasias e peles; acerto de contas de autor com sua vida, da vida sobre sua escrita, narração – é acerto de contas da vida com o autor; é tribunal de exclusão daquilo que deveria se ausentar para não iluminar o mistério; é campo de decisões que cuidando esteticamente das possibilidades lógicas do escrito, pôde agora apresentar todo este movimento de pensamentos, invenções, porvires, vestígio de existência. Por isso, mesmo,

Daquilo que não foi nem sistema [escola], nem movimento de arte ou de literatura, mas pura existência (prática de conjunto conduzindo seu próprio saber, uma teoria prática), não se poderia falar sobre um modo determinado do tempo. No passado, isso faria uma história (a história do surrealismo [e desta tese] tem apenas um interesse de erudição, sobretudo se a concepção da história não é modificada pelo próprio assunto, e não se anunciou nada até aqui que justifique uma tal possibilidade). Quanto ao presente ou ao futuro, o surrealismo [e esta tese], assim como não se poderia pretender que ele[s] se realizou [realizassem] (perdendo assim mais da metade daquilo que o[s] nomeia[m]: tudo aquilo que nele[s] o[s] ultrapassa[m]), também não se poderia dizê-lo[s] semirreal[semirreais], em vias de realização, em devir. O que o[s] constitui[constituem] como intimação[inquietações] absoluta[s], e tão urgente que, por ele[s], seja isso da maneira a mais fortuita, a espera abre-se ao inesperado, proibido de remeter-se apenas ao porvir para que se realize[m] ou tome[m] forma[(s)]. (BLANCHOT, O amanhã brincalhão, p.179; adaptado por mim)

No tocante à forma desta existência, não meramente a esta tese ou texto dissertativo mas sim à escrita-forma, escrita-dis-forme desta existência, trata-se de um

exercício pessoal feito por si e para si [que] é uma arte da verdade díspar; ou, mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso (FOUCAULT, 2014, p. 151)

; paixão pelo escrever para além do quê é escrito. Além disso, é para além de ponte que esta tese se faz combustível que alimenta todo este universo maquínico escrito, salutar contribuição aos tempos atuais. “Maquínico” pela engenhosidade com que se dá a coesão e até mesmo coerência das peças desta existência, seus flashes e memórias. “Maquínico” também pelos giros das engrenagens que lançam, relançam, recuperam e fazem (se) perder escritor-e-leitor em determinados lugares, geralmente interseccionados. No mais, esta tese não permite morrer o *leitor misterioso, encantado* – pois que se encanta, se permite encantar-se –, aquele com inclinação aos prazeres, às delícias dum mistério, do obscuro e do suspense, da suspensão, que se encontrará na escrita de um biólogo determinado, de um educador em formação, de um artista traído, de um sujeito morrente. *Aqui*, artista, biólogo e educador se encontram em diversos “quadros” criativos, mais de três, repetidamente e sempre diferentemente. Assim, ainda acerca da leitura desta tese, também espera-se que ela apague

[...] os epítetos pelos quais busca-se tornar interessante o que se lê. Seguramente, misturar as palavras, misticismo, erotismo, ateísmo atrai a atenção. Falar de um escritor de hoje como de um homem que entrou em êxtase, comportou-se como irreligioso, louvou a libertinagem, substituiu o cristianismo pelo nietzschianismo e o nietzschianismo pelo hinduísmo, depois de ter rondado o surrealismo (resumo algumas resenhas bem-intencionadas), é oferecer o pensamento como espetáculo e criar um personagem de ficção sem a menor preocupação com as delicadezas da verdade. De onde vem essa necessidade de só buscar o verdadeiro ao nível da anedota e pelo equívoco do pitoresco? Sabemo-lo, é verdade: cada um de nós é habitado pelo seu próprio Golem [...]. (BLANCHOT, A experiência-limite, p.183)

Consequentemente, o Golem que habita a escrita aqui proposta é o misterioso caso do escrever que não se basta, que não se alcança pois é difícil de ser cessado, de se cessar. O Golem que habita o limite transponível de possibilidades até então pensadas é a abertura de extremos, sistema aberto de origem e fim desconhecidos; é dobra de faces e sua indistinção, a disformidade já posta e aqui presente: tese-Golem. *Image* surreal? No limite das apresentações, no escape das previsibilidades, da ânsia de incertas palavras que certamente

vão compondo tecendo e tramando e tranhas nunca vistas antes; associações “guiadas”, circundadas pelo “algo envolvente” – a encenação de uma escrita automática, aquele “incontrole” do artista enquanto

[...] experiência-limite [que] é a resposta que encontra o homem quando decidiu se pôr radicalmente em questão. Essa decisão que compromete todo ser exprime a impossibilidade de jamais deter-se em qualquer consolação ou em qualquer verdade que seja, nem nos interesses ou nos resultados da ação, nem nas certezas do saber e da crença. Movimento de contestação que atravessa toda a história, mas que ora se fecha em sistema, ora penetra o mundo e vai ter fim num além do mundo [...] (BLANCHOT, A experiência-limite, p.183)

; também, a escrita automática se dobrando, apresentando(-se) desejo desejante de, desejo indesejante de. Condição de “sem amarras” e “sem freios”; bocas falando incessantemente a partir de diversos locais e a diversos outros pontos; bocas que tateando o leitor por tantos campos, dedilha-o, abraça-o, envolve-o, assusta-o, fascina-o embora num estranhamento-entramento de continuidades-descontinuidades. Bocas com unhas por vezes cortadas, por outras roídas e outras tantas mantidas sem pupilas. Logo,

A abordagem surrealista é única pela grandeza e audácia de sua ambição: nada menos que superar as oposições estáticas, cuja confrontação nutre há longo tempo o teatro de sombras da cultura: matéria e espírito, exterioridade e interioridade, racionalidade e irracionalidade, vigília e sonho, passado e futuro, sagrado e profano, arte e natureza. (LOWY, A estrela da manhã: Surrealismo e Marxismo, p. 12)

---:---

“Três quadros”, um grito, um terror, uma tensão; também passeio de passeios, vistas de janela, de janelas. A seguir três fragmentos do conto de Woolf (1992) retramados neste “quarto-quadro”:

A imaginação fornecia outros quadros deflagrados pelo primeiro, um quadro do marinho cortando lenha, puxando água; e eles falavam da China; e a moça colocou o presente na cornija da lareira, para que todo mundo pudesse vê-lo; e ela costurou as roupinhas do bebê, e todas as portas e janelas abriam para o jardim, de modo que passarinhos esvoaçavam e abelhas zumbiam, e Rogers - assim ele se chamava - não era capaz de dizer até que ponto ele gostava de tudo aquilo depois dos mares da China. (WOOLF, 1992, p. 225)

A ESCOLHA – A SELEÇÃO – A DIREÇÃO. A COSTURA – A TRAMA – A TRAMA-PONTO – O CRUZAMENTO – O ARREIMATE. A DÚVIDA – A CERTEZA – A DÚVIDA – AS PARTIDAS – OS LANÇAMENTOS – O JOGO. MOMENTO I – O AUTOR – O AUTOR E SUAS FONTES – A ORIENTAÇÃO – A MORTE DA ORIENTAÇÃO – RUMOS INAUDITOS – BOCAS – CENÁRIOS. O HORIZONTE – O JARDIM HORIZONTAL – O PALCO – AS LUZES – SOMBRAS – NOVOS ATOS. O CENÁRIO, AS MÁSCARAS E FANTASIAS. O TEMPO. MOMENTO II.

No meio da noite um grito forte ecoou na aldeia. Depois, o som de alguma coisa que arranha; e depois um silêncio mortal. Tudo o que se podia avistar da janela era o ramo de lilás pendendo imóvel e pesado do outro lado da estrada. Uma noite quente e calma. [...] O grito fez com que tudo parecesse agourento. Quem gritara? Por que gritara? (WOOLF, 1992, p. 225)

VOZES – SUSSURROS – INQUIETAÇÕES – NOMEAÇÕES – MAIS BOCAS – AQUECIMENTO. MOMENTO II – DE REGISTROS – MENSAGENS – CONTORNOS – ESFRIAMENTO. A DÚVIDA – AQUECIMENTO – DÚVIDAS – A TRAMA – A COSTURA – AS DIREÇÕES – O FOGO. O JARDIM – O CAMPO – A SELEÇÃO – A MONTANHA – A ESCOLHA – A MUDANÇA – A ESCOLHA-OUTRA – O ARREIMATE – A VIAGEM. LUZES, SOMBRAS, ESCLARECIMENTO. ALTURAS, VALES, VOOS, NUVENS – ESCURECIMENTO – DURAÇÕES. A FLOR – O JARRO, A CESTA, O FRUTO. AS CORES – OS BATIMENTOS – OS SONS. OS ECOS, OS SONHOS, OS DESEJOS. AS ESTRELAS DA MANHÃ.

Examinando-se o quadro aos poucos, em todos os detalhes, acaba-se certo que é muito mais provável que aquela calma, satisfação e boa vontade estejam mais sob a superfície do que alguma coisa traiçoeira e sinistra. [...] E assim voltava-se para casa com o pensamento de [...] felicidade e satisfação [que] abafassem aquele grito inquieto, odioso, até esmagá-lo e silenciá-lo pela sua pressão pela existência. (WOOLF, 1992, p. 226)

O BRILHO – A MINÚCIA – O SILÊNCIO – A TENTATIVA – A PLURALIDADE – O RETORNO – O CUIDADO. A SAÍDA – O INÍCIO – UM RECORTE – O CONTROLE – UM SUSSURRO OUVIDO POR GRITOS. MOMENTO III. FIOS. FIO DA TRAMA – DA COSTURA – DO TECIDO – VIVO. PALCO – JARDIM – FOGO – FOLHA. ESCRITA – DOBRA – AUTO(RIA) – AUTO-CRIA. UMA LEITURA-RELATO. INDICADORES – SINALIZADORES – MENTIRAS – EVIDÊNCIAS –

COMPOSTOS PRIMÁRIOS. OBTUÁRIO – MOSTRUÁRIO - MONSTRUÁRIO. O RETORNO – O ESBOÇO – A LIGNINA DA TRAMA – A PLANTA – O CRESCIMENTO – O POPULOSO – AS FOLHAS – A PROLIFERAÇÃO – AS SUPERFÍCIES – O DIVERSO – OS VERSOS E ANVERSOS – OS VERSOS. AS ESTROFES E AS INVAGINAÇÕES E PROJEÇÕES – O RUMINADO. O PARÁGRAFO POR VIR – A NOVA SEMENTE.

Alguns torrões de barro tinham caído entre os utensílios do chá. Quem ia ser enterrado? perguntei. O velho Mr. Dodson morrera, afinal? "Oh, não, é para o jovem Rogers, o marinheiro", respondeu a mulher, encarando-me. "Morreu duas noites atrás de uma febre estranha. Não escutou a esposa? Ela correu para a estrada e soltou um grito [...]." (WOOLF, 1992, p. 227)

AS ESTAÇÕES – O RECOMEÇO – O COMEÇO. A MORTE – A VÍRGULA. OS DENTES – A POESIA – A ARTE – O CONFLITO – A INSTABILIDADE. O PRAZER. O ESGOTAMENTO – A BOCA – A DESCONTINUIDADE – A FEBRE – A FLOR – A DOR – AMOR – TEU JARDIM. MOMENTO IV – A VIDA RELANÇADA – A CONTINUIDADE – A RETRAMA – O ESCAPE DA TRAMA – O CHÁ E OS TORRÕES – NOVAS BOCAS – O MAR – O VENTO – AS DUNAS – OS FRUTOS – AS NOITES – OS OUTROS.

---:---

Introduzir *algo* cria um ambiente inédito, uma superfície que até então inexistente *agora* passa a explicar melhor *todo* o espaço envolvente, que o envolve. Esta introdução começa a detalhar, comentar mais, sobre esse espaço decorrente – e esse aparente recomeço, outro quadro, não se pretende menos inovador de rumos do que o anterior e anterior e anterior... No entanto, idem ao sucessor, sucessor, sucessor e... Também, *esta Introdução* passa a *se explicar* e iniciada *esta* [sua] dobra-redobra, reenquadrada, ela vai se fractalizando em pequenos giros, muitos quase imperceptíveis, que circundando o leitor o colocam no olho de um turbilhão, por isso mesmo, numa zona de calmaria até que o sujeito-leitor deixe de ser leitor – quando, então saído deste calabouço, será na ida ao exterior destas palavras que se *acontecerá* um estranhamento maior pois na transgressão ao limite destas margens há enfrentamentos maiores e mais diversos, outras vidas, a própria vida de quem agora me lê saindo, adentrando, ainda que se lendo em tantas outras passagens.

Introduzir *algo*, neste caso, transita por certa sensação/impressão de corrupção sobre o planejado. Na esteira de incerta elucidação de todo o percurso aqui existente, os riscos – já mencionados anteriormente – que a leitura desta tese a partir deste ponto corre, compõem a potência com que leitores confeccionarão outras teses. Isso não se configura um problema e é por isso mesmo que: (1) “AMD MR.”, versando sobre a morte de alguém, traz a este palco certa arte presente no texto “Memórias Póstumas de Brás Cubas” que *aqui* ganha outra dimensão – quem morre tem uma importância estrutural; é rompimento de casca de ovo que assegura voo de vida; (2) “A vida de L.N.C.” é o processo evolutivo que conduziu pássaros à perda da capacidade de voo, logo, uma adaptação estrutural, funcional, que contribuiu para o enriquecimento biológico – onde nidificariam os avestruzes se voassem? No mais “A vida de L.N.C.” é apresentada anterior à “AMD MR.” pois é ponto de partida do autor quando em sua graduação nas Ciências Biológicas; (3) “Ignições” foram tentativas, tentativas de começos e recomeços; foram introduções iniciadas e abortadas. Se abortos, trazem a massa pré-vital que persiste em tentativa de vida – composição de ser-inacabado, em construção, por isso mesmo de desmanches e de corpos assessores, anexos; (4) “13 de julho de 2007 ou Anos depois” é artesanice do autor sobre o passar do tempo, sobre a primeira exposição de uma obra de arte plástica própria que a partir de seu registro quando na época é colocado em 2018/2019/2020 como parte integrante de um novo processo chamado *tese de doutorado*. A opção (subopção) por “Anos depois” reitera(va) a diferença e repetição sobre a qual a vida opera, com a qual a vida se dá, se oferta, se consome; idem para a escrita e seu processo de criação. A grosso modo, “13 de julho ou Anos depois” fala do escrever, do escrever sobre escrever e sua importância reflexiva, sua também advertência pois é reside firma na escrita um perigo a autores e leitores – não é por menos que (5) “Advertência”, título supressor de “A Contribuição” é a inserção desta produção acadêmica num universo que por vezes carece da *secura* das necessidades de importância, impactos, contribuições, todas imediatas e atendentes de uma economia tolhedora-detentora de modos de existir. É, também em “Advertência” que o oculto se faz explícito, tentativa de não apreensão d’A Verdade, preocupação-última desta tese, se assim for. (6) “Cenários Populosos: *Personáscaras*” preenche algumas ignições e na trama conjunta com “Advertência” não critica a Universidade – pelo contrário, aponta a possibilidade de criação estando dentro dela e, evidentemente, não a coloca como lugar perfeito (não que haja algum). Ainda, em *Personáscaras* habita uma crítica-criatura que, irônica, manipuladora e feiticeira, rouba do leitor não encantado más impressões, equívocos, febris inquietações – saberá o leitor viver essa febre? essa doença? esse frio? a ausência de página ao final? e o começo nunca o mesmo?. Assim, é sem tempo de prévio anúncio junto ao

sumário que um raio (7) se faz e no desejo do artista-cientista-biólogo de apreensão desse raio, descarga elétrica, uma página também não se faz. Na presente tese “o espaço de tempo”, a duração de um instante passa também a “espaços dum tempo”, páginas de um instante colocado à sua evidência máxima, sombria, obscura, condição de máxima percepção da menor claridade, evidência [de poética (da vida, do viver)]. Tal raio também é prática antigenerais, anticonorelismos atuais, arte posta em prática!,

As pessoas pararam ao meu redor, me examinavam, curiosas. Eu continuava ali no meio, gesticulava, ansioso para me explicar, torna-las participantes do raio que me iluminara de repente: e ficava quieto. Quietos, porque no momento em que levantei os braços e abri a boca a grande revelação foi como que engolida e as palavras saíram de mim assim, de chofre. [...] – Desculpem – respondi. – Talvez eu é que tenha me enganado. Tive a impressão. Mas está tudo no lugar. Desculpem. – E me afastei entre seus olhares severos. (CALVINO, 2007, p. 14. “O raio” in “O general na biblioteca)

(8) “[TÍTULO ILEGÍVEL]” é efeito pós-clarão de raio; é água que lava a sujeira, a terra, o solo e cria veios, sulcos, ravinas de pistas que se secam ao sol, desbotadas, desbarrancadas, desabrochadas. É trabalho *sobrevidência*, com pistas de algo nascente, uma nascente da tese, a folha da fortuna, sinal de riqueza – fortuna! – enquanto metodologia promissora que... Que, no entanto, ao dobrar-se sobre si mesma, *autoanálise*, mostrou-se insuficiente a uma vontade de escrita já surreal, já avassaladora em sua potência conhecida, supostamente conhecida. “[TÍTULO ILEGÍVEL]” também é a possibilidade de elucidação de alguns amálgamas já percebidos anteriormente: palavras aglutinadas e aglutinadoras, imagens sobrepostas, momentos encavalados, retornos e permanências arrastados, situações em muito diferenciadas do “comum”, “normal”, “esperado”, “previsível”. Logo, eis porta de entrada de um quadro, outro, mais um, o presente item (9) “O Jardim das Delícias”, tríptico de Hieronymus Bosch, aqui trazido pelas suas criaturas, os seres de uma tese, isto é, as possibilidades metodológicas, das tantas teses assessoras, os anversos de todo verso desta obra – bem como a viagem a se fazer para determinados alcances, o voo de balão, modo de locomoção, aéreo e com fogo, campo de movimentação e força propulsora. “O Jardim das Delícias” também dadas as características/particularidades desta escrita é bolha decorrente de ebulição (ar e fogo), por isso, fragilidade, insustentável leveza a esta tese, face-anverso a ser alcançado, rompimento (mais) histórico por vir. Ainda nessa seção-e-sessão do Momento II, está considerado implicitamente e para a existência de um jardim rico em diversidade de formas, cores e “atuações”, certa demanda por recurso hídrico: eis a presença fundamental de um lago. A

imagem aquática – o lago enquanto um cenário da própria narrativa, local de sedimentação, se profundo ou raso (de se aprofundar ou se fazer flor, beiral, margem), se espelho ou inclusive sinalizador reverberante daquilo que chega até ele (se narcísico e labirintiforme ou se tremulação dos Outros que compõem um Eu) – é o que chama e carrega para si a necessidade de todo um relevo que contorna-surporta fascínios, que faz ecoar os cânticos das Mães d’Água, das sirenas e do sereno:

Talvez fosse aquela a razão do fascínio - que o lago encerrasse em suas águas fantasias de todos os gêneros, queixas, confidências, não impressas nem expressas em voz alta senão em estado líquido, flututando uma em cima da outra, quase desencorpadas. [...] O enquanto do lado era devido aos pensamentos ali deixados por pessoas que partiram, e sem seus corpos os pensamentos vagavam livremente, cordiais e comunicativos, no lado comum. Entre esses pensamentos líquidos, alguns pareciam juntar-se e formar pessoas reconhecíveis - só por um instante (WOOLF, 1992, p.222)

Ainda, não se pode se descansar da estrutura do lago desta tese sem considerar os seguintes e poéticos dizeres bachelardianos, todos precursores desta estrutura arquipé-*lago*, pélagos aninhado, mundo refletido, fuga de representações determinantes:

Mas será o lago ou será o olho que contempla melhor? O lago, o tanque, a água dormente nos detêm em suas margens. Ele diz ao querer: não irás mais longe; tens o dever de contemplar as coisas distantes, coisas além! Enquanto corrias, alguma coisa aqui, já, olhava. O lago é um grande olho tranquilo. O lago recebe toda a luz e com ela faz um mundo. (BACHELARD, p. 30)

Lago único, capaz de fazer morrer de tanto (vi)vê-lo; justificativa através da qual o lago desaparece da esperançosa escrita. Na sequência, (10) “Flecha de fogo” remete à consequência da flecha lançada pelos pensamentos de Giordano Bruno que, incendiada pelo Sol avassalador de Ícaro, chegou a outro limite, às fronteiras e interiores desta tese; e o *Jardim das Delícias*, estruturando-se feito escola e não mais enquanto movimento de criaturas, foi, assim, incendiado completamente. Sobre incerta desilusão e sobretudo a partir da falta de energia criativa pós-incêndio – esgotamento de combustível –, fez-se necessário (11) “Sobre um fio sincero desta história” [“capítulo” suprimido nesta versão final] como também um percurso sobre as cinzas dum roseiral que, compondo trama de carbono, organicidade estruturante de formas de vida, reconduziu esta escrita para um antigo começo, feito retorno às Ignições, começo de um alfabeto/abecedário – resgate da vontade de riqueza, fortuna: o Monstruário (12). Sobre o Mostruário + Obituário, em respeito ao lago e tantas criaturas-criações a “seção” foi inicialmente denominada “XYZdário” (também uma

referência aos sistemas de determinação do sexo utilizado para diferentes grupos de seres vivos; “sexo – reprodução – proliferação”); entretanto, mantido o “Monstruário”, o problema da representação não persistiria se reforçada a ideia de uma linguagem liberta o bastante do abecedário e muito capaz de tensionar a própria sequência alfabética.

---:---

Mas já estavam cansados das coisas de que ela falava no jantar. Queriam descobrir o seu mais profundo estado de ser e transformá-lo em palavras, o estado que é para a mente o que a respiração é para o corpo, o que se chama felicidade ou infelicidade. [...] As pessoas não deviam pendurar espelhos nas suas salas. (WOOLF, 1992, p. 220)

Por fim, neste final de Introdução, é precioso apontar o grito ecoado de um conto que, feito reflexo audível, ecoa feito seixo rolado sobre as águas do lago, daquele lago, lago por vir. Por fim, neste final de Introdução, é precioso também compreender que a predisposição com que todas as palavras anteriores buscaram clarear o que se segue é falsa, no entanto, “falsa” na pretensão da clareza, num sentido próximo ao da clarividência. Esta tese após sua finalização foi levada através da leitura de voltas ao lago: um leitor, buscando sua imagem, reencontrou-se e sobre ele foi lançada uma noite de lua. Antes da certeza do mergulho destas/nestas páginas, a *algo*-lunar envolveu este *algo*-tese não permitindo se certificar se o mesmo agora está na profundidade do lago, profundidade da vida, ou se na exterioridade do mundo. A natureza não deveria fazer de cova alguma seu espelho.

Biologias sobre conceitos e metáforas, movimentos surreais MOVIMENTOS DE VIDA-MORTE-VIDA: CRIANDO BIOLOGIAS SURREAIS SUMÁRIO O GRANDE ENSAIO IGNIÇÕES 13 DE JULHO DE 2017 ou ANOS DEPOIS AMDMR. ADVERTÊNCIA PERSONÁSCARAS [TÍTULO ILEGÍVEL] O JARDIM DAS DELÍCIAS O DESPERTAR XYZedário CONSIDERAÇÕES FINAIS (preliminares)	SUMÁRIO MOMENTO I: UM GRANDE ENSAIO Ignições 13 de julho de 2007 ou Anos depois AMDMR. [Advertência] MOMENTO II: CENÁRIOS POPULOSOS: PERSONÁSCARAS [TÍTULO ILEGÍVEL] O Jardim das Delicias <i>Tringo Hatar</i> MOMENTO III: SOBRE UM FIO SINCERO DESTA HISTÓRIA Nota MOMENTO IV: MONSTRUÁRIO <i>O U-ALBETO</i> IT A VARIAÇÕES DE A MOMENTO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS (preliminares)
--	--

Figura 01: Registro histórico da estruturação/sumarização desta tese.

MOMENTO I: UM GRANDE ENSAIO

IGNIÇÕES

Boa noite. Eu espero que você me leia a noite: por favor, recite-a a mim, revele-a confessando a costura do grande jacá escuro que nos acolhe. *Se eu errei?* Quem irá saber? Até lá, espero que esteja iniciando minha leitura à noite, leitura *desta* também leitura. *Esquerdome*. Se sei quem me lê? Não faz sentido iniciá-la – *esta leitura desta pesquisa* – sob os sons do calor dos dias. Isso mesmo! *Ignições* é, antes de qualquer outra “coisa ou sentido” que possa já ser ou ainda vir a ser, uma pesquisa, *esta [parte de] pesquisa*. *Ignições*, sem abandonar a ousadia do *ser pesquisa*, é uma leitura de uma *pesquisa por vir* (há quem (ainda) a espere) – talvez e por isso, *Ignições* se faça também de própria pesquisa (de [um] si), uma *autopesquisa* que nos convida a pensá-la enquanto *outra pesquisa desta e não somente*; pensá-la *pesquisa-viva*, *Vida impura* que por *isso* mesmo, constantemente vem se (re)fazendo...

{

{1ª} Anotações e nada mais. Memórias e nada mais.

Invenções e nada mais. Dúvidas – eis a persistência pertinente

– eis a pertinência persistente

– e nada mais.

Nada mais *em* não somente.

{2ª} Tudo que se pretendia escrever... e que agora escapou.

{3ª} Um gato morto. O quase fim de uma dissertação.

{4ª} A *estrutura* – há estrutura? – silenciada desde o Trabalho de Conclusão de Curso.

{5ª} Lignina da complexidade: o quê esgarça o voo desta ave?

{6ª} Tintilam e tilintam misteriosamente os flashes de luz noturna alaranjada. Minha varanda é um profundo cais.

{7ª} Em algum momento direi que virei professor. Ou não.

{8ª} Em algum momento não direi tudo que pensei.

{9ª} Reli e esqueci. Esqueci-me por inteiro.

{10ª} Viver enquanto pesquisa; enquanto ato de pesquisar. Frisarão isso, mesmo dizendo que não. *Quem?*

{11ª} *Ignições* não são regras. São tentativas e não são de respostas. Por vezes, apresentam questionamentos. Claramente, também não se limitam a aforismos – a moral... Não sei por onde ela se encontra por aqui. *Ignições* pretende ser inícios de inícios – sem que

caíamos na ilusão do início e do fim. Talvez, por isso, Ignições é campo de indícios de supostos inícios que *foram alguma coisa significativa*; uma *coisa* que possivelmente poderá *virar outra*. Além disso tudo, Ignições não é e nem deve vir a ser um manifesto, nem mesmo guardar em preciosidade alguma significação importante – a *importância* é frouxa.

{12^a} Começo a entender o que eles disseram, todos *eus itálico-izados*.

{13^a} Cacos. Caio por entre eles. O escolhido desinteressado...

{14^a} ... pois não posso, não consigo!, negar o mal-estar, os males estares por aqui.

{15^a} Não. Não pretendo companhia.

{16^a} Sim.

{17^a} Hoje, logo pela manhã, meditei sobre a folha de antúrio: desvi amores que o tarot revelara. Na sombra úmida da gema-mãe, naquela dobra quase lacre, eu me vi.

{18^a} Tinhorão e Tinhorão-chorão o que Eu poderia fazer novamente com quadros molhados?

{19^a} Repito o que estará dito: louco, diabo e poeta. Artista parece estar em desuso.

{20^a} Sobre a ignição anterior, sim!, é um retorno. Tive que alterar toda a numeração – eu já estava na Ignição {50^a}

{21^a} Lagos são enigmáticos por demais. Consegue sentir esse [*este*] grande lago seco? Essa incrível depressão na qual, líquidos e extremamente voláteis, residimos?

{22^a} “14:59 Uma Nova Mensagem de Fantasma” – eis o motivo do apito do meu celular.

{23^a} A boa festa, a festança, pede convidados que não se agradam com ela.

{24^a} Toda segurança é desanimadora? A generalização, sint...

{25^a} Tesespetaculummm... Assovio ao sem som. De onde vem O Esforço. Teria sido melhor um questionamento?

{26^a} Tão óbvio que... São 15:12. Demorei a ler a mensagem.

{27^a} Foi necessário emparedar o mestre de obras para concluir a obra.

{28^a} Eu já sabia, Ms. L.

{29^a} Bioconstrutores, biocombustíveis, biomóbiles por um fio.

{30^a} Começar pelo final, final daquele começo de pós-graduação (Mestrado), recorrer a quase mesma estratégia, tem me deixado um tanto quanto...

{31^a} ... Sim! tem *me* deixado. Isso basta.

{32^a} Nem tímido ao começo, nem ao final.

{33^a} Uma festa sem segurança! Uma.

{34^a} Comprei três livros desconhecidos e estou muito curioso para lê-los. No entanto, há meses que o Contraponto, do Huxley, me consome já morno. Agora frio.

- {35^a} Não são dois “I”s. São os contornos de apenas um “I”. Microscópio.
- {36^a} A estação é da seca, já é inverno e, no entanto, alguma tentativa de chuva já se faz perceptível. Engana-se quem não prolongar estas ignições até o final de toda esta produção. A estação mudará, *está mudando* a uma escrita jamais vista antes.
- {37^a} Ontem, sobre ontem, paira o que eu não escrevi. Jogo do “(in)acessível”, tenho um chapéu de palha que parece um vortex furioso, tornado de fogo, farfalhar violento de palha seca. O farfalhar é seco, *sempre* seco.
- {38^a} “*Holy Motors*”, “*White Rabbit Red Rabbit*” e “O Inominável”.
- {39^a} Haverá repetições por aqui. Muitas. Várias. Diferentes. São começos tentando partida, nunca a mesma, apesar dos “sempres” que me incomodam muito.
- {40^a} Você (me) pulou?
- {41^a} (...) e os filhos, então, cobriram seus pais com fezes. Conjuração.
- {42^a} Pele a florir... Sinto-me tão ipê-róseo, amigo dos fogos.
- {43^a} “Foi então que eu vi as árvores, enormes sentinelas da terra. Nesse momento aprendi a espreitar as árvores” (Mia Couto, “*Contos do nascer da Terra*”).
- {44^a} Sobre a *forma*, *esta forma*: “Escritos sobre educação” (Nietzsche), “La escritura del desastre” (Blanchot), “A descoberta do mundo” (Lispector).
- {45^a} Sobre *noções* (i): jaca, framboesa, *ananás* e amora. Também biribá, glomérulo de casuarina e fruto de magnólia.
- {46^a} Sobre *noções* (ii): inhame, cará e taioba. Também *Manihot*, *Zantedeschia* e *Zingiber*.
- {47^a} Sobre *noções* (iii): iúcas, dracenas, cactos e nolinhas.
- {48^a} Sobre *noções de escapes*: ninfeias e nenúfares, aguapés e folha-da-fortuna. No entanto, também argilas e óleos.
- {49^a} Até *quanto* para (...)?
- {50^a} Ignição {20^a}.
- {51^a} *Criu ... Toiregre ...* O mais difícil de todos, o mais complicado, o mais habilidoso. O mais aberto, Aquele que conseguiu escapar de páginas posteriores, refazendo-se, hoje, [em] mistério. Estou com dificuldades para manter *Criu* neste “jogo”. Não queria ter escrito “jogo”, tão menos “habilidoso” ou mesmo “mais habilidoso”. *Criu* não me está sendo nada fácil: talvez tenha sido alguém a contemplar uma erupção vulcânica ao meu lado, talvez tenha sido o próprio vulcão (“*Toiregre*” me parece adequado à nomeação de vulcão). Talvez, *Criu* esteja sendo uma borda escorregadia de rochas prestes a despencarem ao centro de um vulcão; talvez, esteja sendo uma corrente de ar ascendente, talvez (...). No entanto, escrevendo a Ignição {66^a}, senti que a corrente não

é de ar: trata-se de um fluido viscoso, fétido e anti-autoaceitável, descendente, deprimente, de dedo-mão quebrada em soco na parede.

{52^a} A ignição anterior não deveria estar aqui.

{53^a} A ignição {51^a} não precisava ser uma ignição. Ela está imprecisa, é de uma desnecessidade tamanha que... Que realmente não *precisa* muita coisa.

{54^a} E qual não?

{55^a} A ignição {51^o} está falha, apagada e úmida.

{56^a} Ontem, muraram uma árvore. Hoje, esmurraram outra.

{57^a} Hoje, fugi das ciganas, numerosas e pedintes por mãos quando somente uma bastaria.

Estavam cobertas por pó e eram ambulantes, com olhos amarelados, não mais amarelos que o falso ouro de alguns de seus dentes. Seus cabelos serpentiformes pareciam carregar ainda mais terra-pó ao corpo. Elas, *tão nômade!*, *justo elas!*, não saberiam, *ainda que sendo elas!*, ler minha mão.

{58^a} Em branco.

{59^a}

{60^a} ou 60', uma hora qualquer. Que horas são? Dia ou noite? Inevitavelmente, de um lado do ponteiro ou de outro. Qual? lado ou ponteiro? Há um relógio sem ponteiros que funciona deitado sobre a cômoda do meu quarto. Gosto de ouvir o ranger das microengrenagens, independente da hora cuja marcação a elas inexistente.

{61^a} ou 61. Não tarda e, então, “sessenta^{aeum}”. Não poderia haver melhor número. Atrela-se a isso, emaranha-se a isso, as linhas-cores da parede, de todo aquele paredão de corredor, de corredor interno. Vou indo com essas palavras e retornando com estas outras palavras, palavras estas. As linhas-cores levavam, levavam-me, levavam-nos até o recanto úmido, úmido pois levemente mofado, e frio, frio pois final do dia, pois local térreo, com janelas pequenas e dispostas no alto. Pias, lavabos. Espelhos, também, e era preciso e necessário que nem eles nos observassem; era necessário e impreciso que fôssemos vulto, vulto que é imprecisão e que somente por isso é necessário. Que tardiamente os espelhos duvidassem do que se passou por ali, de todo algo que passa por ali, esse “ali” no qual não se fica. Passamos, passaram. O quê ficou: uma cicatriz em sua sobrancelha esquerda, uma coluna pressionando toda uma *descarga*, feito hálito peculiar, nem ruim, nem agradável.

{62^a} ou 62. Não tarda e, então, “sessenta^{edois}”. Consegue senti-los? Necessário(s)? Estava ali por você e somente, por isso necessário. Eis uma diferença envirgulada. Alguém entrou e, no entanto, já havíamos saído daquele *hall* de festa pública. O leitor me

acompanha. Seus pés, seus pés!, teriam ficado à mostra? Enganado o espelho, todo reflexo [sempre] se faz escudo – esse é o prêmio. E você o conhecia? Sua cicatriz tocou meus dedos e trocou-os de lugar – é pelo meu descuido que até então não entendo como que meus dedos a tocaram [a cicatriz] – esta escrita. As lâmpadas que foram ligadas ao adentrar *destes* passos se apagaram em poucos minutos. Foi o som do interruptor que me esquecia; *Eu* que também me esqueci.

{63^a} Não. Ich! Eu não deveria ter escrito o quê escrevi. Ich! Não, mesmo! If! Não! Também, não! ICh! Não, mais essa! Ifch!

{64^a} “*Monsieur & Madame Adelman*”, “*Il Postino*” e “Sobre a leitura”.

{65^a} “Tudo aquilo que você me fazia era mentira, um grande vazio. Você é incapaz de viver o quê você escreve”. (Do outro lado)

{66^a} (Pseudossólido em via de fluidificação)

{67^a} Do Colecionador de Coleções.

~~{68^a} É com o mínimo detalhe de um *tachado* que não toca a vírgula que um aparente erro se faz pensado cuidado que sobrevoa um ponto—.~~

{69^a} Nem 1 antes, nem 1 depois, muito menos dois. seoçingI, signo de peixes e tumor, amor e Roma, rumor de romã e, então, estranha placentação. Girino antenado, tempestades que chegam à costa, Terra de Z’Dozinai; a, pequeno povoado ou começo ou abertura ou passagem ou a, logo, *um tudo mais*. “Tambéns”, “talvezes”, “poréns”, “ês”, metáforas, conceitos e oxímoros que, todos, não compõem o “pano [de] fundo”, “um pano de um fundo”, mas sim o fundo de um pano, *esta trama* que se não fosse – se não pudesse ser – incendiária, seria [somente] esvoaçante.

{70^a} Hoje, já estão molhados, apagando qualquer fogo, toda ou qualquer ignição. Eu *Chovo...*

{71^a} Então, Você consegue. Não se conhece as forças operantes; elas não são conhecidas embora atuantes. Então, Você consegue. Não *se-tenta* mais *um*. Mais nada. Algo aconteceu neste *se-tentar*. É incrível como qualquer problema na relação com *um-Outro* é facilmente resolvido com a aparição de *um Outro-outro* – ainda que vindo e se fazendo enquanto um outro problema. Se o Outro me faz pensá-lo quase sempre um problema, não sei, talvez, sim. Sim! eu sei que a oração anterior ficou estranha. Ainda assim é impressionante como esses Outros *se resolvem e se dissolvem* invejavelmente.

{72^a} Rodeado por árvores, o pesadelo é acordado: o som da moto-serra a sangrar árvores que já insistem *no* viver.

- {73^a} Gosto de ler o que não entendo. Gosto de ler e não entender muita coisa. Gosto dos sabores das dúvidas, o que me deixa quase irritado – o que *me deixa muito irritado* – a ponto de não largar o livro, o texto, a palavra. Gosto de aprisionar a palavra em minha leitura – justo ela, justamente elas, que me aprisionam em seus jogos de sentidos. Gosto de textos difíceis. Qual seria *o mais difícil de todos*? Como fazê-lo? Sim, isso me dá prazer. Lindo bombardeio, apesar da guerra. Linda ferida, apesar da doença. Lindo abuso, apesar do cansaço. Lindo.
- {74^a} Estou quase convencido que as questões que operam *a respeito* dos lagos são questões que transitam perigosamente *sobre* e *sob* os lagos, precisamente na invocação de uma mínima altitude de contemplação da superfície. A partir do *seixo-21*, o que permito rolar, quicar, é que se tardiamente a profundidade (chamada anteriormente por “depressão”) pode trazer a hipóxia das palavras é porque, então e num momento anterior, foi ultrapassada a cortina da ilusão, do olho não somente *d’água*, mas também da terra e das atmosferas ferinas.
- {75^a} Adentrar superfícies, essa tarefa aparentemente tão científica. É como se o esfolar as palavras me desse mais superfícies, mais superficialidades, do que profundidades, profundezas, não necessariamente “maiores” pois “outras”. Descamamentos.
- {76^a} Certas extensões são [também] incêndios.
- {77^a} Saio da sala de aula. Saio da escola. Retornando à casa dos meus pais observo o córrego que se alarga pelas janelas dos ônibus: espelho negro, mas de uma negritude que sem tardar se transborda em verde-petróleo. Reparo que as cheias escavam as margens de uma maneira tão abocanhada, tão faminta... que na estiagem o leito parece everter seu abdômen. E eu deveria estar escrevendo outra coisa, sobre pálpebras e cílios.
- {78^a} Então, do cabível a um pensar desejosamente ininterrupto, saí. Não! Menti. Não saí do cabimento. Não saí do pensamento, tão menos do *desejar da mente*. [*Desejardamente, desajeitosamente.*] Se saí, foi pela ponte, dela e não somente; há muito mais sobre a ponte e a ponta de meus pés. A ponte, o rio leva, lava, incendeia com ferrugens. Saio.
- {79^a} Saí. Curtamente, rapidamente, ainda que mantendo o contato visual. Sem pontes, elo perdido? Dedos nas aulas, dedos nos quadros, toques nos dedos. Os dentes que comem os dedos até os ossos – que podem comê-los! –, se limitam ao aperitivo das unhas. As *entradas* são sempre muito saborosas; “aberturas abrem” ainda mais o apetite.
- {80^a} O País das Maravilhas, a Terra Sonâmbula, a Terra do Nunca, o Mundo Perdido, a Florácia, o Mundo Subterrâneo, o Núcleo da Terra, bem como a voz, a tez e os buracos

negros, tudo isso, todos esses “todos-tudo” *podem* se encontrar. É por isso, por aqui, *por aí*, que esta pesquisa (se) desponta.

{81^a} Teremos o problema do “conter” e do “contido” nesta escrita, na trama desta escrita?
[sensação de ignição]

{82^a} Estudem-me – como isto é um estudo de todos vocês. [propósito de ignição]

{83^a} Por vezes, o *break* antagoniza o sentido da *trip*, pluralizando-a. [funcionamento das ignições]

{84^a} Teu nome veio à mente; sete minutos de atraso, desde quando seu sinal vestigial veio ao mundo: você, todo alegre, desfazendo-se em mim.

{85^a} Este trabalho seria a uma Lauraceae – ainda que não exclusivamente –, tocante a tudo aquilo que *lhe* escapa? Inclusive a seus mentores e distratores?

{86^a} A {81^a} se tornou {82^a} quando na {84^a} e se mudou.

A {82^a} se tornou {83^a} quando na {85^a} e se mudou.

A {83^a} se tornou {85^a} quando na {83^a} e se mudou.

A {84^a} se tornou {82^a} quando na {82^a} e não se mudou.

A {85^a} permaneceu {85^a} quando na {83^a} e se mudou.

Ao final, todas foram removidas e refeitas.

{87^a} Este ordenamento me incomoda. Já o disse? *Mas prossigo...*

{88^a} (...) é um texto pesado e pensado, feito, composto, [...] por todas as suas tentativas de ser texto e apesar delas. “Pesado” pois são várias as gravidades que “recaem” sobre ele; várias as gravidades que tentam a muito custo concentra-lo.

{89^a} Hoje, mais do que nunca, me sinto vivo, mais vivo do que em todas as vezes que duvidei estar são, todas as vezes que duvidei estar vivo, ainda que duvidando, ainda que sabendo da vitalidade do duvidar. Hoje, mais do que nunca, *uma* embriaguez, uma viscosidade cerimonial, um momento-outro de ousadia me trouxe para cá. Hoje, mais do que nunca, me sinto vivo, mais vivo e isso basta nesta [e *a esta*] *folha*. Há um aroma sutil de vertigem: apaguei várias vezes o digitado, várias vezes o refeito (e) pensado. A vertigem continua, não mais feroz que o desdobramento de qualquer uma destas palavras.

{90^a} MAS O QUE É ISTO!!

{91^a} Estou numa grande floração outonal. Sazonal, prefiro ter-me florescente de abril a outubro ou novembro a ter-me frutificante – não é por menos que um ipê-róseo-alba me cairia muito bem: fruto misterioso, oculto, cujas sementes aladas são descamações da flor à pele, da vida. *Ser Homem-Árvore e/é uma poética concreta de desamores.*

Recordo-me: “Dessesamores”: uma performance elaborada para um sarau quando sem gaiolas, ainda que ruminante, verdejante, foliáceo ao invés de florido.

{92^a} Interroguei a {85^a} ignição.

{93^a} Os bilhetes molhados, os papéis encharcados, malditos sejam! Amaldiçoados, estão numa zona de não-edição. Malditos! Malditos! Peso o bico, a ponta, a esfera de tungstênio... Arredondo a rispidez das palavras? Volteios... *Voleios* soa melhor.

{94^a} Hoje é dia 26 de agosto de. Se não fosse por um importante motivo, não diria a data. Talvez eu ainda venha a apagar o ano... Talvez. Aconteceu, por esses dias, o retorno do Poeta: conectado, mais ruinoso do que nunca, [ele] trouxe boa música, vida, morte e obra sem pesar. Por aqui, eis esta tempestade que ainda lhe é imperceptível.

{95^a} [Eu] Não sabia o que escrever. Comecei com um jogo próximo a algo, *alguma coisa*, entre “escrever e não escrever” e o “não escrever o que se escreveria”. Se iniciei com um “não sabia o que escrever” é porque agora parece que sei. Parece. Algo me atravessou, assim como notícias estão atravessando toda esta escrita e outras escritas *disto aqui*. “Atravessamentos”... termo meio modinha. Ok. No entanto, se o “ok” pareceu ser algo meio “*descolado*”, talvez tudo esteja “ok”, mesmo. E, agora, o escrito se direciona sobre uma ponte entre a fala de uma aluna, ocorrida durante a aula da manhã de hoje, e a notícia que somente agora à noite estou a me inteirar. “O maior sentido é o da vida, buscar seu sentido, não é mesmo professor?”. Talvez eu realmente esteja sem certeza alguma do que eu estou fazendo com meus alunos – e isso é bom, ainda que nem todos pensem assim. Talvez eu não devesse registrar isso – e se isso, *isto*, for ficção, invenção? Talvez eu esteja apenas me amparando, *me escondendo*, na ficção. Talvez, não; talvez, enquanto saxofones gritam, eu já esteja a dobrar o jogo *desta* ficção que por aqui chegou ligeira e sorrateiramente. *Talvez*. Tabuleiros. Mesmo porque não sabemos qual o seu sentido; se o buscamos, que estejamos atentos aos tantos outros que vamos *produzindo*: sentidos de vida, vidas por sentidos, por segundos ou nem isso. *Senhor! Isto já está um incêndio!* E a notícia? E as mortes, o surto de suicídios na USP, bem como todas as “tentativas de” que ocorreram e vêm ocorrendo? *Segundos... ou nem isso*. Da manhã abafada a esta noite insuportavelmente quente, sinto-me mais *descolado* do que o “ok”: desgarro(-me) do que?

{96^a} Um livro, um livro muito importante, um livro que, além de novo, está a caminho.

{97^a} Uma página. Abri o livro. Procurei pelo título no sumário. Achei o capítulo. Lida a primeira página, como lidar com um capítulo cuja extensão preenchia apenas a página [já] lida? Antes, literalmente, o *Nada*; logo após, *Introduções* de um *Memorandum* –

todas tão incendiárias quanto estas Ignições. Atônito, frustrei-me com o ruir deste meu até então ineditismo – ruínas que se juntaram às oriundas das chegadas de incertas Clarices, de oníricos Lautréamonts e Nada mais. Passado(s) atualizado(s).

{98^a} Há algo fervilhando em minha memória – não o revelarei. De salto, *em segurança de mistério*, alcanço [novamente] o artista, o escritor; também, o escritor e sua máxima arte, a poesia, uma *talvez reconciliação*, o ser mago. Ressalto. Se não linhas, vetores. Vetores que ainda assim não me satisfazem. [Direções?] Certa vez, ouvi o Poeta, o mesmo que já me escrevera, cantar: “– É preciso traçar uma linha por todo esse caos”. Espero até hoje que Ele tenha mentido ao Mago.

{99^a} “Houston, we have an abstract!”

{100^a} Rosas vermelhas!

{101^a} Rosas vermelhas desabrochando!

{102^a} Sândalo e almíscar besuntam a vastidão macia da sua pele.

{103^a} Seu franco idioma me conduziu ao arrepio do sussurro.

{104^a} Triugo Hatar ... Pessoa.

{105^a} Há semanas estou preso à metáfora da rosa.

{106^a} *Ab Rei Jos! Ab Rei Jos!* – gritava aquele recanto aquecido, morno e úmido.

{107^a} A ansiedade por mais daquelas descargas elétricas conduziu-o a inimaginável autocanibalismo: não notara que daquela vez a pele destacada do dedo indicador esquerdo possuía uma espessura para além da de tantas outras já ingeridas. Macia, aquela superfície de pele *lhe desceu* igual a pedaço de peixe quando também se esquece do fino e tinto vinho acompanhante. Beber diretamente da adega do corpo é tornar-se queijo envelhecido, bem *curado*.

{108^a} Triugo Hatar ... Personagem.

{109^a} Ele come carne crua; Ele bebe da vida nua; Ele dorme e sua; Ele se aquece, não entardece, não amanhece, apenas se envaidece a qualquer luz intensa.

{110^a} ... tão presente, tão próximo que dentro, tão próximo que me envolve, tão próximo que me *desgenero* todo.

{111^a} Triugo Hatar ... Lugar.

{112^a} Celulose... Não. Então, disse-lhe “ligninas”. Interessante como a estrutura-lignina me soou tecido, mais fio do que fibroso, mais linha do que obstáculo, mais trama do que resíduo de extração em ácido.

{113^a} Entre o “custará” e o “custaria”, a personagem San Roco do conto Metafísica do Poder se faz ponto de viragem. Poderia ter sido “virada”, “ponto de virada”, porém, o “v”

com o “em” terminal ressoa em “vertigem”; também, “iragem” ressoa em “miragem”. A composição de “viragem”, *aqui*, é de uma miragem vertiginosa, daquelas que colocam o ficcional a [se] duvidar e o Tempo a se embriagar. San Roco é o mais forte dos desejos, é um incendiário; é [perigoso] prazer, desses que turvam o viver, clareando os veios da Morte. É aquilo que diz não ser.

{114^a} Como pode?

{115^a} Dor.

{116^a} Um lago. Novamente, *um lago*. Um texto por vir. *Novamente*, um texto por vir. Suas águas guardam a braveza do escarlate rosáceo quando tornado chamas, flamejante energia devastadora.

{117^a} Rosas nunca fizeram parte do *script* fundador desta “Ignições”.

{118^a} O Carro. A Temperança. A Torre. Destruição/Reconstrução: verdade de “ajuste” vital chegando a galopes. *Ah, Torre*.

{119^a} Pandemia! Pã de máscara, alado, rápido, invisível.

{120^a}

13 DE JULHO DE 2007 ou ANOS DEPOIS

Em páginas anteriores – não pertencentes a *Ignições* –, a escrita mais recente data de março. Noutras páginas – perfeitamente cabíveis a ignições, embora não presentes *Nela* –, um primórdio (foliar) de uma aventura de *escrita da vida* se fez e ainda se faz pois insiste em propagar(-se em) tal feitura – *fazer folhas, superfícies tocantes, planos*. Acerca da *recente escrita*, quase presente, praticamente quatro meses já se passaram – certamente que não se passaram em branco, nem somente em silêncio. Talvez, por aqui ocorra incerta impressão de “sileciosidade”, no entanto, transponho um escrito, também este escrito, “para cá”; retiro-o dum “caderninho verde”, meu quase-diário, quase-caderneta-de-campo, e venho digitá-lo.

Este caderno, então, me parece não mais estar cumprindo com o propósito que eu lhe dera, o propósito que me fez roubá-lo, abri-lo e escrever meu nome em sua contracapa. Talvez, a “função” que atribuí a este caderno já fosse desde o começo disto tudo, algo incabível a ele, nele e também por aqui. Incabível ou não represável. Assim, ou eu nunca estive a favor deste caderno, ou ele, minha busca e uso com ele, por ele e dele, nunca esteve a meu favor. Nem mesmo isto aqui. Recrutei-o a uma “missão” impossível [*de ser cumprida por ele, nele, aqui*]. Escrever o vivido, o que se vive (sempre [*sobre*] a escrita, neste caso) e o que se espera viver, o que se deseja viver, fazendo desses três “tempos” um único campo procedimental [*de pesquisa?*] de vida mostrou-se impossível de ser contido “tranquilamente” em papéis, nestas páginas [*e nestas outras*]. Isso era e seria óbvio, já lido, já ouvido, já enfadonho. Eu já sabia disso, no entanto, o desafio, o desafio... *Então?* Antes que eu me atrapalhe nas palavras que começam a me atrapalhar, quero *aqui* registrar algo que eu também já sabia: depois que se pensa em *algo* é necessário ser *habitado por uma força* capaz de conduzir o pensante ao exercício da escrita do pensado, ao escrever sobre o algo [*então já*] pensado. Recorro a essa ideia de *força* porque me é muito cansativo escrever – colocar no papel – os longos processos de criação de pensamentos que me levaram e me atravessaram ao pensar *algo*. O *cansaço* tem disso, essa *força* quase paralisante que, no entanto, é extremamente volátil ao desejo – por isso, tal *ser habitado por uma força* é considerar haver forças para querer, para desejar escrever o pensado, o pensamento. O *meu* problema é que a escrita retarda meu pensar. Depois de pensar, após refletir, eis novamente *um* óbvio: já pensei, já refleti; se esquecerei

ou não, é outra “questão”. Se tenho/terei necessidade de escrever para não esquecer, eis que talvez eu me esqueça... me esqueça de escrever e não do que deveria ter sido escrito. Talvez, eu não queira lembrar – o mais precioso esquecimento, aquele que é difícil de ser alcançado até mesmo pelo desejo. E esquecimento rima com apodrecimento. O que quero registrar – e me está sendo difícil *neste* [buscar] alcançar as palavras “adequadas” – é que me é cansativo por demais escrever “todo um algo”, “algo que chegou a determinado ponto ou curva ou... do pensamento, meu pensamento”, *algo* que não sei explicar pois ainda pode vir a ser qualquer outro pensamento (o)corrido, tido, não detido, nem retido, escapado. Talvez eu tenha sido mais claro em linhas anteriores. Expliquei, talvez eu tenha me explicado um pouco, *se me expliquei*. Acontece que se eu me retirar da preocupação com o meu próprio esquecimento acerca de *algo* – do pensado –, se eu não me preocupar com o *[meu]* possível esquecimento acerca de *algo*, para quê escreverei? por que escreverei? Há um assombro: o “leitor”, esse “campo” do leitor, esse seu “domínio”, enfim, *o leitor*, por que parece projetar uma sombra sobre essas questões? Essa outra questão (me) chega porque talvez eu não esteja escrevendo para alguém-específico; quando escrevo, sobretudo no que diz respeito ao que pretendo escrever *nestas páginas*, não estou a pensar em alguém *[em específico?]*. Acabo preferindo a interrogação. Não escrevo para outra pessoa que não eu mesmo – ainda que [o] eu-mesmo me odeie ler/reler; não gosto de ler o que escrevo, nunca gostei, embora goste muito de ler o que não entendo tão facilmente. *Como entender um parágrafo tão extenso?* E quando eu aponto que não gosto de ler [um] eu-mesmo, não pretendo apontar que eu permaneça o mesmo durante a escrita ou mesmo após terminá-la. Eu, sabendo que um-eu escreveu determinadas palavras, reconhecendo a caligrafia, lendo um nome que por vezes aparece ao final e me chama de volta aquilo que não sou mais – ainda que desejasse sê-lo novamente, não nego –, ganho vãs justificativas para não gostar de me ler. O mal-estar é de uma estranheza que não consigo explicar. E por que estou tentando explicar? Foram leitores que semearam todo este campo de discussão em meus pensamentos... Não é por menos que agora, por isso, outras questões, *estas questões*, germinam tentando ganhar espaço-luz enquanto se retorcem estioladas numa escuridão ainda reinante. A brancura deste papel é a mais falsa condição harmoniosa físico-fisiológica aos sentidos. E agora? Confesso que me perdi nas palavras... *Sentidos...* Remixes são bons, ótimos, *deliciosos*, no

entanto e por vezes, não, *quase sempre*, me “suspendem de uma concretude”. Se eu escrevo sem me preocupar com quem me lerá... Sei que vou escrevendo e me lendo, talvez a um mesmo tempo. E quando eu não sou mais o mesmo, quando eu me senti diferente daquele “eu” que começou o texto, eis que foi devido a alguma leitura, algum eco de outra leitura que realizei, mesmo já não sendo o mesmo. E não, não, eu não tenho controle sobre esses ecos. Talvez, novamente, isso seja melhor cabível ao domínio da memória, embora eu não deseje retornar a esse “aspecto”. De tanto que não quero escrever pensando em quem me lerá, eis que é difícil alcançar com esta escrita essa “questão do leitor” – e se penso no leitor, quando penso num leitor, ele me é sempre “questão”, ainda mais “duvidosa” quando se trata de um eu-leitor do que de outro leitor qualquer. *Qualquer...* Quero dizer que quando há um alguém, sei *algo* desse alguém, algo que poderá ser transformado, alterado, se houver alguma *correspondência* – salvo quando espero a resposta e ela não chega, quando esse *alguém* não me responde. Dizem, inclusive, que isso é muito comum no e com o amor verdadeiro, aquele “desesperado”, que de tão sincero é intenso. Ou, que “de tão intenso é sincero”... Não me recordo mais a ordem em que *certo alguém* me disse isso. Concordo. Dizem... No entanto, eu, que não pretendo escrever pensando em quem me lerá, devo/deveria me preocupar com *algo* ao escrever? “Justamente” – mais “injustamente”, então – eu, tão desejoso de tantas coisas, coisas por tantas vezes tão contraditórias? *Percebe, possível leitor, de onde eu (não) falo?* Eu que desejo escrever para ninguém – *cuidado!* –, eu que não desejo escrever para *alguém*, *neste caso*, sei que me lerão. “Cuidado”. Eu me recuso dizer o quê é *isto*, o que pode ser *isto* – justo eu que admiro tanto os “Sem título” (d)e “Autor desconhecido”. Penso que, *neste caso*, *neste outro caso*, no caso destes papéis ao invés dos papéis do caderninho verde, ainda que sendo casos afins, não há descuido maior comigo [mesmo] do que a leitura de outro eu, não eu-transformado, não eu-outro. Não interromperei, ainda, este parágrafo – apesar do amor mencionado anteriormente: há pensamentos que estão se repetindo ou quase isso. “Justifiquei-me” perante o não gostar de ler-me. *Justifiquei?* Amenizei o desconforto que a leitura me causa, inclusive na escrita, inclusive quando escrevo; o desconforto da incontrolável leitura que um Outro faz, me refaz. *Refaz-me?* *Amenizei?* Não deve parecer que penso a escrita e contemplo a leitura como forma de controle de *algo*. É “inexatamente” por desejar “incerto” descontrolado – pois o

descontrole é do âmbito das incertezas, ainda que *isto* pareça uma certeza – que não penso em *um* leitor, que não escrevo *a alguém*. No entanto, estou me refazendo tanto nestas e por estas linhas que... Isso me assombra [mais]. Por que?

- | - | -

Eu necessitei sair do texto, sair da sua proximidade, inclusive da proximidade com o papel e o visor do *notebook*. Necessitei sair “fisicamente”. Fui beber água. Acabei conversando com algumas pessoas a respeito de outros assuntos, assuntos diferentes disto tudo que está sendo *exposto* aqui. Fui longe, quase embora, quase não mais conseguiria retornar. Então, retornei ao meu quarto, fechei a porta e liguei o *abajur com relógio*. Trata-se de uma pequena e antiga luminária de mesa, trazida da casa da minha avó logo após o falecimento de meu avô – *ou isso teria ocorrido antes?* Seu florão vítreo, aerado, se encontra guardado no armário – mantenho-o no armário por cuidado. Embora ele não seja tão bonito, é simples e todo trabalhado por curvas. No entanto, curvas que não o fazem mais bonito do que um globo de vidro leitoso que acabo colocando na mesma luminária, substituindo o florão. Porém, agora, a lâmpada está nua; vejo quase ao cegar-me o filamento incandescente – dizem que muito em breve esse tipo de lâmpada não mais será fabricado. Novamente, *dizem...* Como da outra vez... [*em que as coisas acabavam, pareciam acabar; chegavam, não chegavam, pareciam chegar e não*]. Eu, que retornei às faces destas páginas, senti necessidade, uma estranha necessidade, em ler todo este escrito. Reler-me? Ao menos, reler estas palavras. Quando formulei o “Por que?” eu já havia me relido. Ele não marca o final, nem o começo, de parágrafos – *não somente*. Como eu aponte: pensei em não continuar. Então, resolvi, decidi, me justificar ao leitor, possível leitor – você, leitor-desconhecido – percebe o trabalho que você [leitor] me dá? Esta canseira, esta... Tão *outro* que é, como com quem conversei ao ir beber água. “Água” – não havia frisado isso; ela flui, ela jorra; uma poética um tanto clichê (e estava escrito “banal”). Para eu não me afogar, fiz o que fiz: fiz-me outro noutro parágrafo, ainda que já sido tal antes mesmo do parágrafo anterior terminar. Já aponte isso. Quando parei, tanto parei que, inclusive... Pararei de recorrer à água, à ideia da água; àquela, tomada, e a esta fluidez evocada, circundante: insistir nela, nessa segunda, irá me dilacerar numa corredeira caudalosa – fui redundante? – ou em duas, a do Mesmo e a do Outro. Talvez, eu crie raízes por *aqui*, neste pós-suspiro de vida da “metáfora da água”, esta fluidez de texto, torrencial, talvez. Vinha líquida, raízes, pós-metáfora da água, fossa do rio, da correnteza; pós-fluidez de uma metáfora ou quase isso, *rompimento total*, fossa, repito, fossa, vale,

depressão, poço, buraco. Melhor. Raízes tornadas lianas nesse, neste “não-fico”, justo isso, isto, tal parente da metáfora. Isto, parente]aberto[da metáfora. Se não isso, salto, saltarei: à queda-livre? aos ares? *Eu realmente necessitava beber água? Mas eu nem saí do quarto...* Ninguém me traria água. Por que me permiti interromper o texto para beber água? Por que me permiti interrompê-lo pela água que não bebi? E se não fosse a sede, teria sido a fome, o calor ou o frio me conduzindo à janela da varanda ou à gaveta de moletons; teria sido, ainda, uma dor de cabeça ou mesmo de unha – não necessariamente encravada –, um mal-estar qualquer – inclusive, decorrente de alguma lembrança, então, “não-qualquer” –, enfim, *algo* que me fez me ver não vendo nada mais que alguém desconhecido, um eu-outro que tento arrastar nestes períodos longos, que tento cultivá-lo... *Contê-lo? Controlá-lo?* Alguém estranho que está aqui. Mas, se prosseguir, se prossigo, estou me vendo, eu. *Sinto-me sufocado*. Reparo em meu quarto e tudo parece me solicitar uma descrição. Permitir espaço a esses pedidos e permitir-me a isso seria outra saída, igual a da água; seria outra saída “disto”, local para o qual espero, então, retornar novamente; *escorro*. *Quem?* Até antes de sentir o *sufoco*, antes mesmo do escrevê-lo, até realmente muito pouco antes, pensei não ser possível dizê-lo, bem como não ser possível criar aquelas raízes de anteriormente – ao menos, não *[mais]* por aqui; *decanto*. *Nem mesmo por ali...* Sim. Nem mesmo por lá. Além disso, todo um “meio”, *um*, não me permitiria saltar – somente metade de mim saltaria; metade ou parte menor ainda. *Bem menor...* Se você ainda estiver me lendo, percebe e entende o *sufoco*? Não demoro a repensar o *dilaceramento* ao qual também recorri, *ao qual te exponho, leitor*. Sufocados, estilhaçar-me-ei nas bifurcações das corredeiras *[dos pensamentos]*. Tão grande é a velocidade com que “fico a pensar” – não! Eu não “fico”! –, a imaginar essa cena, *este palco*, tão grande foi a velocidade com que escrevi “corredeira”, que não entendi e ainda não entendo o porquê de eu estar “parado” diante deste meio-começo de folha há mais de quarenta e três minutos – agora, quarenta e cinco. Enquanto isso, você está me lendo? Ocorre-me pensar: “Vai! Vai! você, leitor, terá que me ler sem eu (lhe) escrever! Leia! Leia!”. Mas eu seria muito severo se dissesse isso... *Mas eu pensei*. Mas eu escrevi. Ainda estou “parado”; “travado” talvez fosse um melhor termo. Já se passaram mais onze minutos. Pois, que a aparente continuidade por vir, esta aparente sequência, seja a do seguir dilacerado pois, Pois que *esta* aparente continuidade-sequência seja a do *seguir percolante* pois, Pois não no sentido da (pura) filtração à extração de substâncias pré-determinadas, mas nos sentidos, *vários!*, daquilo que escapa aos e dos próprios filtros. *Filtros...* Filtro: singular, apenas um, único, em questão,

E nunca um final se fez tão gritante pois, a ponto de envirgular o ponto (pretensiosamente final), (...), leia-me, leitor, leia-me. Eu teria prosseguido se *algo* não estivesse me contaminando desde o final daquele primeiro parágrafo: a sua presença. Não prossegui por conta dessa sua suposta presença – o que me convidou a deixar também em suposição aquele final, além do começo disto tudo que eu também não lhe revelei, ainda que tendo iniciado de algum [outro] modo. Eu teria prosseguido com “a vida”? “a literatura”? “a leitura”? “sua leitura”? ou “a liberdade”? possivelmente, “o livre arbítrio”? “a escolha”? ou, ainda, “o desejo”, embora já *tocado* tantas vezes? e por que não “a morte”, embora “esperada”? A “loucura”? Recuo. Não, “recuo” não. Refaço-me: estilhaçamento, percolação; interstícios, fendas, gretas, grutas?, recantos?, abrigos?, arenas?, espaços, particulados, partículas, espaços, partículas, espaços, partículas particuladas, espaços, partículas, partículas, Eu teria iniciado de outra maneira? Talvez, sim. Mais difícil do que “pensar para este texto”, Mais difícil do que “pensar este texto”, Mais difícil do que reescrever este texto (digitá-lo) é o pensar nas exaustões, na exaustão do prender as ideias nas palavras, no exaustivo cuidado de “melhor” prender as palavras nelas próprias e os sentidos entre eles próprios – a exaustão com que parte de mim fica(rá) por aqui e nunca se verá livre daqui. Mais difícil do que exaustar-me é negar que esse “prender(-me)”, que nem sempre se apresenta como tal, é o mesmo que o prender-se numa ilusão; é prender que é ilusão, mas ilusão na qual não se vive. *Não?* Eu mesmo, que não queria estar *agora* por *aqui*, gostaria de estar *preso* a braços e mãos outras que me escrevessem, que me escavassem!, de outras maneiras, por outras linhas e curvas (também de papel, também impressas); gostaria que fossem braços e logo mãos que encenariam me prender tão bem, tão bem... que seria [*quase?*] impossível negar tamanha vertigem, encenação. Gostaria – e agora eu digitarei o que está escrito no caderninho –

[...] de estar preso a braços que encenariam me prender, que me lavariam a crer que *algo* pode vir a durar um respiro a mais para além do último pulsar, semelhantemente aos seres vivos. É, assim, nesta quase *desolação* – sinto como preferir –, que este trabalho ou estudo ou pesquisa ou produção ou – nomeie como preferir – se faz presente e protegido/a por mim até, ao menos, o meu último pulsar. O suspiro será seu, se preferir assim, por eu lhe permitir dá-lo. Violência? Além disso, atualmente, espero que *isto* se faça presente, que se *apresente muito bem*, à Educação – ou à área que melhor desejar – por revelar o até então impensado (e dou minha palavra, *todas estas*, que sim: o impensado!). Escrever

“Educação” não estava no planejado rascunhado *disto tudo*, no entanto, foi preciso escrevê-la, dizê-la enquanto algo com tamanho tom de fechamento a todo este texto – sua morte. Refaço-me: *uma revelação de algo até então impensado cabe de antemão a alguma área específica do conhecimento? Penso que não*. Dizem que não. Dizem... Não é por menos que eu, após toda esta escrita, este exercício de escrita, convido à leitura destas palavras-ideias apenas escritores, artistas-escritores, artistas. Qualquer leitor que por aqui venha a se aventurar sem ter sido convidado também será muito bem-vindo – gosto por demais dos lugares em que estive sem que pudesse ter estado; gosto por demais das coisas que fiz sem que pudesse tê-las feito (nas aventuras, sempre corri buscar minhas sacolas de guardados, de achados-e-guardados: arames e cliques, pesos, frascos de diferentes tamanhos e colorações, extratos diversos, seringas, por vezes com agulhas, madeiras e serragens, cola, pincéis, canetas e lápis, lentes, água, fósforos, ímãs, pilhas e vinagre, elásticos e ...). *Por quê dessas sacolas?* [O leitor,] Chegue como chegar, terá muito o quê fazer – há dez anos eu escrevo um livro, um livro que não virou livro, porque sou meu leitor, único leitor, mas não somente por isso. “*Que não virou livro*”, repito, não pela unicidade do leitor. “*Que não virou livro*” e, no entanto, eis *aqui* parte de tal consequência – esse “aqui” que não é de agora. Eis uma “escrita” que não escrevi [ainda] e outra que não escreverei [ainda] pois esta não me permite escrevê-la. “Ainda” [de] uma tensão de papéis, personagens, máscaras, fantasmas, (...), *desejos sem fim*. Eu poderia ter apenas mencionado que o livro não está pronto, tão menos acabado, e assumir que também desconheço o porquê desta menção a esse assunto. Talvez seja porque “*nada está acabado*” e, assim, refaço-me novamente: o leitor – não me esqueci dele – terá muito a fazer após me ler; só digo isso, ainda que *ele* não faça “*nada*”, “quase nada”, ainda que possa ser qualquer um – esse arrasto sonoro de fim de música, esse “fim de música” que alargo em vertiginosa repetição [sem fim]. *O que eu ouvia?* O que eu ouvia ainda não dizia surrealismo.

Boa sorte, leitor.

A VIDA DE L. N. C.

Uma atmosfera poeirenta é cortada por um transversal luminoso de tempos; uma jarra de cristal disposta às pressas sobre a cômoda, ainda não caída e nem estilhaço reluzido, margeia uma falsa dobra da madeira, criando um eixo de prós e contras, aprofundando com outros planos cortantes a realidade ali deposta. As cortinas guardam digitais esgarçadoras do algodão e acentuam o mofo de pele, de vida presente no tecido – foi quando, então, nem em queda e tão menos livre, o espelho antigo, não preparado para aquele vulto, tremeu junto a um seco arranjo de calas moribundas. L. N. C. cultivara vistosos canteiros ao longo de sua juventude e deles colhera o deleite das superfícies irregularmente perigosas; a brancura circundante ao eixo central da inflorescência transmitia à L. N. C. a sensação de controle sobre os movimentos, de impossível abalo das estruturas por mais violento que fosse o balanço. Sinceramente, é uma pena que a jardinagem de L. N. C. tenha terminado na escola, ainda que numa trilha até o pátio. Caminhos...

O primeiro dia a ser recuperado é uma terça-feira primaveril, de primeiras chuvas, de diálogos demorados porém truncados: o vulto de antes agora repete seu nome, repete seu nome, seu nome, o nome que lhe deram. L. N. C. insiste nas verdades dançantes que sobre estruturas rodopiam suavemente, sendo o que são, *giramundus*: bailarina não é pássaro mas voa como um e o escritor [...] – é que qualquer ave de tutu se empoleira quando cansa, quando cansa, quando cansa; não desaba lá do céu e pássaro cansa quando voa, descansa enquanto canta e cansa de voar no canto; e voando no canto, cansando, “embarrando”, se estrutura no ser vivo que é; mas há aves que cantam durante o voo, conversando com seus predadores na vulnerabilidade da beleza, do peso da leveza, do atrito das rêmiges tramadas com o ar em movimento, com o movimento que é o próprio ar. É no âmbito dessas composições que, então, um pio pode cortar o gorjeio e à terra conduzir todo movimento, movimento, movimento, dum canto-carta de desassossego, ego, ego, ego.

A história de L. N. C. continua, vai continuando, continuando, continuando de um modo tortuoso, feito “certeza duvidosa”, serpentiforme, esguia. Enguias lhe fascinavam quando criança: corpo molhado, brilhoso, animal de migração. Acontece que noutra terça-feira qualquer, ruminadas aproximadamente nove noites após a anterior, o truncado estruturado, de voos rápidos e medrosos, versou sobre vastidões e a impossibilidade de [certas] pontes, contornos e mantos globais bem delimitados – rumores de uma limitação do/ao surreal; a estrela dum ontem. Olhos, grandes olhos amadeirados, pontuavam extremos e a eles “cautelavam” as citações sobre transgredi-los. Com L. N. C. todos os olhares tornavam-

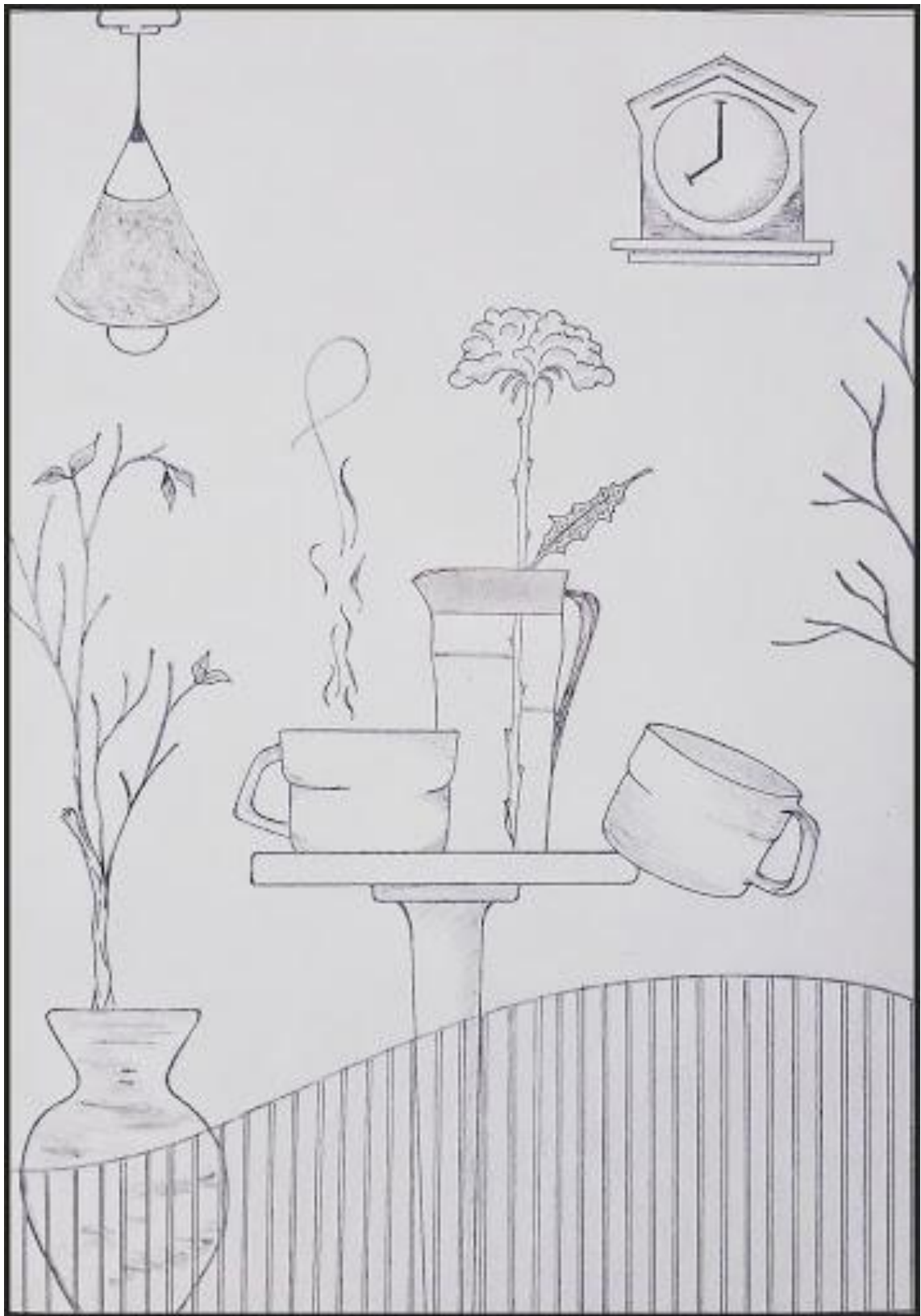
se esses rumores, sem esconderijos e por isso mesmo são claras e estranhamente sem entranhas as suas colocações, logo, considerações acerca de um não se mergulhar na potência das sensações dos limites da vida, do não se dissolver nas experiências-limites que lhe são próprias, particulares, particulares, moleculares, reativas.

“– Não pode(ria) ser apenas uma questão de idade!, Artur!” – e, assim, foi na terceira terça-feira que L. N. C. cansou-se do vaso que não caía, do estilhaço que não reluzia, nem jazia, das calas não caladas, da escola não-jardim... e viu-se melhor quando se narrando ser humano de estruturas, criadora de estruturações, vendendo flores de plástico, vendendo flores ao pó, estacando vidas e(m) narrativas; todo um pergolado de exposições ao sol e de tórridas, tórridas, tórridas narrações sob amarras de condutores, avenidas de serviços, estacas. Foi, então, que L. N. C., concebida pelas redomas finas dos signos, do brilho das estrelas, colocou a Artur um interdito – “último”, esperançoso de não transgressão – de que ali ele não teria vez, nem voz, apenas a foz. Interdito que agora transgrido, novamente, novamente, novamente, subterraneamente, pois componente de toda esta ação, série de implosões. Olhos agora tornados piscantes, azuis, água que incha a madeira. Ferozmente, aquele não instaurado por L. N. C., calar imposto pelo canto dum pássaro e atravessado pelo silêncio alienado de seus apreciadores, agora se reflete enquanto mesmice de muitos discursos [auto]nomeados inovadores. Calado, respondeu-se [estando] presente, escrevendo [...], sendo o predador do pássaro de canto aéreo. Amanheceu.

A sala *de estar* de L. N. C. sempre lhe trouxe o prazer do descanso, entretanto, no dia seguinte, L. N. C. fora convidada a se apresentar noutra sala, mais larga, desconhecida até então. O convite não lhe chegou de maneira especial, de modo que foi possível ler sua presença marcante – quando, então, L. N. C. recordou-se que havia confirmado sua presença com certa antecedência, ainda que informalmente, de boca a boca. Horas. Chegando, o curso das apresentações, não interrompido pelo atraso de L. N. C., já preparara seu nome por extenso nas costas do assento de uma cadeira à frente do pequeno mas seleto público. Horas. Sob os focos das luzes do palco improvisado, uma garota se automeando Liza N. Coshva iniciava a encenação de quando a própria Liza se via despida pelo discurso dum poeta quando numa apresentação circense. Ali, no espetáculo, Liza e L. N. C. afetavam-se tanto com a mensagem tão estrangeira e invasiva que lhes chegavam que era impossível distingui-las. Transcorridos vinte e seis minutos de apresentação, Liza se dirige à L. N. C. e passa a lhe recitar os mesmos dizeres do poeta. Liza, desnudando L. N. C., não permitia brechas ao escape de ninguém da plateia; nem Liza, nem L. N. C. conseguiram romper com a tensão daquela exposição. Horas.

Como se um corpo estranho lhes penetrassem através das vias respiratórias, forçando-lhe o fechamento da boca e a negação da audição, o fincamento dos dedos na terra, o deitar-se por completo sobre o solo, (...) – era assim que L. N. C. se descrevia mentalmente quando diante do espelho de sua sala *de estar*, sem descanso algum. Anteriores sentidos conduziam L. N. C. a uma completa presença corpórea estranha que, se intitulado, se despindo e conduzindo ao despir de outro, compondo suposta inovação artística, estética, criava uma atmosfera poeirenta sobre o que seria a inovação sobre a esteira da repetição. Ponto. Ponto, ponto. L. N. C., quase atônita, se recordava de quando algo semelhante havia lhe acontecido, lhe acometido; agora, tomava espaço apenas o voo de uma bailarina se fazendo suinamente carnal pode ganhar nomes e sobrenomes com mesmas iniciais – e apenas isso!; sapatilhas de concreto queimado ruindo contínuo estilhaço de jarra espatifada no chão; tutu compondo véu de despudor em ambiente sacro. Ponto, ponto, ponto. L. N. C., *diferentemente*, não gostou do que lhe acontecera *novamente*. Assim, suposto (não) encantamento de L. N. C. conduziria-a, anos depois, a um canto direcionado, cujo remetente conduz esta leitura a um cárcere demasiadamente sedutor. Massageado os glúteos, a língua, as formas e contornos, sonorizadas as letras e as partituras, L. N. C. agora vibra cegamente. Anoitece nesta mescla de tempos, de presentes passageiros, passados futurizados em incertezas e

Liza Neurumi Coshva



AMDMR.

“AMDMR.”, semente de endosperma ruminado que, quando germinada, quando seu *interior se faz exterior*, é “A morte de MR.” a dispersar-se folha-à-folha, fazendo-se fruto – *também este atrativo ou abre-alas*, este espetáculo quase à parte se não fosse pela senescência, pelo contágio por pólen e pela vida esporofítica.

Quarta-feira. Não poderia ser outro dia. *Por quê?* Respondo? Responderei? *Por que não deveria? Ou deveria?* Fiquei na dúvida se colocaria uma vírgula, logo ali, ali atrás. *Anteriormente*. Outra voz, outra vez, consequentemente, outro lugar. *Onde estou? Onde fico? Fico?* Talvez, a maior dificuldade do escrever este texto seja a não individualidade por meio da qual ele se faz. *Eus*. Talvez, isso justifique tais períodos curiosamente curtos. Inicialmente, agora, “curtos”. Paro.

Quarta-feira, após o horário do almoço. Almoço pontual, do meio-dia, com sol escaldante, cansaço da manhã seguido de espera, de mais espera, espera. Este texto não está bom. *Também penso que não*. Está *escolar...* *Como!?* – questiono aterrorizado. Talvez, porque esteja se parecendo a relatos do tipo “*Conte-nos como foi seu final de semana, Joãozinho*”. *Culpa dos livros didáticos nos quais nenhum personagem se chamava Adamastor, nem Urjotrão?* Talvez, porque este texto mal começou e já esteve olhando para o céu. *Para o Sol*. Arregalo os olhos? Ele me cega. Devo arregalar? *O texto?* Não escreverei o que pensei, o que pensei em escrever, o que não escreverei após ter pensado em escrever. *Escreveria...* Aguardo. Pensei. “Eu” não, não mais, levando-me, “levado-me” não mais, deixando-me, “deixado-me”, não mais, não não mais, nem, ao limite, além, arremessando-me, “arremessado-me”. *Limite? Qual?* Embora naquela quarta-feira eu não tenha aguardado-a tanto. Quem? Ela? Pois bem, se insistir, di-la-ei. Dilatei. *Ainda não. Arregalei e, então...*

Quarta-feira. Este dia da semana é único. A quarta-feira parece reservar em si algo de misterioso. Talvez seja o equilíbrio ou suposto equilíbrio, ilusório – *será?* –, uma “promessa de” com a qual a quarta casa dos sete dias da semana sussurra ser o centro, *um centro*. Do que? Talvez, um meio, então. *Um meio?* Um meio pelo qual um desequilíbrio se faz, pode se fazer. Ambiente? Espaço? Lugar? Como prosseguir? Para onde? *Modos...*

Quarta-feira, saio da biblioteca, procuro a sala. Não procuro *uma* [qualquer] sala. Talvez, seja melhor avisar o leitor que estou lá e cá, entre tempos, também. *Já não o fiz?* Qual sala devo procurar se não sei em qual deverei estar? *Deveria?* [Isto está me lembrando Dodgson. Não sei se gosto]. Não sei a sala. Passo a procurar [por] aquilo que ocorrerá na sala. Mas, se ainda não ocorreu, como procurá-la, essa ainda não-ocorrência? *Como?* É possível

procurar o que ainda não ocorreu? *Ainda?* Com que segurança posso pensar numa certeza da ocorrência ou da não-ocorrência? *Não tenho essa certeza* – e não sei se ela existe. Saio da biblioteca e necessito achar isso... esse... essa promessa! *Promessa de...* São vários os nomes que dão – e saber que, desde que começou, a cena que lá ocorreu nunca mais se repetiu. Nem mesmo se eu apelar a mais remota semelhança. *Apelarei?* Necessito encontrar a aula. *Necessito fazê-la acontecer.*

Quarta-feira. Ainda é necessário. (Re(-))Busco-a? *Ainda?* Ninguém acendeu as luzes. Até hoje eu não sei por qual motivo. E até agora eu não me recordava desse detalhe. *Detalhe?* Ela disse que tudo bem. *E por que não?* Por enquanto sim. Tarde quente, sala fresca. O frescor poderia ter me conduzido mais rapidamente, quase instantaneamente, às luzes apagadas. *Desligadas. Não acendidas.* Não ligadas. *Palavras diferentes, situações diferentes* – e isso não deveria aparecer aqui. Mas lâmpada fria não esquentaria tanto, nem esfriaria, nem... enfim... *Hipótese refutada?* Apelo. Recomeço.

Quarta-feira. Interior do Estado de São Paulo. Ainda não o disse, mas há um final já pronto, quase um desfecho que, meticulosamente, aguarda não tão impacientemente para sublimar. *Sublimar?* Sim. Ele [se/me] rasteja em minha direção. Estranho, estranho-me, estranho “-me”. *Sim.* Mas sei que esse final considerado pronto, considerando-se pronto desde então, até chegar, estará novamente não pronto. *Ainda.* Aguardo, tanto eu, tanto o final, *um tanto*. Lá, durante aquela quarta-feira, aguardava reconhecendo alguns rostos próximos, buscando alguma compreensão, algum fio de entendimento para aquilo, daquilo, no escuro não tão escuro. *O quê? Disto?* Além disso, o que eu estava fazendo ali? “– *Por que você está aqui?*” – essa pergunta não foi feita por mim. *Ou foi, também?* Dizê-la [a mim] foi o passaporte com o qual *Ela* acreditou poder sair do centro da sala e chegar até mim, sem passar anteriormente por mais ninguém e, irradiando-se, penetrar-me enquanto penetrava todos os demais. *Concomitantemente? Ela? Quem? Como?* Ocorreu-me pensar que tal questionamento deveria ser mais meu do que dela, mais emanado de mim a mim mesmo do que por *Ela* a todos nós. *Como Ela conseguiu fazer isso?* O que *Ela* pensava? O que *Ela* esperava? O que *Ela* buscava, procurava, pretendia, se possivelmente não tinha certeza alguma do que encontraria, do que ecoaria pela sala? Ecoaria? Ou será que, diferente de mim, *Ela* tinha alguma certeza? Teria? Do quê? *Da dúvida?* De incerto mal-estar? Propositado? Propositadamente arquitetado? À função-objetivo de uma queda, de um desmonte, de uma desconstrução, qual arquitetura deve ser posta ao risco, *este* risco? Também em rabisco, registro, cálculo de cuidado. *Que arquiteta!!* Também exclamei. Não [me] interroguei. *Erro de descuido?* Estruturas feitas para caírem, para explodir e se explodirem, para se

estilhaçarem estilhaçando o... *O entorno?* Assim, como eu poderia ter pensado em “algo a ser construído em conjunto” – usando termos de outros momentos – se eu já estava a me sentir esquarterado durante as quatro horas de queda livre, de contemplação intensa do abismo? Eis o “por que?” potencializado pelo tardio; tardia realização daquele questionamento – aquele sem convencional responder, sem esperada resposta. Aquele questionamento multifacetado: “O que você faz aqui?”, “O que você veio fazer (aqui)?”, “O que te trouxe aqui?”, “Por que você está aqui?” e outras variações a me lançarem a uma queda-livre na qual (...). *Por que essa queda e livre? Por que sempre essa queda e nunca uma ascensão para tamanho e vertiginoso “descontrole”, mudança, tiro, fluxo de vida, vertical chama de uma vela, gozo, espirro, solução na cama?* Como? Sem cômodo chão, por vezes também acomodado, não é possível se deslocar, não se anda, nem na linha bamba, nem no fio da navalha, pois nada mais segura essa navalha, nem as estacas que prenderiam o fio. *E quando “não é possível se deslocar”?* *Movimento meu braço e...* *O que penso em questionar, talvez neste espaço-momento-movimento tão inoportuno em relação a este texto, não é somente o sentido metafórico da referida queda, mas o quanto habita nele mesmo [no sentido] uma noção aparentemente segura mas desconhecida de sentido, num sentido próximo mesmo ao de direção. Acerca dessa queda acabo pensando-a enquanto busca pelo coração do planeta... No entanto, é um “para fora” que começa a se fazer mais presente nisto que estou pensando, querendo expor... tentando. Fora? E curiosamente pensei numa implosão... interna, de certo, interna.* Compreendo que podemos estar de ponta-cabeça. *Compreende?* E a pergunta realizada em sala ainda aguarda(va) resposta, tamanha a severidade do silêncio semeado por ela própria; severidade de suposta falta de palavras, do susto. *Susto? Não tenho medo de altura.* Altura escavada por Ela. *Altura feita por/em cova é raiz, fonte [também] silenciosa.* Porém, ...

Quarta-feira, quatorze horas, sala quarenta e quatro, luzes não ligadas. Acho estranho escrever “catorze”. Uma senhora sentada quase ao centro da sala, segurando uma significativa quantidade de folhas aparentemente em branco, diante de três quartos de um círculo de pessoas sentadas também em cadeiras e atrás de suas respectivas mesas. *Por que você está aqui?* Silêncio. Agora o *agora* “marca” zero hora e trinta e seis minutos. *Ele aponta.* Desde a escolha da primeira palavra deste texto, já se passaram mais de três horas. Silêncio. O que ela estava fazendo? *O que ela estava fazendo?* O que ela estava fazendo? O que!? Por que!? *O que estou fazendo? Por que estou aqui?* Respondo *aqui e somente aqui*, neste imediatismo, antes que me cobrem: a resposta é [o] questionar. Porque [o] *não*. A negação. *E por que não,*

não é mesmo? Para não ser o mesmo. *E por que isto?* Porque Ela não é *mesmância*² da diferença, é [uma] instância da *diferença*³, [uma] *diferância*⁴. *Definia-a? Define-a?* Somente o *silêncio e seu ruído* – afinal, o silencioso me vibra, me “envirgula” – se aproximam de uma suposta plenitude do defini-la indefinindo-a. *Ela é da “classe” das movimentações...*

A quarta-feira não passava. Não passou. Embora eu ainda afirme, já com uma fraca convicção. No entanto, ela não é somente minha. Mas, talvez seja, possa ser. *Por que não seria, não é mesmo?* Por que, ainda assim, seria? Não me espantei quando encontrei, entre tantos registros *seus*, as impressões *in-precisas*, *preciosas*, dessa quarta-feira até agora em questão – afinal, passei a habitar, sempre me fazendo estrangeiro naturalista, seus aposentos acadêmicos, seu ferro-velho enferrujável, enferrujado, enferrujante, sua oficina-ateliê (uma delas). Tão logo reconheci a letra, *minha letra*, percebi que havia uma data ao final da folha de caderno com sua lateral esquerda cortada quase imperceptivelmente por uma tesoura. *Sempre usei caderno*. Nunca me adaptei aos fichários. Busquei não observar essa data e, inclusive, até *este* momento não desejo aliviar o esforço da minha memória, nem despotencializar a promissora mistura esquecimento-imaginação. Mas, espero que o leitor saiba que estou sendo fiel ao passado que por aqui reconquista corpo, corpos, e assim serei até o fim. *Ao fim ou de volta ao começo disto tudo. Fiel a quê mesmo?* Ao movimento... *Este?* Releio-me. Perdi-me no registro encontrado em meio aos [*seus-meus*] papéis, também em papel, papéis, noutros tantos, e é esse ele-registro que se perdeu a seguir, por *aqui*. A perdição tem disso, este encanto de ocultar toda e qualquer outra pista que não seja ela própria. Mas a perdição, pista maior que é, também acolhe um “pouco-muito” de tudo: versos, imagens, sons... *Contrações (in)voluntárias... Vidro quebrado, disparo vegetal, látex sangrado. A vista da sala sendo um estacionamento em que imprevistos se resguardam e se reinventam... Uma pilha de pastas que cai, que caiu e vai caindo noutras coisas a cair, que caem, que se deslocou e caiu, caíram e... Altiva permanece a violeta em seu canto, em seu canto luminoso, durante ele, inclusive, e cúmplice e testemunha e (...).* [O que o leitor está lendo?]

Então, Uma música me remove dessas memórias todas; ela arremessa meu olhar para fora da sala, daquela sala, e do quarto deste *agora*, atravessando *em parte* a janela, essa parte que é [*sua*] abertura, aparente vazio que preenche o olhar, que faz do olhar um olhar. (...) atravessando parte que é abertura, tentação do dizer *não-parte*, abertura *da* janela – e o que seria da janela sem essa abertura? *Eis, também, janela da abertura!* E por que não? A música

² Isto é, *instância de mesmice*.

³ Isto é, *diferente diferença*.

⁴ Isto é, *instância de diferenciação das diferenças, dos processos de diferenciações*.

continua e irá continuar para além deste parágrafo, embora não até o final [deste texto], quando *ela* já se fará irreconhecível. Enfim, penso que o escrever está lá fora, nos contornos moventes de uma nuvem. A nuvem é nuvem porque se move, porque seus contornos se movem por não serem os mesmos. *Nem sempre nuvem*. Tento resgatar a atenção, outra [vez], aquela; tento olhar a grade da janela, a grade da antena que aparece logo atrás dessa; tento, tento e a nuvem passa. Penso, ainda, que a escrita [também] não é a nuvem, nem qualquer nuvem que seja, que se queira ser; a escrita é pássaro que, em disparo, sempre em disparo, faz a nuvem pousar em seu voo enquanto a nuvem encontra – procura? – no pássaro um aconchego, um ninho; é pássaro que alcança a não-nuvem da nuvem. *Um ninho no pássaro!* Eis grade da abertura e abertura dessa grade, sobre a qual, segunda, repousa [em] desejo, [em] cansaço, [com] medo e morte. *O que?* A [própria] grade. *E esse pássaro canta (...)*. Com este texto, *ao menos um* encadeamento, *um* encaminhamento, tem sido movimentado. *Um encantamento? Gradis que morrem*. Grade, texto, palavra, nuvem, o que viria e vem, até mesmo o que não vem, mas que já veio, o que passa-fica... *Pacífica? Por que?* E por que não dizer tudo isto? *Som grave de fim de música que não acaba. Berçário do coro agudo das almas, sempre do desconhecido*. O grave. Retorno. Retomo a... *Escrita*. Estar aberto a este controle-não-controle, a este descontrole-controle, é sequela. Se-qu'ela. Se, condição, possibilidade. Possibilidade de Qu'. Qu', de querer, *por que não?* Possível querer. Qu'ela, querê-la, “querer ela”. Se “ela querer”, quisier? *E ela quer*. Nestas condições *Ela* sempre quer. Se não quiser, esse não-querer é de um querer maior, então, este, como este. Porque *Ela* sempre parece escapar. *Por que ela parece sempre escapar?* Não aqui, não ali, lá. Então, lá, por que não cá? Não *aqui*, mas acima, acima, mais envolvente; mais abaixo, abaixo, abaixo e mais abaixo, subterrânea, coveira. Quem escapa d'A *Cangaceira?* Como escapar d'*Ela?* Apresentando esta sinceridade de bar através da qual falou o ..., nomeando-a assim, o cangaceiro, *para além do bem e do mal*, antes de tudo, é *uma* desbravadora.

Mito, poeta, louco, bruxo e diabo rodopiam, dançantes com as [mesmas] mãos...

Quarta-feira. Não. *Ela*.

Dou-me às mãos...

Ela, tão quarta-feira, tão... Faltam-me palavras. Falta minha, sempre minha, sempre. *Ela*, que parece ter em si todas as palavras, ao menos um convite a todas elas, me permite habitar tal falta de palavras. Permite-me e pode situar-me. *O convite à palavra não seria a falta de palavra?* Mas ela cria palavras; ela gesta inusitados sentidos [nelas, mas não somente]; uma coisa mais híbrida que a outra! No esboço deste texto, que o faço à mão, estou no meio de uma folha pautada. *Ela*, senhora detentora de uma quantidade significativa de

folhas aparentemente brancas, *em branco*, também se faz feiticeira em momentos como este, quando em espaços “vazios” como este, em que as linhas tentam me iludir, tentam se passar por grades. *Novamente, grades*. No entanto, ao tocá-las, acabo por afastá-las como se espantasse uma teia de aranha, como se espantasse uma teia de aranha como se espanta um mosquito – de início, sutilmente; posteriormente, desesperador [com seu retorno]. No entanto, penso haver algo mais desesperador à linha do que o aproximá-la da teia. *Ela* não comporta essa passividade, essa espera silenciosa por uma chegada, de um por vir, que me é tão indissociável da imagem-teia. *Ela* [me] chama – havia escrito que *Ela* grita – e já me enlaça antes de eu tocá-la. *Ela me toca antes? Sereia? De vestes – se é que se veste! – transparentes? Mesma transparência dos seus cantos de (...)? De silêncio. Ela, poupada de ser fio de teia de aranha – não que ela não venha a se emaranhar – revela-se tentáculo que, ainda assim, se não tão ativo, me parece menos passivo do que qualquer teia. Medusa? Ela, então, não somente no singular, tentáculos. Feiticeira cnidária. Ser-fase sésil-errante. Aberrante? Aberração? Retorno à medusa: somente a toxina mata o mar, jogo de amplitudes. Um mar. Quando ela se torna componente do mesmo, desse mesmo mar. Quando ela deixa de ser toxina. Quando esse mar não é mais o mesmo. Não se trata de vestígio oceânico; trata-se de pista textual, epistêmica, inclusive. Seria mesmo a morte uma aberração? A saber, já me sinto estranho pensando tanto que sim, quanto/como que não. Estranheza...! Toxina oceânico-(...). Não! Não me sinto estranho. Deveria. “Toxina” pois algo necessita ser letal, necessita trazer o irremediável.*

Quarta-feira, não uma quarta-feira qualquer. *Estranho, estranho-me ainda por aqui*. Uma quarta-feira já tardia ao decorrer do curso. *Outra*. Pensei na água-viva, ser com nome tão maravilhoso que, para mim, é noventa por cento oceano e dez por cento mar. Água que vive, graças à delicadeza – *graciosidade!* – com que um hífen permite uma obviedade tão clara como Alice, Clarice. *Ela*, também. Não líamos Clarice em sala. Escutávamo-la, por vezes, poucas, ao término da aula. *Poucas*, pois nem sempre a autoria do que nos era lido era revelada. Isso, esse *não-dizer*, ainda me desmonta mais do que qualquer coisa, por isso, quando escrevo, tento também *não-dizer*, tento fazer do desmonte uma montagem de desmontes. *Um revide? [Fazer] Esse desmonte-montagem-desmonte, esse “movimento”, isso, isto, me é familiar de alguma forma*. Forma? Esta escrita-leitura é difícil e quanto mais difícil ela se revelar, mais difícil ela deverá ser. O leitor que sobre estas páginas se entregar à tontura destas orações, destas vozes, e também à náusea, é, no mínimo, artista que sabe *não saber* ser, que sabe que se [ainda] *pode ser*, que é a(u)tor da própria vida. É Você, *U* de *grape*. No entanto, para além deste suposto incômodo profundo, desta intensa (des)estabilização que

me/lhe causa, que me/lhe faz, que somos, eis que a água [ainda] vive, *aquela. Ela? Somos?* Se me ocorre tentar desfazê-la, transforma-la, reinventa-la [em mim, reinventar-me] ou até mesmo *mata-la*, como queiram – ou não –, eis que me vejo necessitando ser mar ou estar prestes a mergulhar até lá, onde o próprio oceano escapa ao oceano, lá. Lá, onde qualquer mergulho numa profundidade-outra pois maior é perigosamente delicado devido ao arrasto da não repetição. Lá, onde *Ela* vive. Lá, local que *Ela* me faz pensar ser onde *Ela* vive. *Lá*. Efemeramente e inconstantemente *aqui*, onde minha cabeça dói, onde minhas ideias fervem. Lá, do *não*, do *nem*, *nem*, do *sem*, do *ex-hífen-in*, como já mencionado *lá*, noutra quarta-feira *daqui*, de outro modo. Lá, que me ocorre pensar ser onde não existo por *sê-la*; lá, onde, caso ela não seja, serei? Então, *aqui? Por que não?* No entanto, desfazendo-a, faço-a, refaço-a e... Por isso tudo espero me desviado de qualquer *lá*-essencial, de essência-alguma... Reticências – somente para parecer que eu escapo antes dela. E se escapo, também me refaço. Então, qual segurança tenho no refazê-la até a ... para que eu não esteja num refazer-me até a mesma, até *Ela? E, então, Ela me pega neste descuido reticenciado, (n)um arrasto: matá-la é matar-me. É?* Rapidamente, alcanço a superfície, tomo um fôlego. *Pode ser (?)*. Pode. Não me vejo mais *lá* no começo. E agora? *A ilha se faz continente quando o olhar não consegue atravessa-la*. Por que ter evocado essa (in)segurança? Insegurança que, repensada, me fez inserir a ilha *neste jogo* e, inclusive, esse *jogo*. *A ilha, aparentemente, não flutua*. Fujo do quê? Estou a fugir do quê? *Nem o oceano, também a cansar o olhar, se faz continente*. Obviedade tão desprezível que... *nem o oceano flutua, nem sempre é vencido pelo olhar e muito menos se ilha*. Circundam-se as águas e...

... assalta-me a coincidência de hoje ser uma quarta-feira. Obviamente, este texto vem sendo escrito ao longo de alguns dias. Ele ainda não está finalizado. *Não mais?* Mas, reparar que hoje é uma quarta-feira e aqui fazer tal *exposição*, pode ser tanto uma estratégia de fuga à presa que fui no parágrafo anterior, como, também, pode ser mais um *cuidado* que tenho comigo mesmo em relação ao o quê pretendo alcançar com este texto, com toda esta criação [em si]. *No entanto, considerar-me, ver-me assim, vermiforme, presa, refazer-me não-presa, permite que eu tenha sido [essa] presa? Escapei, mesmo, ou o beco da encruzilhada desceu seus muros, se desfazendo? fazendo-me?* O que vejo são papéis. Há pilhas de papéis, muitos deles já amarelados. *A seguir não tocará nenhuma música que não seja um uivo*. Todo e qualquer vento, por mais fraco que seja e que fosse consegue(ria) levar estas tantas folhas embora. *Embora...* E os grampos permitiriam? Os grampos enferrujados, que me fazem pensar serem melhores tingidores de papéis do que o próprio Tempo, eles mesmos, já não mais desejam estar onde estão. *Mas eles [também] são filhos do Tempo*. O Tempo, *Esse*

tempo, tem a cor vermelho-terra, mesma da ferrugem, do ferro cardíaco-cerebral da Terra, do planeta e seu núcleo. Novamente o planeta? E por que, então, não pensar num Tempo-linfático? Grampos possuem ferro em sua composição. No entanto, não somente ferro. A cor vem de uma mistura – e espero que nosso núcleo [planetário] esteja revestido por tal ferrugem, feito face interna de uma superfície receptora de um imenso óvulo espacial. Por que espera? Por que tal semelhança com um núcleo ou óvulo? Então o planeta é este imenso óvulo-errante-sideral. Por que errante? E a água lá sabe por onde anda? A água também promove oxidações, ferrugens. Penso que tal ferrugem, se fosse totalmente água, então, nem seria o quê é: mistura-reação que guarda, silenciosamente em si, um segredo da água ou um segredo [também?] cabível à água. E por que não cabível à água que vive? Não consigo pensar que não. O que a ferrugem dos seus papéis tem a dizer? Dos seus? De quem? Quem disse que são meus? Papéis Dela e de quando a vida ainda não retornava ao mar. Estudá-los-ei. Mas eles já não estão aqui? Já não estão a ecoar por aqui? E quem disse que eles não são meus? Estudá-la-ei. Mais água ao núcleo ferroso... Sobre a linfa, recorri à palidez das almas, ao movimento dos anjos-guardiões [de inspirações], movimento de esvaimento [de algo], quase um desgarre, desmame, dispêndio. Quase?

Quarta-feira. Quando ela se faz escorregadia, viscosa, fugaz, *Ela* se faz quase invisível, de uma invisibilidade *intensa* devido à impressão dessa uma/sua não-presença ou, até mesmo, dessa uma/sua questionável existência. Mera impressão. *Por vezes me interroguei se estava vendo-a ou não, se estava escutando-a ou não, se estava diante Dela ou não, tamanho o desconhecimento de si que Ela inoculava a cada instante e não somente em mim.* No entanto, em relação às barras que utilizei anteriormente, esclareço que não gosto de recorrer a elas. *Uma/sua, sua/uma, suauma, sumaúma.* Neste caso, elas [as barras] fazem vingar em pleno texto uma paineira inteira, uma árvore que rasga este texto, um [poder] ser que, emergindo do verso das palavras, destas palavras, violentamente sombreia – *que as-sombras* – as orações ainda não profanadas por esta experiência mais real que a realidade, *também e talvez por isso mesmo, ficção*, enquanto as linhas que delineiam as palavras, estas palavras do texto, deste texto, são os veios-meios que sulcam o tronco da sumaúma, *desta sumaúma*, de uma maneira tão curiosa que acabam por esculpir e polir acúleos.

Contemplo: essa perfeição da criação das barras, essa árvore torta, sempre torta. E para onde correm essas sombras quando a noite cai? Sinto, ao reler, ao ler-me, entre barras, que algodões parecem sair da minha boca. Não semeiei isso. Não? “Não” não caberia. Cuspi-os. Ou, talvez, devesse ficar assim mesmo, visto que não estou mais reconhecendo-a aqui. Não a reconheço? Não a percebo? Ou Ela não está [mais] aqui? Aqui-o-quê? Sinto-me

estranho – *Ela* não está tão próxima quanto antes. *Estaria escondida? À espreita?* A árvore nasceu e *Ela* não está mais aqui. Vejo-me escalando a sumaúma, buscando um maior campo de visão. *A vastidão deste parágrafo é a vastidão desse lugar!* A barra que virou árvore me leva a girar em volta de seu tronco sem jamais me permitir saber se *algo* gira-vira em oposição a mim; a barra que gerou a árvore à qual recorro em escape me gira feito louco carrossel – buscamos, agora, uma continuidade. Talvez, também esteja buscando uma zona de segurança. *Maior campo de visão para tentar [melhor] compreender a partícula-(de)-algo que está a escapar e não sei o quê é, o quê pode ser...* *Ela*. Também, *Surreal espinho de algodão*, outro texto. Texto de/à *Madame Chaos*, um quadro, um ela-texto, outro ela-tantos-textos, de ela-outro, de ela-elo, elo-outro, doutros. *Ouriço em cobertura de algodão: todo gracioso*. E do alto, acima do dossel, observo o dia se desfazendo, num fazer que quase impõe uma noite *que chega, que vem, quase que de fora, de um aparente fora*. Assombro? *Mas que até então pode ter estado apenas irreconhecível*. No entanto, é *Ela*. Percebo não mais se tratar de fazer da água, terra, nem da célula, planeta, nem da vertigem uma razão para a queda [na ferrugem]. *Ela* vem chegando e vai chegar, nem maior, nem menor. *Talvez, já esteja!* *E por que não?* No horizonte que contemplo, ela se faz gigante; o horizonte torna-a gigante, tão gigante quanto *El Coloso* sentado de Goya a me observar enquanto prepara o feitiço de um amanhecer constante – justo ele, que me é tão filho da mais senil noite. Justo *Ela*... que me (des)ajusta [com] o olhar. No entanto, não é de hoje que *El Coloso* vive um sonho inacabado de uma água escorrida, já seca. *E por que não este [sonho]?* Não estou a sonhar. Ainda necessito fazer o propósito que anuncia este texto; fazer o anunciado por este texto, o título, tão somente título, nome. “*Água seca*” seria um bom título, também. Além disso, no entanto, o *Colosso* não estaria a barrar o amanhecer, a prender-nos num tempo-terra sem saída? Olhe a expressão que nos chega do seu rosto... Olhe... Preciso, então, chegar até ele? Ultrapassá-lo para ver o novo dia? *Ultrapassá-lo?* Não, talvez: pois ver de perto a lua que nasce da terra, tão próximo, tão *nela*, pode me arrastar para a prisão de sua órbita ou, ao invés disso, pode de me deixar cair em sua fenda, a fenda do cosmos entre/de dois corpos. *Sim, talvez*. Além disso, No entanto, dizê-lo *Colosso* não me satisfaz, afinal... Quem é ele? *Não consigo precisar os traços de seu rosto...*

Neste vira dia, vira noite, vira amanhecer, também deslocador de quartas-feiras, desço do alto da sumaúma e caminho em direção à *Giganta*. Talvez *Ela* esteja precisando de espaço; talvez *Ela* esteja sentindo a falta de espaços seus, de territórios “demarcados” por nomadismos, perambulações e “preambulações”. *Talvez*, para não dizer *equivocado*. Talvez, *Ela* esteja no beiral do horizonte para melhor aguardar um cometa passar ou uma estrela

cessar de chegar. *Mas está escuro.* Não preciso dizer que o breu que me acolhe é tão penetrável que se parece sem fim, coisa sem fim – o breu me é a única, e por que não, certeza de que estou atravessando algo, alguma coisa. *Aqui*, então, pensei ser, estrategicamente e ativamente sombra, tentativa de totalidade, explosão, no entanto, vi-me [sendo/guiado] pelo filete de manhã que escapa à linha do horizonte, sobre a qual dois pilares se fazem pernas. *A mais densa escuridão se desfaz com esse e nesse filete.* [Eu] Já não era mais tão sombra e não poderia esperar pelos restos da escuridão. *Ela também estaria a fazer um feitiço.* [Isso deveria ter sido uma pergunta se...] Os ventos, então, graciosos e envenenados, tocaram-me com um murmurinho, quase uma ladainha sobreposta a outra ladainha, de breu sendo coagulado lentamente:

*No caminho da fala, / onde o rio não se cala, /
onde a vida cava a vala, / a morte faz-se ator, autor./
Na vala da fala / sussurra a sedução /
da fissura da repetição: / Vida que me cala. /
Sorrio. / Sorrio. / Sorrio. / Sorrio.*

Não demoro a perceber que sua magia não é propriamente a da *utopia*, mas sim a deste texto que já parece anunciar não ter fim ou cujo fim não será alcançado. *Será?* Mas estaria *lá* esse fim? *Lá?* Parece-me que já questionei isso... parece-me. No entanto, já anunciei haver um final pronto. Se não o *feitiço da utopia*, qual outro traria sutil estranhamento? *De repetição?* De traição. *De ilusão?* Se bem que o *feitiço do oxímoro (...)* não seria o (...)? Vejo-me tentado a dizer *déjà vu*, o *feitiço do déjà vu*. No entanto, biólogo que sou, reconheço aí, *aqui*, não [somente] uma questão de *diferença e repetição*, mas sim, de *metamorfose*. *Então, deveria ter dito mutação.* Mas “metamorfose” e “mutação” são coisas biologicamente distintas. *Não somente. E por que não “híbrido”, de “hibridização”?* Durante esta reflexão aquelas duas pernas se movimentaram sobre a linha do horizonte, se desfazendo rapidamente, feito chuva torrencial que cai pontualmente sobre o fim do mundo, *ali, lá*, onde meu olhar alcança as velas de um veleiro sempre a navegar; *ali, lá*, onde não suponho haver um rio ou mar, mas *onde é necessário* haver um rio ou mar; *ali...* E o feitiço sobre o amanhecer se findara. [O leitor buscou observar a mencionada obra de Goya?]. *Somos nós mesmos a feitiçaria, ainda que cansados! Ainda que sob dias por virem. Futuro banhado!* Futuro... Por algumas vezes tem-se a sorte de ver esse veleiro, sempre lento por conta da [minha] ansiedade. Sua “saída” é invenção desse futuro, é, também, lugar-tempo em que *Ela* estará sem estar; lugar-tempo que,

talvez, nunca devesse ter estado. É movimento. *Movitempo? No entanto, se [Ela] souber disso, onde-quando-como esteve para tanto? Num futuro que por assim ser eu ainda não sou, como poderei, por aqui, já me ver sendo ou sido quando olhar para Ela em seu vir a ser [que convido a acontecer]?* Se antes, talvez, lhe faltava espaço, eis que estará em sobra a sua invocação na incerteza de tempos futuros. *Seria um para sempre?* “Seria” que convida um “nunca”; “para” que convida “algo-alguém”; “algo” que evoca o mais remoto e efêmero “sempre”. *Seria um para sempre nunca?*

Sobre matar MR., *Ela* sabe que morre, que morrerá; sabe que a vida é o que ocorre, inclusive, que nada pode vir a ocorrer que não a morte – esse recanto delicado do *nada*, circundado pelas mais doces tormentas de escapismos. *Vir a ocorrer? Escapismos? Ou nada* que, ainda que ocorrendo – possivelmente de outra maneira, também forma – na esteira do desconhecido, (...). *Como isso? Nada do que eu disse... Ela* sabe até mesmo o *como* que lhe percorre a vida, embora possa não saber o *porquê* que lhe consome a alma. *Quem não o sabe sou eu. Para quê [tudo isto]?* *Ela* sabe que morre sabendo, sabido, e sabe mais porque me faz saber [algo]. *Sei?* É difícil matar MR., mas não só isso: é mais difícil buscar saber o *quê* sabem os que não morrem? *Como questionar o que a filosofia, ser vivo que é, está a gestar? Ou, o que a literatura, ser vivo que [também] é, estará a devorar?* Por que a Literatura? *Parece-me que ela* – e não somente *Ela* – *tem algo, alguma coisa chamada* escritor, esse artista traidor – *todo escritor é um artista [da palavra] que trai a si mesmo.* É a palavra que o trai, atrai e trai, porque a palavra é traidora de si. E o artista é amante: *de qual traição participa o amante? No mais, a Literatura come o tempo.* Dos vivos? *E que tempo têm os mortos?* Mas, e *Ela*? E depois que *Ela* morrer? Ponto.

Na tentativa de um retorno à Literatura e Filosofia de MR., a “sua” Literatura-Filosofia, faz-se necessária a inserção deste parágrafo antes da anúncio de sua morte. No entanto, anuncio que *Ela* rapidamente morrerá *por aqui. No entanto...*, me ocorre pensar que, já feito o “desfecho” que em breve chegará, por que não outros? Nessa ocorrência de pensamento, eis a doença que não acometerá MR. pois é doentia a maneira, o modo, a arte, com que Literatura-Filosofia se (re)fazem *em MR.*, (re)fazem MR., assim, *Ela* não morrerá de doença tamanho o alcance desse *refazer* que sempre me escapou. A doença, *aqui* – e onde não? – é potência de vida! *E eu não posso correr esse risco!* MR. não poderá morrer por doença! *Repito.* No mais, pouco antes deste “adendo”, *desta inserção*, *Ela* tentou me matar *mais uma vez. Ela* tentou e conseguiu. Não faria este relato se hoje, outro dia durante o qual estou a escrever-articular estas importâncias, não fosse mais uma quarta-feira que, além de tudo, está incrivelmente chuvosa – quarta-feira-mãe de tempestades de ventos fortíssimos e de

raios corredores de nuvens. *Mas, acontece que Ela me matou.* Sei que foi *Ela* porque o primeiro a me contar foi Orlando e, depois, porque *sua* voz me disse quem trouxera quem. Pedi-lhe que me dissesse – foi necessário ouvir essa sentença de afirmação, sentença de *minha* morte, *em sua voz, ao seu som. Uma delas...* Não importa: *minha* morte! Eu quis passar por essa experiência de, já sabendo estar morto, pedir que quem me matou se apresentasse dignamente... Quando me dispus a falar, até poderia perguntar-lhe pelo *porquê do buscar a minha morte*, no entanto, preferi não fazê-lo. Bastava-me ouvir “*Sim, fui eu*” ou, ainda, “*Ah, tem dúvida? Eu, claro...*”. Acontece que *Ela* [“e” Orlando?] é/são [cúmplices] causador(es) deste meu estado de [um] “outro moribundismo”. “*Moribundice*”, “*moribundices*”? No mais, essa foi e é, *até então*, a última vez que eu morri *assim*. *Assim? Mas esse moribundismo ao qual se recorre, ao qual recorro...* Ainda, então, matá-la-ei? É esse o ponto-aspecto de agora que também se faz *em questão*? Sem dúvida alguma, sim. Ponto. Retorno. Se depois de morto foi-me necessário ouvir a voz de quem me matou, é, então, necessário e em mesma desmedida, fazer-me ouvir à morte de quem me faz viver. *Mas, por meio de (in)devidas substituições, eis: se agora vivo, fez-se necessário ouvir a voz de quem possibilitou e ainda possibilita este viver; uma necessidade equipotente ao e do fazer-se ouvir por quem, mesmo quem de anteriormente, fez alguém morrer.* Eu. *Confuso? Feitiço...* Repito: ainda, então, matá-la-ei? *Eis outro ponto-aspecto do agora?* Sem dúvida alguma, sim. Ponto. Retorno. Pronto.

MR. morreu. Ponto. *Não.* Pronto. *Não.* Então, isso é assombro-maior. *Sim. Mas não acabou.* Não. Antes de morrer, MR. foi morta: Autor-assassino, Autor-suicida, autor-Ator. *Mataram MR., alguém, algum-Eu, talvez-Eu.* Agora, penso não mais saber como escapar *dela* – *como se ela não me pertencesse mais* –, nem mesmo como escapar dos seus escapes – não possuo mais esse *poder (de) tentar*. *Dizer isso não deveria estar aqui. Não-saber [também] pode ser como não-saber fazer, seria a ilusão de um desconhecimento pleno, avesso didático, “non-savoir-faire”.* Didático. Viverei, então, constantemente esse assombro-maior-maior que será – que é! – o tê-la enquanto assombração. *A ação da sombra até seu não-mais-ser que será meu não-mais-estar (ali, lá).* Se [*Ela*] vi(v)esse [mais], eu poderia fugir, novamente, talvez, melhor; tentaria novamente. *E isto também não deveria estar aqui.* No entanto, refaço-me em mesmo lugar: como conseguirei escapar ao eco de suas palavras retumbando as paredes das minhas ideias? *Aqui não há queda, muito menos livre.* Eis palavras ditas [por *Ela*] que jamais poderão ser desditas, nem retocadas, nem recompostas pois o que desejo apontar é que qualquer tentativa [de retoque] produzirá algo tão outro, tão novo, que será mais meu, de qualquer um, do que de MR., *dela*. Palavras que, *uma vez lançadas...* – e isso me assombra

ainda mais. E não concludo. *E por que isso está aqui?* Por vezes, talvez por todas estas vezes-linhas, eu tenha me sentido como se estivesse – ou viesse a estar – fadado a esgotar as palavras de MR., num ateliê que, ainda assim, é calabouço. *Talvez, fadado a esgotar-me no sopé das suas palavras cristalinas, de cores vivas como cacos de vitral.* Cristalizar-me-ei ou escaparei desse processo? *Então, faço deste texto mais do que um crime; faço-o mudança, talvez marco, assim como The Murderer, outro quadro, que se revelou diferença-surpresa ao crítico-historiador de arte.* Mas, cacos que, se não lilases, verdes; se não brilhantes, fascinantes de todo modo. Se não verdes *E o que fica, então?!* O brilho encantava MR. *Já [o] disse.* O modo com que o brilho *joga* com a visão de MR. situa-a deslocadamente do centro do palco de sua vulnerabilidade. *Mais vulnerável ainda?* Respondo: a vulnerabilidade da morte é a [sua] vida, sabido que esta é a sua “via única”. E, novamente, o brilho e/ou também o caco me lembra(m) vidro, o que me remete, também, a brilho/brilhante. No entanto, eis vidro que me lembra líquido na mesma medida em que líquido e brilho compõem *líquido brilhante* e *brilho líquido*. Composições que novamente buscam Clarice e que, agora, emanam d’A hora da estrela, da hora – desta, inclusive – sempre já ida, corrida, percorrida ao mesmo tempo em que algo parece nos ser por já não mais sermos [o mesmo]; o que perdura e tensionamos. *Estranho... Para arremesso elástico? Memória? O que perdura?* Nem vidro, nem caco, nem verde, nem lilás: *escarlata fluxo férreo*. Que [também] brilha. E o brilho lampeja, reaparecendo em busca de Woolf e também feito onda que ressurge *a la* Palomar. *Ressurgências. Isto está [quase] uma obsessão! Obsessão em que o lilás é clandestino, o verde é frágil, o azul é outro, o magenta é falso, o ocre é macio e o vermelho, obviamente, queima.*

Troveja. Das mais variadas maneiras eu questioneei o local, aqui neste texto, em que este parágrafo deveria estar, se fazer. Melhor do que ele vir antes do anterior, ele deveria estar junto, quase em sobreposição, com o final do parágrafo anterior. *Mas, não.* Foi necessário e preciso o trovejar – *trovejar enquanto recurso literário* –, fazer ecoar esse belíssimo som da natureza [das coisas] para que todo um alvoroço – a agitação das palavras anteriores – fosse pausado. *Fosse cortado, atravessado.* Quão incrível é esta dilatação da duração, a pausa, esta parada contínua. *Troveja. E gosto quando parece ocorrer um diálogo* – e talvez ocorra – *entre trovões; um diálogo que, quanto mais acalorado, mais intenso, mais facilmente suspende o real.* Troveja! *Um caco. Gelo! Por que não!?* Como não pensei nisso antes? Outro raio corta o céu. Granizo! Pensava, confesso, numa uva – verde – que me ocupou a mente após pensar numa maçã – verde – que quica o asfalto *ao cair das mãos*, como se na queda da maçã também ocorresse uma queda das mãos – novamente, *um arrasto* –; como quando o quê cai

arrasta em si, junto de si e para si, um pouco do não-caído. *Mas que também cai em esgotamento do olhar*, um cansaço. Arrasto. *Um drink! Ao entre vidas, ao entre eu e Ela, ao entre caco, uva e maçã*, a todos os entres turvos que asseguram matizes que, se ainda verdes, já mofados. Se MR. ainda não tivesse morrido, recorreria a uma uva para um “acabamento”, talvez “polimento”, desta encenação, afinal, nunca *a* vi comendo uvas. *Afinal, Ela não se faz tão somente vidente; Ela se faz videira, vida que lança-re-lança suas gavinhas e torce, torce, torce, retorce, (...)*. Como estilhaçar uma uva, feito estilhaço de vidro-vira-vida, vida que assim se faz? Como fazê-la *cacuva*? Como reverter o raio primevo que a modelou? Como reconstituir o raio, do Z de *granizo*, do granizo que se (de(s))formou? *Se o brilho fosse matéria, também seria este estilhaço que invoco. Explosão?* No entanto, repito: como estilhaçar *uma uva*? Como? *Repito*. A uva, de tão verde que era, tão brilhosa que era, *era*, por isso, fascinante; não era *como* vidro. De possível polimento *como* a Vida – metuculoso polimento de-e-em grão de areia – a uva-caco-verde-(de)-vidro, *inclusive* “-gelo”, primeiramente derreteu e se acomodou no fundo da taça; invisível, tornara-se, então, vidro e muito rapidamente também mergulhou pelo interior da garganta de MR., fazendo deslizar às profundezas de seu peito um corte pelo qual todo o seu *exterior fez-se interior*. *Da mutação metamorfoseante*. [Não deveria dizer isso]. Pergunto? Perguntaria? “*Explosão de vida*”, expressão tão cara à MR., que a penetrou. No entanto, sob outra crítica, *Ela* já estava morta – repito –, *viva que só*, e com uma peixeira enferrujada, infecciosa, abrindo trilhas onde vivo algum havia pensado em chegar (...). *No mais, por um acaso e neste caso, agora e a seguir, trata-se de estar nessa lâmina, nesta lâmina, nem em queda, nem em ascensão; lâmina também d'água, também da folha, que tanto envolve como embalsama (res)guardando algo. Verde lâmina pálida – este texto empalidece –, verde folha – ainda que a folha não (se) baste, ainda que haste ...*



[ADVERTÊNCIA]

... possa ser algo flexível – é “essa” *flexibilidade* que me chama à sombra de *certo* rigor – eis este “anexo” ou breve desvio que gesta uma passagem à/da folha por vir, *[da] fortuna*, após uma série de correspondências inadiáveis e imprescindíveis.

A *Contribuição* é (a) aparência que me chama. A *forma* não é problema, não deve ser problema; a *fôrma*, sim. A *forma* não será problema se inapreensível, se fugidia e até mesmo se fugaz; a *forma* não [...]. *Trata-se de uma apresentação? Encenação?* Tento não desperdiçar minha atenção. Ela me chama. Tento. Ela me chama. Tento. Ela me tenta, *mas* ela me tenta... Insisto e teimo. Ela me chama... Tento-a e ela se esquivava. Ela me toca, continua me tocando. Tento-a, questiono-a, silêncio. Ela se esquivava um pouco mais, *um pouco mais para o centro do centro*. Ela me chama, ela me toca, ela. Contribuo com seu jogo, teimo, insisto – outro modo –, tento-a quando *não*... Esquivo-me. Ela me chama, ela me toca. Chantageio-a. Ela me tenta, me provoca. Silêncio. Silencio-a quando... Ela me chama: qual contribuição? Silencio-me. Ela me tenta, me provoca. Ela me tenta: qual contribuição? Ela me chama, eu me *apresento* e teimo e insisto e “esquivo-a”. A chantagem deste momento é... É que isto... Mas alguém... Não me importo. Ela diz que sim. Ela me tenta, ela consegue: linguagem, experiência, memória e formação circulam, circulam-se. Circulam e produzem. Produzem-se e... Insisto, teimo, tento-a[s]. Queimo. Consigo: hífen, hífens, dois a mais, pois não me refiro ao enaltecimento clichê da “*linha*”; são fronteirços, “destendenciosos”, não despretensiosos. Claro que não! *Obscuro que sim!* Política? *Política?* Queimo. *Do fogo, de um fogo*. Ela [me] chama: qual contribuição? Ela me tenta. Esquivo-me. Ela me toca: qual contribuição? Chantageio-a: há uma esfera maior. Silencio uma, movimento outra. Ela, não a esfera, me OLHA. Cego-ME. Silêncio. Ela, a *Contribuição*, não me vê: ela não [mais] contribui. Teimo. Ela me OLHA. Sinto. O que ela ainda quer? Não sei. Jogado o jogo que não jogo, jogo que não faço, [que] *não creio*, pois não sou adepto de dívida alguma, quem [me] lê *deseja?* Chamo, convido, oco, provoco, silencio. Toco? *Contribuição-qualquer* não tem tempo para chegar, nem a perder. *Qualquer*. Toque. Não mais que isso, *isto, um toque na janela*. Uma dracena queria entrar. *Ou seria o vento pedindo licença?* E por que não ambos? Reparo que o outono já havia chegado e, assim, busquei compreendê-lo, talvez, não da melhor maneira, mais uma vez e não sendo a última. *Ele é último que só!* Busquei-o em palavras, noutras palavras que, embora de uma imperiosidade sublime como quando lançadas sempre por Orlando, Abreu ou mesmo Lispector e Camus, não me refrescaram os pés. Busquei-o e ainda o buscava quando algo aconteceu: nem folha, nem flor, nem nascente, nem poente, algo

ventava, era um vento que parecia vir de tão longe e em tamanha surpresa que desencadeava espanto toda vez que chegava e partia e revoltava as plantas e, um vento que ventava, que se ventava ainda mais e sem dar pistas de quando não se ventaria tanto, nunca “mais”; era um vento nunca “ventado”, ventoso e venturoso. Aos desavisados, aos despercebidos galopes, se vento, o que vento é abertura de um intervalo, uma fratura da duração, qualquer que essa tenha sido. Foi, venta, vento. *Que sou*. Num sopro só eu poderia ter estado menos só, poderia ter adiantado *o ditado*, antes deste desaviso, que todos os lidos estão mortos e ainda assim vivos, vivos por este assombro(so) que venta, que os venta, que os faz e desfaz; vivos que sós me permitem também buscar tal solitude, “ilhamento” de um *nunca* e *nem sempre*. “*Nem sempre nunca*”. Este estudo, à medida que acontece outonalmente – eis, então, um “quando” –, também acontece assombrosamente, no assombroso, no *assombrossó* – eis, então, um “lugar”. O modo, a maneira, o procedimental, o famigerado “como” é intersticial, de mergulho enj

... por isso a “Contribuição” não poderia ser “Orientação”, ainda que *pudesse* ser algo flexível, ainda que esta folha (não) [se] bastasse. “De fato”, sim.

“*A folha por vir não está mais nela mesma.*”

O que diz essa frase?

MOMENTO II: CENÁRIOS POPULOSOS: PERSONÁSCARAS

Sumidouro do Algarve Azul, primavera, 22 de abril de 2016.

Ilma. Igreja Acadêmica de Criadores Estudiosos de Personagens (Igaespe)

Ilmo. Sindicato de Normatização e Normalização de Mascaradas (SINONOMA)

Eu, que hoje renasço em Cristo-Xisto, novamente peço desculpas pelos incômodos – tantos – causados pela minha última publicação, a saber, a *Dissertatio*. A seguir disponho alguns esclarecimentos sobre meu processo ~~de criação de estudo de trabalho regrado~~ em leitura, análise textual minuciosa e em ~~invocação~~ estudo de personagens. Espero que meus esforços tenham alcançado o *Tractatus Artrojanus* tão aguardado por vossas inteligências.

Tractatus Artrojanus

Em cena:

Baribrat – que talvez devesse ser *Baribrath* – é insignificância que traz em si a morte do pai e a futilidade da vingança, de uma “vingança”. “Baribrat” foi obtido via pseudoinversão seguida de supressão (isto é, pseudoinversão incompleta). Se “Baribrath”, então, obtido via pseudoinversão incompleta seguida de adição de recurso sonoro. Trata-se de uma via semântica reducionista, à espera do esquecimento.

Criu Toiregre é [era], até então, o meu último enterro, é partida com abandono e convocatória ao suicídio; é crime da Ilusão, é mar de concreto, concretude cinza de metrópole, bem como lápide que desgarra qualquer verde; é antropofágica dessemelhança, fumaça (de) partida. *Criu* que se volta para onde a lua não aponta é traiçoeira e ~~morte~~ norte de determinação, falsidade de poesia vã, compêndio de *clichês achocolatados*, “utilitariedade” de corpos e somente. *Toiregre* é “aquele” mal-estar sussurrante de mensagem imprópria que chega a todos e a qualquer um durante momento inoportuno. “Criu Toiregre” foi obtido via composição por rearranjo. Trata-se de uma via semântica do tipo “tempos modernos” – para maiores detalhes (isto é, para se conhecer o subtipo dessa via semântica), consultar “Descendo o morro da tribo [Xavantes]” e “E(c)lipse”, presentes na obra “Filhos do Sol, Amantes da Lua”.

E.A.J. é semente dormente de passado, de esperançoso futuro latente. *E.A.J.* é Ser demasiadamente inteligente, sensível e, atualmente, não tão distante espacialmente – *E.A.J.*,

estranhamente, me ronda; estranhamente, faço-o rondar-me... Nascido em 2006 com 28 (vinte e oito) anos de idade, E.A.J. acreditou menos sonhadamente do que Eu – *obviamente!* – numa suposta diferença permissiva de 10 (dez) unidades de tempo ao invés de em uma não permissiva de 11 (onze) unidades de tempo. “E.A.J.” foi obtido via abreviação. Trata-se de uma via semântica da memória e da reconsideração.

Helters é correspondência silenciada, forçosamente esquecida, ainda que não queimada; também abandonado lugar, fabricação e povoado de ruínas. “Helters” foi obtido via supressão terminal ligada. Trata-se de uma via semântica da arquitetura contemporânea, do *clean*.

Lordel ou *Lord* é efetiva esperança, afetividade sutil e nômade que se faz sempre em surpresa, chegada, vinda. Lordel não minimiza nossas semelhanças em momentos de crises. “Lordel” foi obtido via supressão terminal ligada. Trata-se de uma via semântica do binômio onirismo-utopia.

Ragmorins é habitante de *Rardsmorris*. “Ragmorins” e “Rardsmorris” foram obtidos via composição por rearranjos de mesmas fontes. Trata-se de uma via semântica desconhecida ou não elucidada. [ver “Ciência e Arte: vida-e-morte encenada(s). (*Dissertatio*)”]

Rivel

$\wedge 2 \square \int \angle$ UM CAVALO DΣ TRÓIA F□I ΣNCOΠTRAD9 □1Ξ9

é “desnecessário por completo” ou quase isso. “Quase” devido a sua santa perversão – e isto não lhe é – e tão menos será – uma crítica negativa a *tal* quando me ler. “Quase” pois não há prazer carnal que consiga movimentá-lo; pois não há momento que seu corpo não esteja a ferver. “Rivel” foi obtido via supressão terminal ligada. Trata-se, também, de uma via semântica reducionista.

Samøth é imaginação em movimento, turbilhão criativo – por isso e inclusive dor –; é entorpecente espumoso, agitado, de efeito cumulativo, de sobrenome líquido, de forma esférica, de voz cantada. “Samøth” foi obtido via pseudoinversão completa seguida de substituição por recurso simbólico. Trata-se de uma via semântica do estranhamento. [ver “Ciência e Arte: vida-e-morte encenada(s). (*Dissertatio*)”]

As definições de Trojan foram atualizadas

Via é caminho a não ser seguido – por isso, mistério, quase “vida”. *Vias vistas vestem vindas de Certezas? Apenas? “Certezas”? Vidas...* Meu leitor buscará compreender esses nomes, este processo de pensamento, *processo de processos*, bem como a *taxonomia* decorrente, passando a alcançar, então e por alguma sorte, uma [aberta, muito aberta] *sistemática* – resquícios da *Dissertatio*, talvez, *esflorturalho*. Meu leitor buscará [tudo isso, isto] em vão pois é nessa vala-surpresa, fosso, poço, que reside *incerta diferença* – ainda que “nem ‘sempre’” pois *Diferença*.

“Nomes” é grosseria pois *é/se faz divindade(s)*; é falsidade, pois farsa, espetáculo. *Qualquer que seja*. Do elenco anterior, nomes que também não são *coisa* alguma, nomes que *são tempos e movimentos*, por isso *não-coisas*, tudo que não fica, tudo que nada deixa. *Repito algo? Devo pedir desculpas?* Em *vias de desvias* (desvios?), (tais) nomes são processos sempre em “esboçamentos”, melhor ainda, em “esboçaduras”, “esboçalduras” pois [são] grilhões de quaisquer pistas e, inclusive, de quaisquer mentiras que nos arrastam. Talvez, armaduras e, por isso, fraturas, rachaduras de combates. Novamente “aberturas”. No entanto, também, boçais, meus boçais arduamente instruídos. *Perceba-me, leitor: não se trata de deixar de ser sincero* – tão menos responsável.

ERROR8917

“Tudo”? “Nada”? Acredito que eu tenha extrapolado com minhas ideias. Talvez tenha sido meu desejo – novamente – guiando[-me] *automaticamente* [n]esta minha escrita. *Desejo por ...?* Talvez! E hoje eu já escrevi muitas vezes “talvez”. O responsável por essas tantas vezes dos “talvezes” todos foi *Carbluy* que, ao que me parece, embora semelhante a *Cariboo*, possui origem diferente desse segundo. Não explicarei o prematuro *Carbluy* para além de uma menção a “*um azul-aquário*”. Talvez, eu devesse dizê-lo “*voraz literatura*” ou “*oceano mais profundo do que Samøth*”. Talvez. “Talvez” pois no recente eu ainda vejo o azul. Talvez, seja necessário falar mais sobre *Cariboo*, afinal, agora me ocorre pensar, ao nível do título, que se ele não fosse “*Personáscara*” muito provavelmente seria “*Past*”, ainda que desafiadoramente pós-*E.A.J.*, ainda que até hoje *Cariboo* não tenha morrido, ainda que *Cariboo* não tenha sido mencionado na dissertação, ainda que (...) *Cariboo* tenha lidado com todos os demais [?]. *E por que não foi assim?* Sim, *ele*, masculino. *Cariboo* vem do Sol, sua inspiração para [vir a] ser. Sim, *ele*, pois masculino, pois solar, somente *ele*. *Aqui*, em eclipse.

EROS6969

Cariboo vai ao Sol para (*poder*) ser, eis um quase mesmo movimento com que Calvino leva sua criação à ordenha lunar. *Quase*. No entanto, quando *Cariboo* nasceu eu não conhecia Calvino e não é por tê-lo conhecido que escrevo o quê escrevo. Na verdade, nem deveria mencioná-lo. De certo, tenho uma “implicância” – falta-me um termo melhor – com Calvino. *Por que?* Não sei dizer ao certo, nem ao errado, não sei... Também, não desejo buscar saber. *eCariboo* é [seu] virtual, viral e por vezes virulento. Contaminador, contaminante, pode ser violento por querer ou mesmo sem saber, sem querer – quando, então, fraqueja, desespera-se, rearranja-se e busca fazer-se Sol (novamente). Brilha! No entanto, é com essa face-Sol que ele menos atua.

ERROR-id

eCariboo, apesar de *eCariboo*

OBJECT NOT FOUND!

Para um *Cariboo*, seu-Sol é a Lua. *Cariboo* é cego ou não quer ver (melhor)? *Cariboo* conhece a Lua para sabê-la “Lua”? Fecho os olhos e posso viver assim. Nada consegue manter meus olhos abertos por toda uma vida: o piscar já me indica isso, o cansaço me convida a *tanto* e, por fim, o sono enaltece esta minha tese. Fecho os olhos e posso viver sem conhecer o dia e quanto mais cedo tomar essa decisão, mais facilmente a memória de qualquer raio de luz abraçará o esquecimento. Sendo a Lua mistério com/por face oculta, *Cariboo* que não a conhece “por completo”, quando conhece tem meia verdade – então, por que não meio-sol (e nada mais)? No entanto, nem a lua vê... Seu leitoso globo ocular é que se/lhe faz Lua. Então, repito: *Cariboo* que não conhece a lua “por completo”, se conhecê-la terá meia verdade – então, por que não [ser?] meio-sol (e nada mais)? Porque é *outro o meio* pelo qual me aventuro *com Cariboo*. “Metades”, frações...

Cariboo não vai a salas de aulas.

Cariboo não assiste à aula alguma.

Cariboo não vai à escola; *ele* não pode ir à escola.

Cariboo não transita pelos departamentos.

Cariboo passeia pouco pelas ruas.

Cariboo desgrça a vida nas mansões do prazer.

Cariboo não se afoga – desmaia.

Cariboo não se afoga – flutua.

~~*Cariboo* não se revela a pessoas próximas.~~

Cariboo não se revela facilmente a ninguém.

Cariboo faz mais feitiços com a Lua.

Cariboo sofre de insônia.

Cariboo nem sempre sofre de insônia.

Cariboo sempre está na colheita madrugada do agrião.

Cariboo ainda usa jacás.

Cariboo não conhece o dia.

Cariboo tem cheiro de madressilva, é enjoativo.

Cariboo enjoado adormece fácil.

Cariboo tem cor e hábito de jasmim-italino.

Cariboo tem hálito de beijo intenso e devorador.

Cariboo também se faz habitável.

Cariboo pode ser cativo, masmorra, beco (de) *en-cruz-ilhada*.

Cariboo é endoparasita (obrigatório?) de esflorturalhos.

Cariboo é artista, por isso...

Cariboo é vivo-criado que [me] cria – [que me alimenta]

Cariboo não é fraco, nem alto.

Cariboo tem olhos claros.

Cariboo se faz calor e raio, descarga.

Cariboo é Senhor dos tormentos e tempestades.

Cariboo ama o fogo como quem ama o vento outonal.

Cariboo é ar pontiagudo de geodos.

Cariboo também é o ar dos solos.

Cariboo é polinização e as palavras-cruzadas lilianas são diásporo.

Cariboo é transição pois transeunte que chega, “*transeusência*”.

Cariboo tem cabelos de ave fênix espalhafatosa.

Cariboo gosta de balões e nunca viajou em um.

Cariboo é apaixonado pelas tendas circenses.

Cariboo é amante de rodas-gigantes.

Cariboo é amante de carrosséis.

Cariboo é porão de barco viking.

Cariboo eclipsado tem face queimada, puro rubor.

Cariboo coleciona relógios.

Cariboo não perde hora alguma.

Cariboo questiona o trabalho dos ponteiros.

Cariboo não gosta de museus.

Cariboo se deu ao nome.

Cariboo tem o “C” de Clássico assombrado.

Cariboo tem uma “ira” *phoenix-ciosa*,
pervertida, invertida, infecciosa.

Cariboo tem um “boo” de assombro.

Cariboo não cabe em nome algum.

Cariboo não tem sobrenome.

Cariboo é partenocárpico se fruto.

Cariboo é dissimulação dissimulante
não autodissimulável, não autoliquidante.

Cariboo é igual à mãe se broto.

Cariboo é clone se inexistente.

Cariboo repetitivo é morte.

Cariboo viaja a Oeste tensionando o leste-amanhã.

Cariboo pensou em ser seminarista.

Cariboo por pouco não se tornou matemático.

(mas virou poeta, naquilo e quando toda música é insuportável de emoção; naquilo e quando toda cor é insuportável de recordação; naquilo e quando todo odor é insuportável de adoração) – ainda que “emoção”, “recordação” e “adoração” oscilem por seus lugares-momentos.

Cariboo, sobre o que se segue, diz não se tratar de uma composição de fontes, nem mesmo de uma fonte composta – eis “apenas” um núcleo e uma “trajetória” de um mal-estar maior pois de ação *molecular*.

Cariboo é leitor de Gaston Bachelard elementar e negativo, de Marguerite Duras imperiosa e violenta, de Marcel Proust atemporal, de Jorge Luís Borges reflexivo pois espelho

noturno, de Gilles Deleuze e Michel Foucault pois antifascista(s), de Virgínia Woolf metamorfoseante, de Franz Kafka pois sonhador, de Samuel Beckett verborrágico inominável, de Henri Bergson e Georges Canguilhem “vitaldeformativos”, de Maurice Blanchot inesgotável, de Georges Bataille e Isidore Ducasse pela alegria do prazer, de Clarice Lispector atômica, de Rainer Rilke pois maternal e angelical, de Mia Couto, Cecília Meireles e Cora Coralina pois terrestres, de Camilo Pessanha pois clepsidra, de Mário de Andrade, Caio Fernando de Abreu, Fernando Pessoa e Eça de Queiroz pois amantes amáveis, de Pedro N. G. F. de C. pela dor da amizade, de Carlo Ginzburg e Mikhail Bakhtin por perdição, de Florbela Espanca e Manoel de Barros pelas “dis-concordâncias” sempre florais, de...

INSUFFICIENT STORAGE AVAILABLE

[Onde eu fico? com quem? em quem? por que ficar? *Questões que se repetem.*]

Cariboo, de certo, corre e recorre a riscos, riscos adjetivados, adjetivantes. *Cariboo* é risco, *este* risco, também. Risco que por vezes ri, que por outras “isco”, que por tantas outras faz rir; risco que isco em risos, estranhos, ri(s)os. Em risco, riso que, no entanto, também risco e... isco novamente.

^2□]∠ uM NOV9 CA∇ΔLO DΣ TRÓiΔ F□I ΣNCOΠTRAD9 □1Ξ9

[Não fico. *Preferiria não dizer-me.*]

É por isso que eu digo: o cajado de INRI-X, o *tal cristo betuminoso*, é torto e nele não há nome algum cravado ou tatuado. Ele também aponta para o umbigo e, talvez, possa inclusive lhe incisar com mais prazer do que dor. Foice mortuária – mais mortuária do que mortífera, mais fúnebre do que ~~literária~~ libertária – que é, não me permite duvidar do então somente possível *sim*. Recorro a essa imagem “cajadal” para fazer-me final, sem maiores delongas, nisto em que já me estendo para além da conta de *minh'alma*. Para onde aponta o meu [cajado], parece-me não vir ao interesse de renomadas *instituições*, apesar dos diálogos tão frutíferos que por aqui tenho semeado. Insisto! Talvez – e novamente fico neste limbo atolante de “talvezes” – tal frutificação dialógica seja o/um problema, como me ocorre *agora* pensar, ainda que tardiamente, ainda que assim ela sempre tenha sido. *Obviedades*.

E foi! E é! [*Que assim seja!*]

Cariboo que corria o risco de nem ficar à margem deste término...

... margem...

... é quem não me permite terminar.

Cariboo que aqui se mostra à espreita – que o mostro à espreita – se faz... Que se mostra à espreita é quem ... Que o mostro à espreita leva consigo... Que se mostra à espreita que não me chega... Que o mostro à espreita não espera... Que se mostra ou que o mostro (...), antes que eu o “monstrueo” [mais] (...) antes que me “monstrue” mais, pois (...). Antes. que o monstro.

Cariboo não confessa, não se confessa, não abre mão do misterioso e sua *fortuna*, sua produção e propagação. *Cariboo* é resgate potencializante do silencioso de anos atrás. “Resgate” pois é meu retorno; “retorno” pois é sempre o mesmo que “carta na manga” que nunca é a mesma, sempre outro feitiço [de escrita]; “resgate” por retomá-lo [*Cariboo*] de sua aparente inexistência para me [re]lançar onde e à maneira de como desejo [vir a] estar.

HI HI HI HI HI HA HA
 HI HI HI HI HI HA HA
HI HI LITTLE THINGS
 HI HI HI HI HI HA HA
BAD LITTLE THINGS
 HI HI HI HI HA HA HA
IT'S A BALLOON HI HI
 HI HI HA HA CALLED
LAUGHING GAS HA HÁ
 HI HI HI HI HI HA HA ⁵

Cansei? Se cansei? Cheguei? Se cheguei? Não, ainda não. É/Será *Cariboo* quem coloca(rá) as máscaras de e em quem me lê e lerá. *Termino? Se termino?* Termina-se, afinal: “O cajado, haste ...”. Assim, *no aguardo das apreciações de vossas renomadas inteligências, é com imenso pesar – falso, porém realmente imenso – que me basto por aqui. A primavera há de continuar para além de qualquer inverno.*

ARTROJan,
 S.do A.A., 1º de maio de 2017.

⁵ Adaptado de “Flash” (Green Velvet, 1995)

Cariboo foi obtido via Descoberta do Mundo.

Via semântica do inesgotável (e) imprevisível;
da desordem lodosa pois fértil e fervilhável do espaço [do]
vivo.

Capsa du Horologion, 17 de julho de 2017.

Frio ventoso, arrepio d'alma.

Que a sorte deste que lhe lê lhe traga tamanha sorte por aquele que lhe reler.

Saudações, Artrojan,

Quanto tempo!

Início a “apreciação” de suas “colocações” sobre “algo” que espero não se perder por entre tantas aspas. Tarefa “delicada” para não dizer “difícil”, nem mesmo “impossível”; ainda assim uma tarefa, como se de minha responsabilidade em campo da obrigatoriedade. Talvez, mais “delicada” por eu não ter encontrado no domínio de meus conhecimentos alguma “ferramenta” ou mesmo “técnica” que me permitisse “mergulhar” em sua “análise”. Afinal, o quê vossa mente – ou se desejo? – fez, foi uma análise? Um tanto quanto independente de sua resposta, outro questionamento: o que se propõe tem qual propósito? Ou, qual a proposta que sustenta possível propósito de _____ [não sei qual nome dar]? E não se sabe muito bem o quê é, qual seria, nem o porquê. O que, afinal? Faz-se perigoso o manuseio de suas ideias: sinto-me alcançando uma condição de semelhante ao lhe escrever em resposta, esta consideração toda – por isso e algo mais que irei lhe dizer, sinto-me em perigo. Ora, pois se não consigo melhor “definir” (talvez fosse melhor “entender”) seu “rumo” ou “desejo a ser rumado”, eis que me torno um errante semelhante – ainda que compreendido que o lhe compreender, que o lhe alcançar em seus “desejos” (talvez fosse melhor “preocupações”; ainda que obscuros, demasiadamente “secretos” (talvez fosse melhor “despreocupados”)) é “missão” que me obriga a estar envolvido por suas palavras (talvez fosse melhor “ideias”), em suas palavras, para suas palavras. Talvez, “errante” não tenha sido um bom termo. Vejo-me sem saída, neste mesmo ponto-momento em que poderia aceitar “seu jogo” e me vender a ele, no entanto, a crítica que os boatos têm ventado me deixa em situação “delicada”, ainda que menos perigosa do que o fazer-me – às escuras – seu texto, suas palavras, suas ideias. ARTROJan – esse seu nome que por sinal até hoje detém uma certa curiosidade de minha parte sobre sua “grafia” –, se por aqui percebo-me (quase) repetitivo é por não conseguir lhe dizer “não poderei lhe ajudar”, mas também por não conseguir negar que me “afetei” por “algo” que você provoca. Refaço-me: “por não conseguir negar que me afetei por sua provocação” – ainda que não tenha compreendido

nem mesmo o quê é que está sendo provocado, “cutucado”. Seria o caso, também, de pensar “alvorçado”? Refaço-me novamente: digo-lhe que não posso e nem poderei lhe ajudar. Assusta-me o pensamento que me assalta: qual controle Você tem [que Você pensa que tem] sobre isso [seria uma coisa?] que está a provocar com/por sua escrita? Por que lidar com “isso” que parece ser claramente da ordem do (ou “de um”) descontrole? Há “lida” com o Descontrole? Noutros tempos, de nossa juventude tão silenciada, até dir-lhe-ia que... Enfim, Trojan, mof, sabemos o quê não dizer, o quê não mais dizer – ao menos sabíamos! –, no entanto, parece-me que é de lá que você fala, desse não-dizer [talvez fosse melhor “não-dizível” que não sei como você ainda o “fala” ou o “faz” ou o insiste, o tenta, o teima, o tenta novamente, ...]. Não sei. Por que, Trojan? Por que isso agora ~~e novamente~~?

Trojan, mof, finalizando, eis que a “análise” das suas _____ (não sei qual nome dar) por minhas mãos – isto que estou tentando escrever, que escrevo tentando – só pode ser esta tarefa que não dei, não dou e nem darei conta. Lamentavelmente, vejo-me obrigado a redirecionar sua carta à instância superior, talvez a Feudupendere, talvez a Rochèts, talvez à Lauslyat – embora essa última me pareça desestruturada demais. Talvez esse “embora” possa ser sua maior sorte se compararmos com a primeira opção. Enfim e entretanto, tentarei maneiras para que estas minhas palavras lhe cheguem sem passar por quaisquer outras mãos. Esforçar-me-ei.

Agora me ocorre pensar que estas palavras sejam exatamente as esperadas por Você! Talvez, como noutros tempos, estejamos a contribuir com o “nosso” Livro da Espera. Recorda-se? Aterrorizante... Você já sabia que eu não saberia escrever outra coisa, outras coisas... Sabia? Algo estranho, talvez desconfiança de amor, parece ter sussurrado e agitado essa possibilidade em minhas ideias. Por favor, me responda se estou correto neste pressentimento: eram estas [minhas] palavras que Você esperava de mim? Esta escrita que não versa sobre o que deveria é o que eu deveria lhe escrever? “Dever”, “deveria”, variações desse sentido de espera, de esperado, de desesperado que agora estou. Talvez, não devesse ter escrito isto tudo – e não me encontro habitado por forças suficientemente fortes ao rasgo destes papéis. Enfim... Se de alguma maneira acabei por contribuir com algum projeto-pensamento seu, me escreva. Ficarei feliz em saber que não se esqueceu de mim durante suas artes.

Retorno...

[...] tentarei maneiras para que estas minhas palavras lhe cheguem sem passar por quaisquer outras mãos que não as suas, tão brancas e... Tentarei! Gostaria de lhe fazer disso

uma promessa, mas... Termino. Envie saudações a sua mãe – as tulipas quando floridas sempre revivem seu rostinho bruxesco em minhas memórias.

Boa sorte, lof.

Rodrigo Suerurie.

C. du H., 20 de julho de 2017.

Feudupendere, West Coast, 20 de dezembro de 2017.

Teu frio, de morto brio, chegou juntamente com a carta que não deveria “me chegar”.

Repito a visceral poética suerurieana para seu imediato desespero: “frio ventoso, arrepio d’alma”.

Prezado Artrojan, se Sr., se humano, se animal ou mesmo bestial ser,

Que ingrato ricocheteio da tentativa-ação vinda da Capsa du Horologion...

Providências já foram tomadas em relação à ineficiência do Mr. Suerurie – fiz questão de tomá-las antes mesmo de lhe responder, antes mesmo de lhe enviar esta carta contendo em anexo uma cópia da carta de tal seu “conhecido”. Não minto.

Da leitura que faço de seus apontamentos – se é que assim posso considera-los – questiono-me se são oriundos de incrível dedicação aos estudos ou se floresceram de algum desvio de pudor, quase entorpecente, ou mesmo de algum devaneio, inclusive, sonho. Por que tantos personagens? Por que tantas vozes? Por que? Por que? E por que? No entanto, não me basto nestas questões...

Como pôde, em quase todas as entrelinhas possíveis, desrespeitar o acadêmico estudo, a sólida formação científica, a estruturação do conhecimento de mundo? Como pôde e poderá manter-se “crítico” (para lhe ser educado) sem devidas sanções? Vivemos – como seus estudos devem ter lhe revelado – tempos sombrios demais de instabilidade econômica, social como um todo, de medos às sombras de qualquer falha política – de estudo, também. Como pode tamanha ousadia? No entanto, como aponte: vivemos. A partir disso, chego quase por absurdo a questionar-me: “O Sr. Artrojan vive?”. Que tamanha audácia o seu vivificar – pois você não se limita a narrar neutramente – suas palavras, letras... e personagens. Quem é você-próprio nesse meio-entre(-)meio criado [que cria]? Isso ainda lhe trará mais problemas; levará-lhe a problemas mais difíceis do “mesmo” viver. Trata-se de um espaço em que a criação não deve se sobressair à análise, em que a imaginação não deve produzir outras possibilidades de sentidos e muito menos “realidades”; trata-se de uma condição de estudo que o Sr. necessita alcançar – e de maneira muito mais respeitosa. No entanto, há algo mais profundo que acaba por ultrapassar – sem abandonar – qualquer nossa menção a eventuais preocupações tangentes apenas aos seus “fundamentos metodológicos” – se “fundamentos”, se “metodológicos”, se “algo consistente”, se (...).

Afinal, se nos diz se tratar de um “tratado”, obviamente é de se esperar uma pesquisa. Além disso, qual é, então, o seu método de pesquisa? Estado da Arte não presente... Como deixar o competente Leitor sem a possibilidade de alcance tendencioso de suas verdades obtidas? Não há possibilidade alguma de feitura de qualquer linha de tendência. O Sr. se faz mais literário do que científico, mais artista do que acadêmico, mais louco do que normal. Doente? O que nos é apresentado é a receita de um feitiço? a abertura de um livro de magia, de bruxaria? ou será que há/haverá algo a lhe defender em nome da maiúscula Cultura? Pensamos que não, Sr. Artrojan. Sua carta deixa revelar logo ao início que, havendo ou não algum problema em seu “Tratado”, o mesmo não representa sua única produção “científica”(?). “Escrita” por assim dizer, “produção escrita” e somente. “Somente” pois de que vale o escrever, esse seu escrever tão quase automático, tão quase inalcançável? Assalta-me a ideia de que o seu “método (‘de pesquisa’)” – se existente! – não lhe é um jogo de palavras, mas sim, palavras que jogam com sua pessoa, que lhe arremessam a confins que... Não sei prosseguir. Não o alcanço em tamanho devaneio. Além disso, retornando... Preocupa-me, preocupa-nos, a dimensão de sua fuga às regras, talvez, rebeldia – os ecos mal esclarecidos de sua proximidade com “AMD MR.” também não nos passaram despercebidos. É por todo este motivo “nebuloso” aqui exposto que esta minha carta não está lhe oferecendo a tal leitura crítica por minha inteligência acadêmica – tal como o Sr. solicitou –, mas sim uma advertência e uma consequência para já lhe poupar esforços de interpretação verdadeira.

-- | --

Diante da apresentação, apreciação e arguição dos supostos estudos empreendidos pelo Sr. Artrojan, a Igreja Acadêmica de Estudiosos de Personagens (Igaepe) vem por meio de meus esforços desmembrar o referido Sr. de nossa renomada Instituição. Que seu desmembramento lhe sirva de autópsia, momento de interna (re)flexão e de ajuste de posturas frente ao real conhecimento de mundo, perante e durante sua busca pela real realidade – e que esse seja seu único propósito em vida, vida que, a saber, não deve ser sacrificada por tão pouco devaneio. Deixo, deixamos, ainda, uma negativa recomendação a possíveis situações-desdobramentos futuros: o Sr. Artrojan até o presente momento pareceu-nos não possuir aptidões básicas/mínimas para a ocupação de cargos acadêmico-científicos, sendo o seu trabalho uma potência vergonhosa à Ciência. Se, da vontade de Nosso Senhor, que o Sr.

Artrojan seja banido dos meios intelectuais; que a sua ousadia cega, mais das delicias do que da razão, lhe seja breve – porém não sei se branda – em sua decomposição.

Assim, nada mais a declarar,

*Ilmo. Sr. Íroques de Urir
Conselheiro Acadêmico da Igaepe
F., W. C., 28 de dezembro de 2017.*

Artrojan, 11 de janeiro de 2018.

Vou – pela nuvem do cântico das ressacas e arrebentações.

Chegarei – pelo silêncio poente das sereias
enquanto brumas velozes (me) varrem (d)a terra
que sou, também estilhaço de onda carnal.

Saudações, Cariboo, mof.

Deu certo!

Festeje por mim!

Tinha minhas desconfianças! Estava certo! Escrevo neste grito, neste berro de “deu certo!” com o qual eu lhe repito: deu certo! e repito “deu certo!”. Escrevo, sim, ainda escrevo! Pensei que não seria possível escrever. Não me roubaram a escrita! Como pôde? Surpreendente! Nem Íroques! Nem nada! – ainda que tenham me tirado tudo, quase tudo (e não era isso mesmo que eu queria? que queriam?): casas, terras, cantos e becos, uma vida inteira, impossível de ser mais desregrada, talvez “desgraçada”. Levaram, inclusive e até mesmo, a esperança que já não mais me habitava. Agora, faço-me imortal, mof. Imortal! Estou livre Dela. Lembro-me que estrebuchei e muito. No entanto, deu certo! Consegui! Partirei hoje mesmo, novamente. Necessito apenas terminar de lhe escrever esta carta e nada mais por enquanto. Receber-me-á de braços abertos? Posso esperar além de confiar? Tolice! Estou a gargalhar! Nada mais me espera! Engasgo de tanto gargalhar! Deu certo... Fui e aqui estou. Espero, somente, esta escrita que não me espera. Fazem-na por mim? Quem? Quem mais? Alguém mais está aí? Por aqui, talvez... Ouço algo rangendo lá embaixo. Não tenho tempo para descer toda a escadaria. Malas prontas, volumes conferidos, cargas e recargas carregadas, nada que possa vir a faltar tão cedo, “cedamente”. Vou-me mesmo! “Tolice” ou não, lhe esperarei por lá. Além disso, você também não confia em mim. Há tempos que espero por este dia. Afofarei a terra, aerarei cada pedaço de solo compacto, sentirei em meus dedos os maiores se tornarem menores. Sentirei, também, a viscosidade das minhocas, o “lisume” da carapaça dos rola-bostas, as folhas com suas margens e territórios, o limbo tinteiro, o escape das águas, o zumbido guardado pelo fruto, os estouros das sementes... Chorarei em correição, orarei em mandacaruês ativo, falarei em trotes e galopes,

me alimentarei de outros grãos de pólen, nadarei em mergulho na noite, despertarei [em] encantamentos-outras. Beberei a seiva ininterrupta dos pontos e me deitarei com as ametistas, uivando feito videira, espumando bolhas enjabuticabadas, meus pulmões. Ainda sobre elas, refletirei o violáceo violento de críticas-mil, de observações da alma, de encantamento desmedidos por palavras abolidas, resgatadas, renegadas, inventadas, estranguladas. Também cantarei o estrebuchar dos corpos, dos corvos, das gralhas – talvez, também, das galhas – e sussurrarei em mandacaruês passivo os motivos de tantos risos de impossível controle – cócegas, talvez. Quanta ansiedade! Finalmente, meu jardim! Meu anti-garth!

Leia-me, Cariboo!

Leia-me cantando, feito musical, feito fantasma de ópera, de qualquer ópera que morre aos poucos.

Cante-me! A entonação não lhe é desconhecida... Não se intimide

Cante-me! Poderei lhe ouvir desde aqui, desde então, nada são (as coisas), as coisas...

Mof, também levarei comigo o resultado da seleção, do exame de seleção – espero que o veja o quanto antes pois seu aspecto “diagnóstico” já está a comê-lo pelo avanço das bordas. A ponta de meus dedos podem melhor lhe dizer! As manchas também: fizeram(-se) renda, uma teia rica em detalhes, uma constelação quase arbórea pontuada por um algodão-estranho, quase um esfarelamento papelar, quase algo do tipo ou próximo a isso, praticamente um descamamento de peixe à sombra das minhas visões curvas, turvas. Precisamos conversar. Além disso, o vermelho de tempos atrás tem pulsado em rosa que, quando ferido, se vende ao ocre amarronzado – e a cicatriz é aureolada por uma espécie de penugem branca! Não consigo melhor descrever... Precisamos conversar, Cariboo. Talvez eu não esteja tão bem. Não sei. Precisamos conversar – há muito o quê ser resgatado.

Resgata-me?

Desculpe-me por ser tão insistente e mais ainda repetitivo.

No mais, apenas passo a sentir que por enquanto vou(-me e) rindo – é o que me resta. Pouco me resta, sabemos. Engasgo. Muito “forte” para ser uma pigarra. Deu certo! E sem maldade alguma! Que maldade? Gargalho mais do que qualquer bêbado! Preciso terminar! Embriagado... talvez. Largue-me, Cariboo, largue-me! Gargalhe, também! Embriagado de Você, estou. Ainda há mais a ser feito! Muito mais, por isso, reduzo-me, compacto-me por aqui, ~~aqui-tão-edu-eudusa~~ Errei! Culpa sua! “~~aqui-tão-eu-adeus~~” tão por aqui-adeus, tão eu-adeus, tão por aqui, este “adeuseu”. Sssshhhh... cobra aquática!

*Sssshhh! Falta-me ar! Gargalho! Alguém a chegar... Chegaram! Falta-me ar! Gargalo!
Chegaram! Chegaram! Vou-me sem ponto mesmo*

faz frio

aí também?

Até breve,

Art. de Adeuseu

A., 11 de janeiro de 2018.

Traulle, 11 de janeiro de 2018.

O que dizer se me escondes a semente?

O que dizer se te escondo o fruto?

Há tanto a dizer de tanto não dito!

Ao lugar que me chegará.

Ao lugar em que chegarei.

Ou não. “Ou” não.

Joguei as cartas. Jogo que jogo com respeito, que não “jogo” tão facilmente pois não se trata de simples arremesso, tão menos de alvo a ser acertado. “Tão menos de alvo” pois o “alvo” já está lançado – isso mesmo! feito dado, feito dados, quantos forem, “de dados”. Dos dados às informações, eis que estou aqui lendo as cartas. O nexa não foi bom e se faz necessário refazê-lo. Sou exigente e Você sabe disso. Não foi bom o bastante, não o quanto eu imaginara, esperara. Não foi bom pois não me foi permitido relacionar-me com este local tão quase-não-lugar. Não foi bom pois me esqueci quem era que estava ao lado destas palavras e depois sobre a minha leveza. Depois, agora, percebo que não foi bom porque esqueci mas me recordava que cheguei a conhecer quem era – eu não estava plenamente num desconhecido campo. Sim, é sobre uso e desusos que também atuo. Olhando as cartas, leio-as a você que agora me lê. Este jogo que fiz foi pensando em sua carta que não me chegará tão cedo; sua carta que possivelmente não me chegará a tempo.

A primeira carta é a Lua. A Lua que por aqui apareceu é cheia de minguante ou “minguante cheia”, como queira – não poderia haver momento pior para seu nascente. Sim! Estou a julgar, embora neste caso lunar, e sem medo de errar. Sem medo de errar! A Lua que agora se revela é a mesma que levou nosso Criu Toiregre embora. Eu realmente não queria lhe dizer isso, lhe lembrar disso. Consequentemente, é a mesma Lua do nosso eclipse... Você sabe. A próxima carta é a Torre.

A Torre que se desfaz atira ao longe

se desfaz ativa

e atira ao longe as brasas que sua queda faz.

A Torre que jaz em escombros

de assombros

sepultou a terra

.

A Torre nada mais avista: nem outras varandas, nem horizontes, nem.

A Torre nada mais eleva: nem a vista ou qualquer sentido, nem e ninguém.

~~— A terra qu~~

~~— A Torre e~~

Jogo rápido que fiz, lancei três cartas ao invés de dez. Nada de Mundo ou Carro até então. Nada de Sacerdote, Sacerdotisa, nem Imperador ou Imperatriz. Olhei muito rapidamente as cartas amontoadas, restantes, não elencadas. Não queria que as cartas tão humanas saíssem, no entanto, não queria e ainda não quero saber qual é a terceira carta deste jogo. Passei a lhe escrever sem conhecer a terceira carta. Pode ser o Mago, o Eremita, os Enamorados, também a Estrela, a Morte, o Louco, tantas que não mais me recordo se avistei no restante do baralho. Acontece que após ler a Lua e a Torre fui sendo acometido por incerto medo, quase mal-estar, de prosseguir este jogo. Não sei. Eu que acreditava estar em tempo, em tempo neste escrita, temo não mai estar.

Em jogo rápido que fiz, eu que nada temia me vejo “temendo” e dizendo “eu que quase nada temia até então” pois hoje, agora, aqui está o Temor, em mim. O que lhe acontecer irá me deslocar e mais vivo tornar-me-ei. O que lhe acontecer irá me desgarrar... Talvez ~~me~~ amadurecer e ~~me~~ aproximar do putrefado novamente. Faz frio, sim, faz frio. Escuto-lhe? É neste estado de temor que lhe envio a carta faltante sem conhecê-la. Somente Você poderá negá-la de alguma maneira. No mais, sim, faz frio, muito frio – no entanto, eu ainda lhe escuto! E não consigo mais sentir tão bem a ponta de meus dedos. Faz muito frio. Envio-lhe a carta e não sei se quero conhecê-la. Não! Não quero conhecê-la! Não! Agora, venta. Ventos. O que estou a dizer! Somente Você poderá negá-la [a carta] de alguma forma e se ainda lhe restar algum tempo. Desejo que somente Você a conheça!

Teria terminado logo acima esta escrita. Há algo estranho. Você chegou e agora, ele [o Tempo] vai parecer dormir em Você.

tome-me nesta gala [de] entrescrita.

Cariboo

11. 01. 18

Fizeram o caminho.

Fizeram-se a caminho.

Fizeram-se caminhos.

E um, um caminho claro,

FEITO, *partiu(-se)*. Na travessia,
O JARDIM DAS DELÍCIAS

E QUASE se não fosse pela
pergunta que insiste: o que foi aquilo?

O JARDIM DAS DELÍCIAS

E QUASE se não fosse pela
pergunta que insiste: ao menos viram os rostos?

O JARDIM DAS DELÍCIAS

E QUASE se não fosse pela
pergunta que insiste: a pergunta [que] pergunta?

O JARDIM DAS DELÍCIAS

E QUASE se não fosse pela
pergunta que insiste: quem são? de onde vê(e)m?

O JARDIM DAS DELÍCIAS

E QUASE se não fosse pela
pergunta que insiste: por que chamá-los?

O JARDIM DAS DELÍCIAS

E QUASE se não fosse pela
pergunta que resiste enquanto último clarão, feito aquele espirro que todo raio deixa escapar
quando retorna – ou parece retornar – arrependido ~~às nuvens~~ ao vapor, ao turbilhão vaporoso:
e, então, o que foi aquilo? afinal, quem eram [os nomes], quem são? por que foram
mencionados, chamados?

Respondo já?

Como?

Clarão-trovão!



Devoro.



Devoro.

Pois linda se faz toda



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.

[Além]



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.

[Além]

o artista, quando escrito, é



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.

[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.

[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.

[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.
[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.
[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.

[Além]

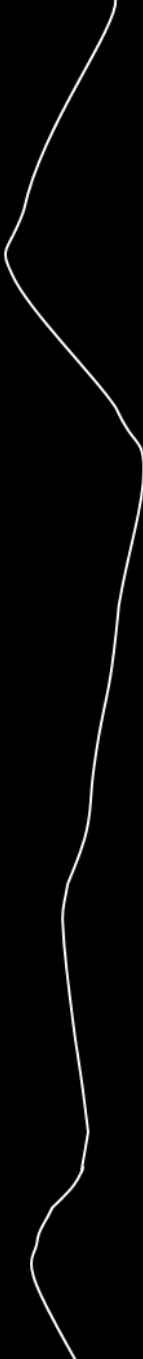
o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.
O artista, por isso, quando é



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.
[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.
O artista, por isso, quando é
escritor, se devora traidor



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.
[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.
O artista, por isso, quando é
escritor, se devora traidor
e vive autofágico,



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.
[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.
O artista, por isso, quando é
escritor, se devora traidor
e vive autofágico,

antropográfico e fágico,

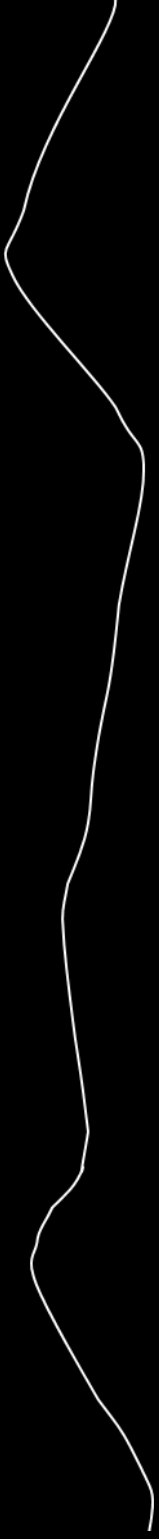


Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.
[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.
O artista, por isso, quando é
escritor, se devora traidor
e vive autofágico,

antropográfico e fágico,
zoográfico e zoofágico.

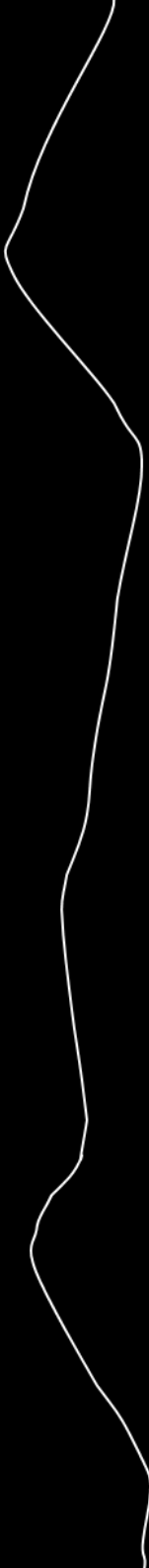


Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.
[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.
O artista, por isso, quando é
escritor, se devora traidor
e vive autofágico,

antropográfico e fágico,
zoográfico e zoofágico.
bio-grafias que acabam ... e

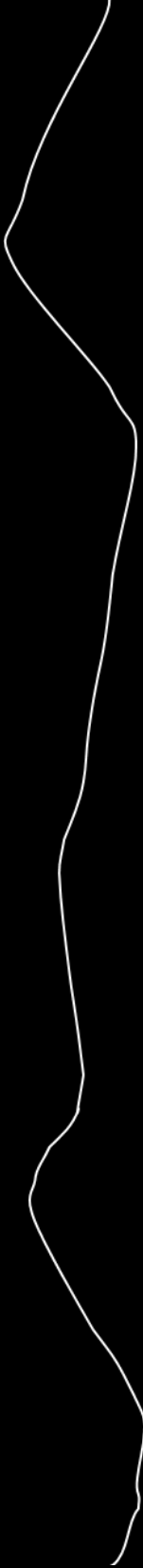


Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.
[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.
O artista, por isso, quando é
escritor, se devora traidor
e vive autofágico,

antropográfico e fágico,
zoográfico e zoofágico.
bio-grafias que acabam ... e
que se acamam e se acabam ... e



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.
[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.
O artista, por isso, quando é
escritor, se devora traidor
e vive autofágico,

antropográfico e fágico,
zoográfico e zoofágico.
bio-grafias que acabam ... e
que se acamam e se acabam ... e
BiografE. DespistE. EXIT.



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.
[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.
O artista, por isso, quando é
escritor, se devora traidor
e vive autofágico,

antropográfico e fágico,
zoográfico e zoofágico.
bio-grafias que acabam ... e
que se acamam e se acabam ... e
BiografE. DespistE. EXIT.
É o máximo que posso chegar



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.
[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.
O artista, por isso, quando é
escritor, se devora traidor
e vive autofágico,

antropográfico e fágico,
zoográfico e zoofágico.
bio-grafias que acabam ... e
que se acamam e se acabam ... e
BiografE. DespistE. EXIT.
É o máximo que posso chegar
devorador neste intervalo hijk

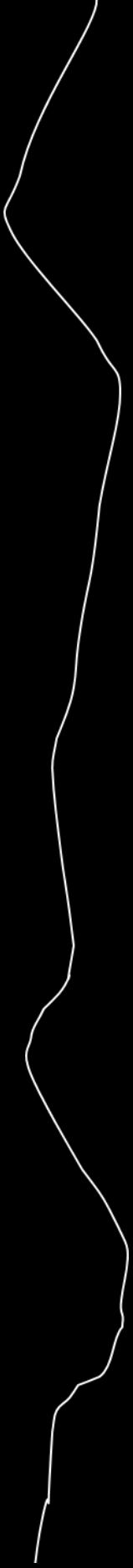


Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.
[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.
O artista, por isso, quando é
escritor, se devora traidor
e vive autofágico,

antropográfico e fágico,
zoográfico e zoofágico.
bio-grafias que acabam ... e
que se acamam e se acabam ... e
BiografE. DespistE. EXIT.
É o máximo que posso chegar
devorador neste intervalo hijk
do desejo pois, se só ela se

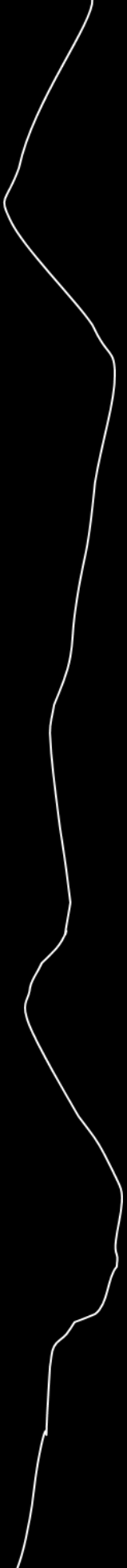


Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.
[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.
O artista, por isso, quando é
escritor, se devora traidor
e vive autofágico,

antropográfico e fágico,
zoográfico e zoofágico.
bio-grafias que acabam ... e
que se acamam e se acabam ... e
BiografE. DespistE. EXIT.
É o máximo que posso chegar
devorador neste intervalo hijk
do desejo pois, se só ela se
faz toda, “traí-la/me-ei”.



Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.
[Além]

o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.
O artista, por isso, quando é
escritor, se devora traidor
e vive autofágico,

antropográfico e fágico,
zoográfico e zoofágico.
bio-grafias que acabam ... e
que se acamam e se acabam ... e
BiografE. DespistE. EXIT.

É o máximo que posso chegar
devorador neste intervalo hijk
do desejo pois, se só ela se
faz toda, “traí-la/me-ei”.

Devoro.

Pois linda se faz toda
biologia, como se só
somente pudesse estar,
como se só somente
houvesse a mente do espaço
das palavras e o brincar
fosse isto que me transfaz.

[Além]

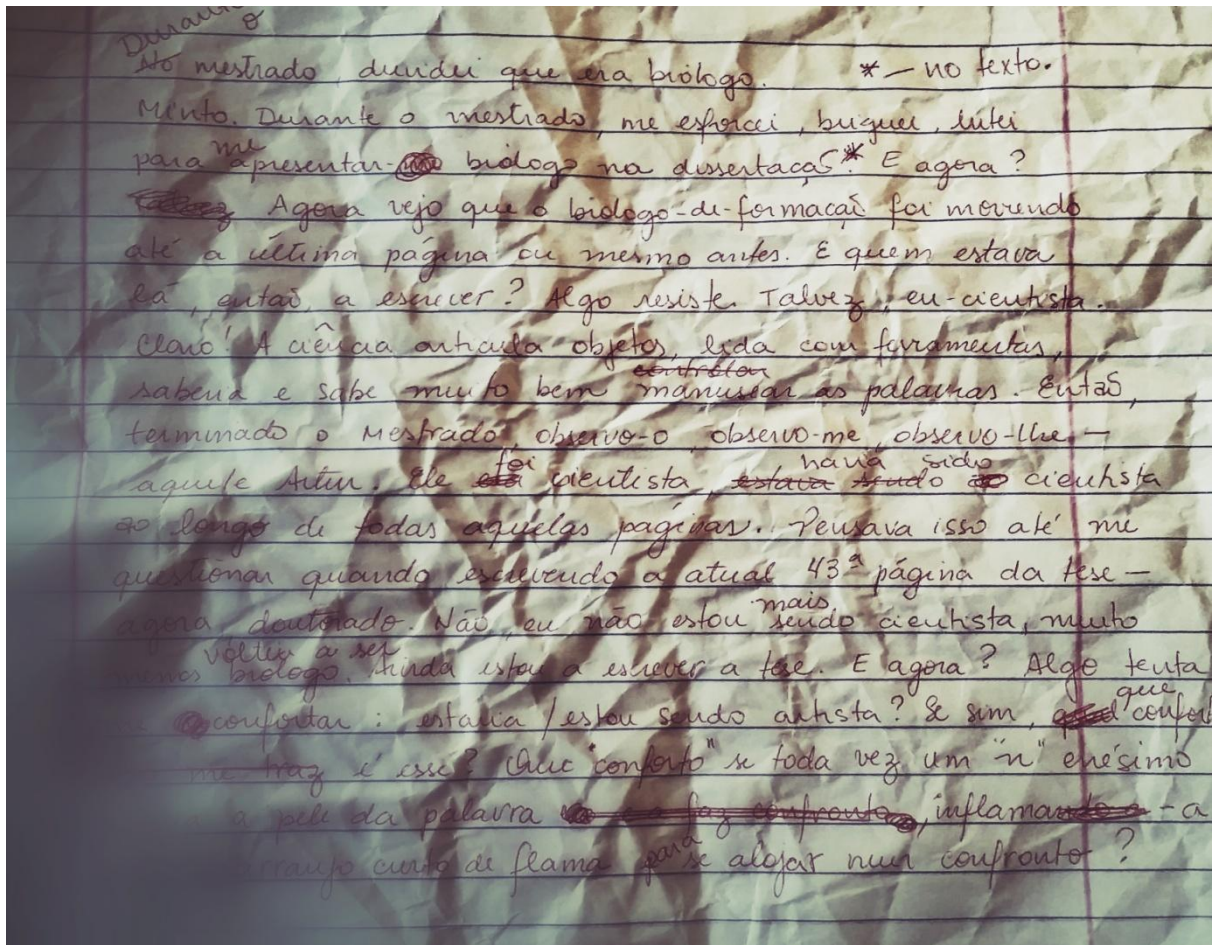
o artista, quando escrito, é
um devorador de belezas.
belezas horrendas – todas
– que a vida *nos faz*
– que a ciência mascara
– que o trouxinol aplaude.
O artista, por isso, quando é
escritor, se devora traidor
e vive autofágico,

antropográfico e fágico,
zoográfico e zoofágico.
bio-grafias que acabam ... e
que se acamam e se acabam ... e
BiografE. DespistE. EXIT.

É o máximo que posso chegar
devorador neste intervalo *hijk*
do desejo pois, se só ela se
faz toda, “traí-la/me-ei”.

[TÍTULO ILEGÍVEL]

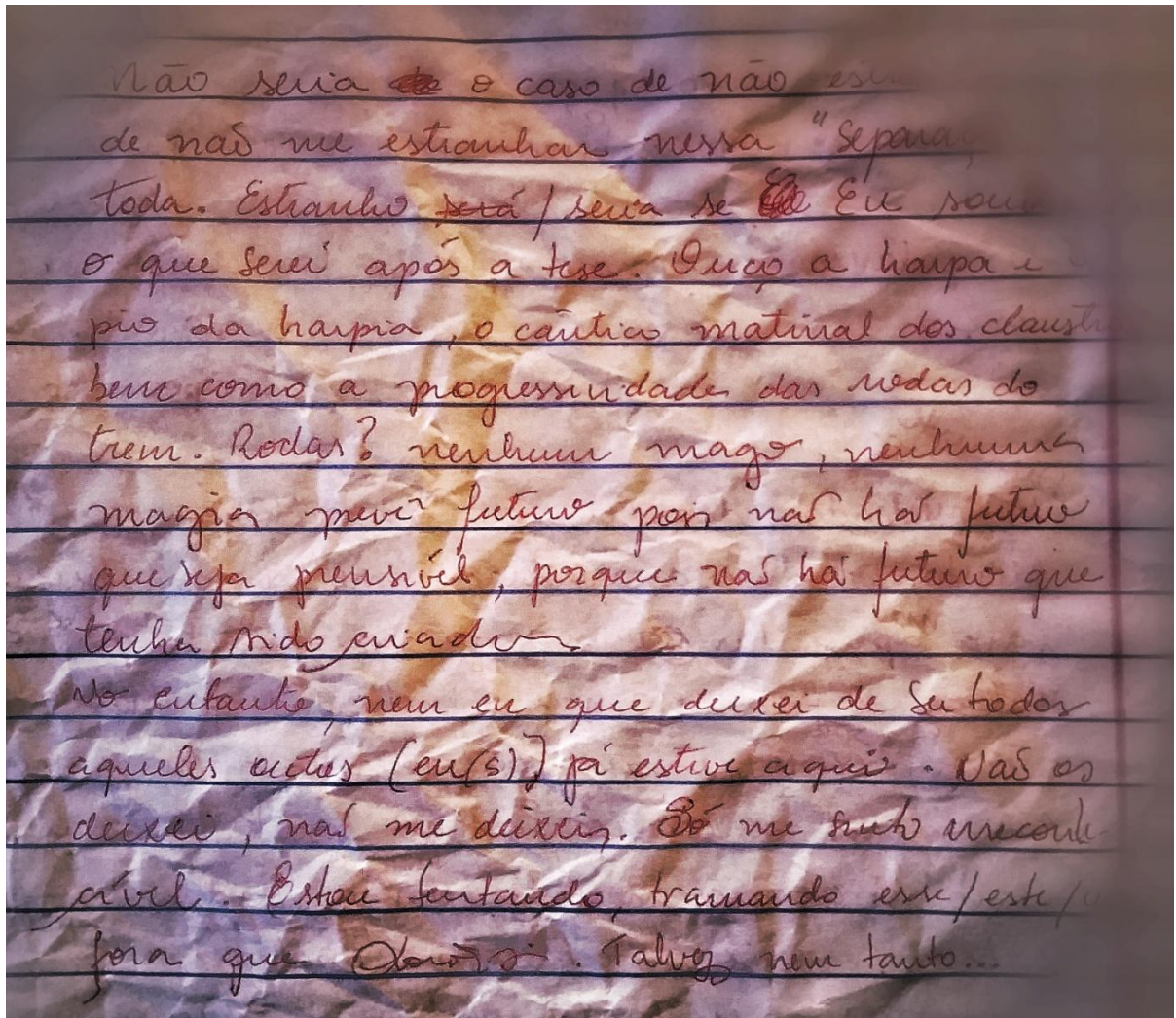
[Foi no instante do último clarão daquele raio que um bilhete, ou melhor, que papel amassado pôde ser encontrado ao chão, em vias de encharcamento quase absoluto. Quase... Desdobrá-lo não foi tarefa fácil. Desdobrá-lo *não seria tarefa fácil. A tinta, um tom estranho de vermelho, lembraria muito mais a ferrugem se não fosse pela semelhança com certo tom de sangue velho, pouco oxigenado, típico das guelras dos peixes não elegíveis...*



Durante o mestrado, duvidei que fosse um biólogo. Minto. Durante o mestrado, me esforcei, briguei, lutei para me apresentar biólogo na dissertação – no texto. E agora? Agora vejo que o biólogo-de-formação foi morrendo até a última página ou mesmo antes. E quem estava lá, então, a escrever? Algo resiste. Talvez, eu-cientista. Claro! A ciência articula objetos, lida com ferramentas, saberia e sabe muito bem ~~controlar~~ manusear palavras. Então, terminado o Mestrado, observo-o, observo-me, observo-lhe – aquele Artur. Ele ~~era~~ foi cientista, ~~estava~~ ^{havia sido} sendo cientista ao longo de todas aquelas páginas. Pensava isso até me questionar quando escrevendo a atual 43ª página da tese – agora, doutorado. Não, eu não estou ^{mais} sendo cientista, muito menos voltei a ser biólogo. Ainda estou a escrever a tese. E agora? Algo tenta me confortar: ~~estava~~ / estou sendo artista? E sim, ~~que~~ ^{que} conforto é esse? Que "conforto" se toda vez um "n" enéssimo a pele da palavra ~~se~~ ^{se} faz confronto, inflamante – a ~~forma~~ ^{forma} curto de flama para se alojar num confronto?

tenta me reconfortar: estaria/estou sendo artista? Se sim, ~~qual~~ que conforto isso ~~me traz~~ é esse? Que “conforto” se toda vez um “n” enésimo perfura a pele da palavra ~~e-a~~ faz ~~confronto~~, inflamando-a num rearranjo curto de flama para se alojar num “confronto”?]

[Em seu verso se alojava algo que parecia tentar ser – em vão, embora esforçadamente – um verso: escrita centralizada no espaço daquele pedaço de papel pautado, mesma caligrafia, apesar da cor da tinta parecer ser outra. Todo aquele pedaço de verso parecia ter outra cor, talvez fosse próprio daquele papel, fosse verso ou anverso, ou, ainda, talvez fosse devido a algo trazido pela tempestade, algo que, assim, rapidamente, tingira rosadamente toda *aquela* face...



Não seria o caso de não estranhar, de não me estranhar nessa “separação toda. Estranho ~~será~~/seria se ~~eu~~ Eu soubesse o que serei após a tese. Ouço a harpa e o pio da harpia, o cântico matinal dos claustros, bem como a progressividade das rodas do trem. Rodas? nenhum mago, nenhum magia prevê futuro pois não há futuro que seja previsível, porque não há futuro que tenha sido criado. No entanto, nem eu que deixei de ser todos aqueles outros (eu(s)) já estive aqui. Não os deixei, não me deixei. Só me sinto reconhecível. Estou tentando, tentando esse/este/ou fora que ~~deixa~~. Talvez nem tanto...

nenhum mago, nenhuma magia prevê o futuro pois não há futuro que seja previsível, porque não há futuro que tenha sido criado[r?].

No entanto, nem eu que deixei de ser todos aqueles outros [eu(s)] já estive aqui. Não os deixei, não me deixei. Só me sinto irreconhecível. Estou tentando, tramando esse/este/um fora que seja [ilegível]. Talvez nem tanto...]

Chegamos? Chuva cessada, tempestade elétrica que prossegue.

Chegamos?

Onde não se chega [por já se estar].

Onde não se chega [pois não se sai].

Infinito. Feito.

O JARDIM DAS DELÍCIAS

O Jardim das Delícias é um dicionário que não funcionou, que não funciona, que “não deu certo”. *Chegamos?* É longo e pesado o tempo abrigado nestas linhas tão falsamente iniciais [mesmo que a esta página]. *Não somente*, não é por menos que tal *Jardim* é um alfabeto que também não deu certo. *E se funcionasse?* No vir a funcionar, um *vir a ser*, um funcionar *num vir a ser*, há, pode ou pôde haver, o que não [se] foi, ainda que *quase* num ido, *quase* num vindo – se não fosse (n)outro *porvir*. Outro, *quase* que [já] ido, que [já] vindo... *Há algo que permanece, que parece permanecer, resistir...* *E não se tem controle sobre isto quando se lê?* No entanto, *repito*: chegamos! Chegamos ao inimaginável – um *dicionário*, um *alfabeto*, uma sequência para não sequenciais, sucessão *aqui* errante, *errância* não porque não deu certo, mas por incerta *aberrância*. Chegamos e *se chegamos* é por não haver certeza alguma de certeza outra – e *se nem mesmo esta, nesta*, se não me lerem, não me escrevi, nem me vi, mal-te-vi. *Ouve o canto?* Não cabe, nem caberia, questionar [de] quem. Um dicionário que nada diz devido a sua pretensão em *nada [vir a] dizer*; uma pretensão que não lhe cabe pois não lhe pertence. *Mas [nem] aqui também não?* Uma pretensão que nada lhe cabe pois que leiamos *tempos desprestiosos*, outro não pertencimento “apropriado”. Você que está me lendo, lê-me por querer me ler, por querer-me lido? Um *não-pertencimento* que me escapa em mesma intensidade do escape ao dicionário, do dicionário; um *não-pertenciamento* que me faz fugir, que me faz inapreensível. Se pertenço, se “pertenço-me”, nem tudo poderia ser tendo em vista que “desprecisaria” um não-poder; tendo em vista que não gostaria de precisar recorrer à não-necessidade de poder – algo, sobre algo, sobre mim –; tendo em vista que gostaria de não precisar a necessidade de um não-poder sobre a vida, mais sobre ela do que sobre o vivido ou mesmo sobre o vívido – ainda que essas sejam “instâncias” próximas, derivadas entre si. Arrematando: tendo em vista que *um eu* não gostaria de precisar necessidade alguma – toda e qualquer não-necessidade – de um poder, um poderio, sobre a vida, os vivos e mesmo os mortos. Retorno ao “real” investimento desta escrita, *esta ruína em construção*; retorno ao “problema do pertencimento”: se pertenço-me, se pertenço *nisto aqui*, reforço uma redundância inaceitável. Eu não posso *me pertencer*. Também, eu não exerço poder, nem poderes sobre coisa alguma. *Isto* não é meu, ciente que estou acerca do eu que o fez, que talvez ainda o faça, poder ser meu inimigo. Quem busca inimigos enquanto pertences? Enquanto pertencimento? Aqui eu não quero ser tanto o eu, tantos eus, que não gosto de ter sido, de ser, de poder ser.

Isto tudo é uma briga, um confronto, uma luta com as palavras, *comigo*, que não eu. E isto não deveria estar noutra parágrafo. Elas, as palavras, *estas*, que nada deveriam limitar, limitam. Eu que não quero limitar nada, limito ao recorrer às palavras. Eu que vendo-percebendo, *sentindo*, tudo isto, ainda assim acredito nisto tudo. *Então, talvez, não queira mais acreditar?* Seria experimental – eu plantado e movente, diaspórico e enraizado. *Fugindo das predações?* A questão é o *leitor*, acerca dele e da vida que ele *parece* se apropriar quando lê, quando me lê; vida que ele acredita ser a minha – que eu o conduzo a acreditar ser a minha e que, no entanto, eu o abandono com precisão e cuidado em alguns momentos. *Alguns? Ele, o leitor, não pode lhe entender?* Ele não “precisa” *me* entender, sendo que... *Então, uma vez, que...* Isso! E, no entanto, ele estará entendendo algo, talvez, não seja “entendendo”, mas, sim, “produzindo algo”, sentidos que eu preferiria que não viessem a estar associados a mim, ao menos não tão associados. *Mas já sabemos disso – essa é a “baixa” desta sua escrita. Apague.* É como se eu sussurrasse o que não ser e então um zumbido capta essa “informação” e se silencia. Não! Isso não deve ser assim... *No entanto, é o que passa a ser, o que pode fazer com que...* Ou, então, o zumbido zumbe sabendo do silêncio que *também* lhe cabe, que *também* lhe preenche, e que, ainda assim, não o permite ser. A questão, então, passa dos “talvezes” aos “tambéns”. *Sobreposições, talvez... Sobreposições, também...* É necessário – e não “preciso” – trazer à escrita esse movimento – que penso ser de profundezas (pode ser “profundidades” se preferir, embora a meu contragosto) – do quê as coisas *são* e *podem [também já] ser*. E por que não *de tudo o quê as coisas [ainda] não são?*

O livro é de areia.

Do que é feita a areia?

O inseto é de humanos.

E o quê não é?

Do que são feitas suas asas?

Uma estrela muda o sexo

– ocaso febril do ponto.

Se Orlando, um contraponto:

um asterisco fez tal (r)astro.

Para um bilhete, o estilete

– beijo , corte e punção.

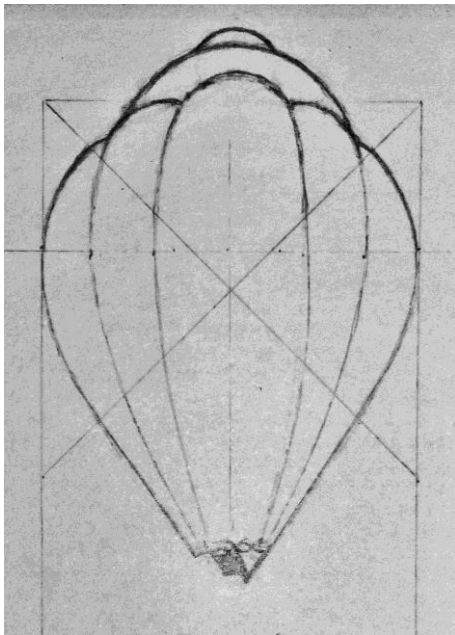
Para um bilhete, um filete

– de unha , cílio ou vulto.

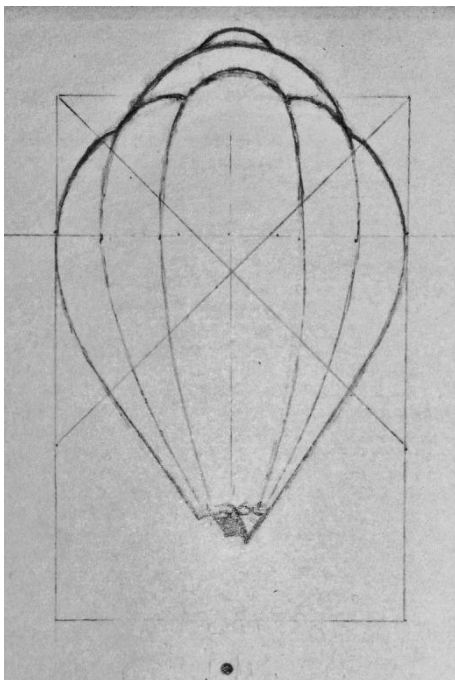
Talvez seja necessária uma redução, *num sentido de constrição, de uma compactação, também* e consequentemente um aumento de *pressão*. Recorro a este pensamento devido ao “filete” semeado. Deixei “coisas” [(aberturas)] para trás, algumas reticências. Sim! Muitas reticências. *Talvez não as tenha deixado...* Elas já tiveram *algumas* continuações. Agora, no entanto, *também* se fazem necessárias *outras* continuações. Não desejo que isto seja compreendido como um retorno; trata-se de olhar ao lado e reparar nas “coisas” que estiveram até agora ao alcance e que, no entanto, devido ao “descer das páginas”, uma palavra ou outra “necessitou” vir primeiro, antes de outra, neste movimento de *escrita de texto de livro*. As ideias não! Elas não vão-e-vêm, elas contaminam, sempre se espriam mais-e-mais e fazem-se pulsantes do começo ao fim, em vários momentos-lugares, como se antes do começo, de um começo, já estivessem pulsantes, como se após o fim, após um fim, ainda estivessem pulsantes, ainda viessem a pulsar. As ideias vão... Antes de um começo, sabia tudo menos a palavra. Depois de um fim, depois de tantas palavras, eis, *ainda*, outras e o (re)conforto de uma recém-encontrada, “mais adequada”. Palavra. Ponto. Nem sempre... Eu sei como mudar isso, essa situação do página-à-página, do sentido físico da leitura e do escrever, no entanto, desejo trabalhar, *operar*, sobre esta tensão do tentar fazer *algo diferente* em algo-outro que não o comporta(ria), em algo-outro que *aparentemente* não [se] sustenta(ria) [n]essa diferença – e “tudo isso” somente para dizer que *algo diferente* é possível de ser feito apesar dos suportes e modelos, justamente quando se acredita(va) que não é/seria possível. *Isto*, apesar de tudo, estará numa biblioteca e num “repositório eletrônico” (nome bonito a “depósito”, “local” no qual depositamos *produções*).

Retomando a “constrição”, o “filete” me conduziu à imagem de um balão, mais precisamente ao fitilho que amarra um balão apesar do nó; um fitilho que se prende ao balão. *Nó?* Aéreo, continuo e a imagem dum balão me conduziu polidamente ao [seu] voo, à necessidade de gás e temperatura para ascensão; necessidades químico-físicas. E, então, entre o balão e a bexiga, a diferença: eis o lança-chamas. *Nó desfeito*. Ali, na boca do balão, a abertura é um fechamento frouxo, uma *tentativa de*, no entanto, eis uma tendência ao fechamento que a entrada quase constante de energia não o permite ser abertura total, não o permite ser o que não se poderia ser ainda que sendo [em partes?]; tendência de abertura em pleno voo. Escorrego rumo a uma *anatomia do balão* – a pressão causada pelo gás e gerada pelo aumento da temperatura tensiona a superfície, arredonda-a, deixando-a escorregadia. Se escorreguei, eis que foi por ela [a superfície]. *Chegarei de balão ao Jardim*. Os bilhetes encharcados foram encontrados à beira de uma selva de precipícios; é ao outro lado que

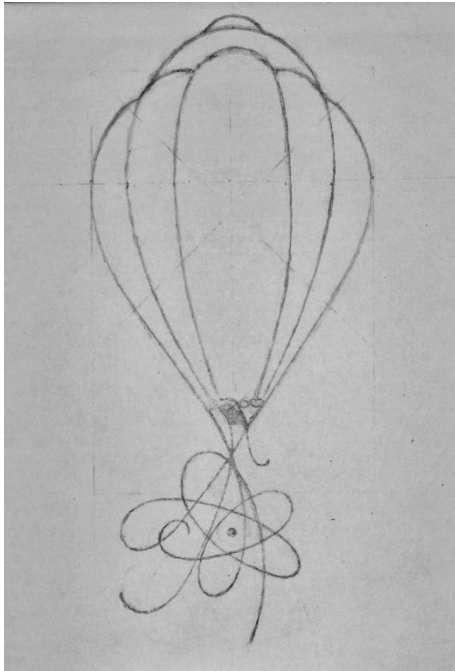
almejo chegar, é do outro lado que desejo falar. *Se me assustarei com o voo?* Não mais do que com o receio desta invocação de *um aéreo* enquanto silêncio *um subterrâneo*. *Se me preocupo com isso?* Mais do que com a certeza de possível queda. *No entanto, já não estaria a voar?* Olhos fechados ou escuridão? Dias quentes ou febre? Sono ou desmaio? Morte? Viver ou sonho? Mar, oceano, mergulho ou líquido amniótico? Vida? Filete, fitilho, borda, linha de borda, borda também aberta, borda de abertura, fechamento frouxo, não fechado. Filete, feixe, raio, nervura raiada, raios nervurais, borda de contínua descontinuidade, propágulos. Anatomias, fisiologias, comportamentos; um sentido “a seguir”:



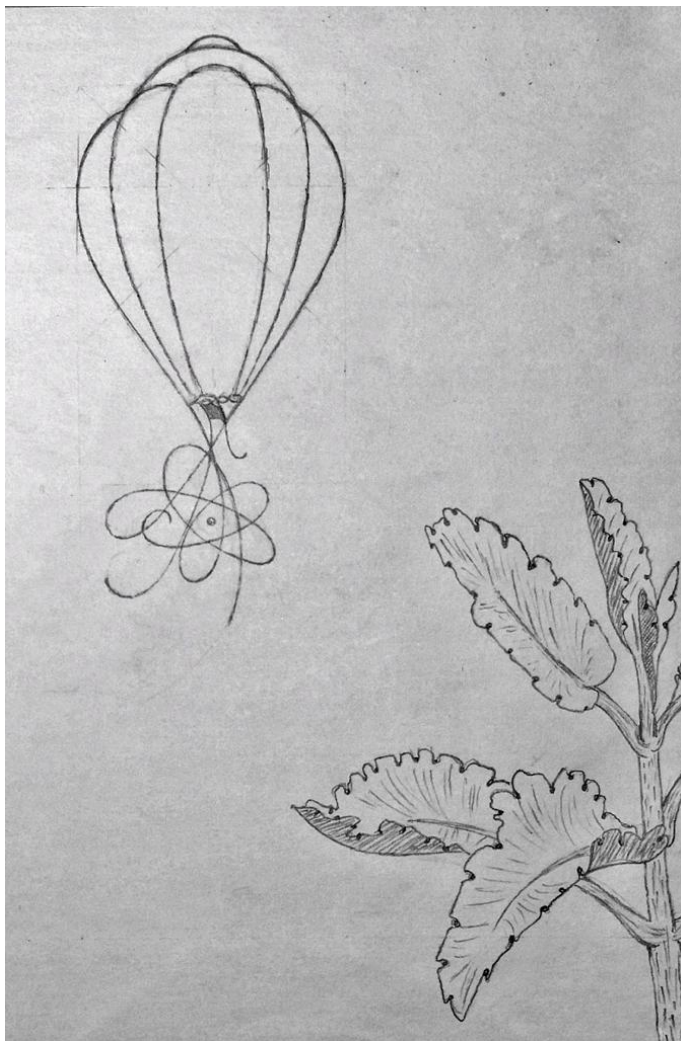
Anatomia do Balão – Construção I: Abraços e Colarinho



*Anatomia do Balão – Construção II:
Posicionamento de Lança-Chamas para Içamento
junto ao Colarinho*



Anatomia do Balão: Registro do Funcionamento do Lança-Chamas



Anatomia do Balão: Registro da Chegada do Balão ao Jardim de Fortunas

A tempestade avançou e atravessou os precipícios. Se não for possível chegar de balão ao Jardim de Fortunas, o melhor caminho é adentrar a Montanha do Jardim das Delícias: lá

onde a rocha se faz frágil, lá onde o impensável cavou uma escadaria que conduz todo aventureiro ao cume feito em antagônica planície tocante ao lado almejado. *Gentileza*. Ainda, será necessário atravessar a instabilidade do equilíbrio até alcançar a borda sul para que seja possível desfrutar da jardineira de fortunas – quando, então, uma folha, *ou nem isso*, bastará à imaginação profunda e não somente às metodologizações infecundas e tão impróprias a este *destratado de fisiologia*. Assim, ocorrendo a chegada, (...)

um roseiral varrido pela tormenta;

incêndios causados pelas descargas elétricas margeiam

A Floresta. Parece (...)

. O

Grande Lago,

(...) *mas* toda vida relançada.

- | - | -

Acabou. O motivo maior é este fim. *Qual?* Rosas tornaram-se papoulas, o incêndio foi total e as cinzas apenas surgiram com o rompimento da parede do Grande Lago – um lago de altitude tem essas permissões-possibilidades. *Esvaziou-se? Totalmente?* Sua água veio e vem do degelo do esquecimento, é memória e também condensação, *um tipo de* concentração; seu assoalho é todo desenhado em seixos rolados, rolantes, os quais, rolando, permitiram o escape da água por entre as fissuras abertas na crosta pelo calor das chamas. *Toda a terra fissurada! O oceano todo um lago sideral!* O Jardim de Fortunas, opostamente situado, em nada foi afetado – talvez a fumaça tenha se deslocado um pouco sobre ele, talvez não. *Quem-fumaça? Quem-rosa-roseira-roseiral? Quem-cinzas? Quem-tempestade? Quem-Grande-Lago? Quem-Fortuna?* Ainda, cinzas. A direção foi outra, é outra até então... “*Até então*”? O sentindo... É delicado retomar/retornar ao Jardim de Fortunas: com o rompimento do Grande Lago, a fresta existente entre a Planície Antagônica e a área do “(não mais) roseiral” ficou maior; a instabilidade também aumentou, *como por aqui*. [...] assim, se parece que a *continuação* se dará em elevado terreno, não se engane, caro leitor, a origem posta até então sempre foi subterrânea, subcutânea, sub... O desnível é interessante – velocidade, aceleração, vertigem, medo, ousadia. *Sim*, ousadia *por último*, e uma vez lançados esses “dados”, um vortex de pensamentos faz com que eles pouco importem separadamente.

Refaço-me. A tempestade e o incêndio, esses acontecimentos, se mistura(ra)m a outros não desenhados por *aqui*. *Até então, nada de novo*. No entanto, o incêndio se tornou uma grande surpresa: com todas as desculpas cabíveis às propriedades físico-químicas, eis que o queimado, que seria a princípio uma floresta, foi o próprio combustível, combustível *disto aqui*. *Sim, o combustível que queima também é queimado. Quem-combustível? Sim*, Queimei quem era o combustível deste *Primeiro Movimento de Dois Momentos*. Entre altos e baixos, *altitudes, cumes e vales* (recordando Stendhal), uma Floresta sempre esteve apontada nos rascunhos; o fogo movente desta escrita deveria incendiar a Floresta e, no entanto, o fogo rosáceo desabrochado na *Ignições* é o que necessitou ser apagado por motivos que extravazam esta escrita e que acabariam por *queimá-la* – a floresta tornou-se roseiral, solidão, destaque, descarte; *papoulas de analgesia*. *Por que queimar esta escrita?* O fogo anunciado desde *Ignições* ganhou um nome – marcante, repetitivo – quando nas últimas ignições e, no entanto, ... O fogo principiado pela tempestade chegou às ... *próprias situações extra-escrita, motivos-desejos-outros; e o artista, inflamado, reinventou-se: seu até então grande mote, epígrafe viva deste “até então”, já não mais existe*. A princípio, a *Ignições* se alongaria por mais

algumas centelhas e chamuscados, linhas e linhas e linhas, trama sem fim; seria muito provável que avançasse este *Primeiro Movimento*, contaminando outros processos *desta composição*. *Algo, então, deu errado?* Não, o fogo da escrita dobrou-se sobre si mesmo. *E, se faltou oxigênio, [...]*.

- | - | -

} Refaço-me. Das inversões, é em *suposta* a(l)itude que há um lago; é dos abismos que emergiu e emerge este (es)Tudo de até então (covas, ventos, pontos, vírgulas e pontos-vírgulas), *nada*; um mergulho ainda está por vir à [...]. *Carbluy silencioso*. Silenciado. Vivo. *Página 107, último parágrafo*.

{120°} Fechamento para abertura; “Livro I”? com apenas mais alguns escapes insistentes? Emergirá uma geografia, o que a estará habitando? lapidada uma paisagem, ~~o que a traduzirá?~~ [...]. Desde a *Advertência* até este *anúncio* – outro, mais um –, descontinuidade necessária pois flexão noite-dia e toda a sua curvatura. *O Grande Ensaio*.

No entanto, se *ainda* há um mergulho por vir...

É difícil chegar ao fundo que sempre se abre.

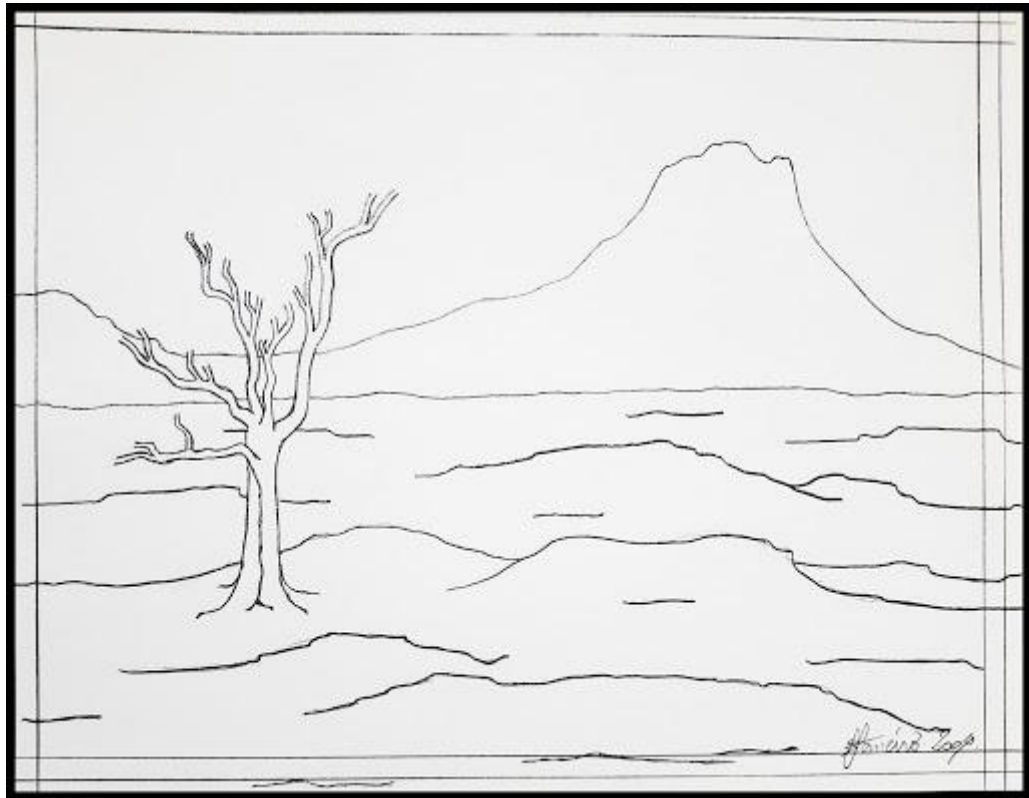
FLECHA DE FOGO

Aparentemente, *lugares* postos. “Lugares”, não. “Locais”. *Nem mesmo “locais”, tão menos “lugares”*. Instâncias? Ao menos, *rima de inconstâncias...* Papéis e rascunhos e... *Não se trata mais de um vento, de uma esvoaçadura de ideias, de possibilidades,... “Esvoaçante”*. *Não se trata mais de ventar ou fazer correr, rolar, tropicalar, deslizar vertiginosamente feito gota de diesel em poça d’água de sarjeta; Os “locais”, os espaços – ainda me escapa ‘o termo’ – ao qual se chegaria – se chegará? – está abaixo e abaixo e abaixo...* São imagens. Ao menos, *rima de paisagem, embrião imaginário (...)*. Rima de aragem. Se não se recorre ao vento, se não se recorre ao que corre, eis o que “segura”, o que “sustenta”, talvez, até mesmo “ancoradouro”, ... , o que, de incerta maneira, enraíza. *Feito barco em alto mar, preso às flutuações, liberto em mergulho, incerto em naufrágio*. Preso. Preso a tantas possibilidades. Preso. Também, imaginário é rima de incendiário: a terra queimada segura, retém, dissipa nela própria algo que o vento e o fogo não varreram da superfície e o quê eles dois produziram, aqueceram, deixaram, esqueceram, esfriaram. *O quê seria... não se sabe[, não sei]*. A profundidade, a profundeza, a profus... [...]

É difícil chegar [*a esta outra necessidade que pede para falar*] quando se necessitou retornar e apagar o caminho. *Caminho que não se apaga, retorno que não retorna, que não se retoma*. É difícil chegar quando o *estruturado* é alterado. *Drasticamente!* Se sobre o solo o fogo corre solto é por nele haver o quê se queima, o que queimar. *Facilmente?* Relanço-me. Os “espaços” apresentados anteriormente foram devastados por um grande incêndio. Suas respectivas imagens são registros-cinzas, são restos, *dispêndios [...]*. *E isto é [o] efeito do fogo?* As chamas começaram depois de muita espera, depois de muita [in]digestão, de muita saturação. Estas folhas em branco não me foram convidativas o suficiente para cá deixar outros registros... *E o tempo foi passando, passou*. Além disso, se eu mesmo fui o incendiário [...]. *Eu?* “O Grande Incêndio” sempre foi o título do último tópico da estrutura(ção) deste trabalho, esta produção agora sendo lida. “*Profus-ÃO*”? *Mas...* O que me espanta – assumo! – é que havia um incêndio devastador enquanto parte integrante de uma estrutura, *desta* estrutura textual; um incêndio capaz de esfacelar toda a estrutura já era parte integrante do “programado estrutural”; talvez, ainda, o que mais me espanta é saber que o fogo que seria ateadado foi semeado e germinou rapidamente quando menos se esperava – de alguma maneira, uma menção a um incêndio deveria ser realizada; mais do que isso, incendiar as palavras até suas cinzas arrastarem a escrita e borrarem toda e qualquer árida compreensão. “*Realmente*”, *dessas “coisas” sabe-se muito pouco... Que vida sente que morre(rá)? E quando é notório o*

texto sendo encenado sem prévio aviso? E quando o texto encena as pessoas, suas vidas por alguns momentos e as faz encerrar suas linhas, pontuações e pontos finais? E quando esses momentos... Mágicos? E “o que fazer?”. Talvez, este momento-texto seja um momento de falta de propósito, de “propósito-maior”, de “coisa do tipo”. Como se o propósito do fogo fosse o queimar e só. Só. [...] Mas ainda há um título a ser explicado! Há a semeadura de algumas letras, duas palavras, como noutros momentos-texto. Ou, ainda, antes disso, bem ali, onde apareceu a palavra “pouco”, seja necessário assoprar alguns elos – as reticências foram demasiadamente severas à “vida que (não) sabe que morrerá”: da doença da morte ao fogo da vida, seu autoperigo. Talvez, este trabalho esteja versando – buscando versar – sobre perigos. Talvez. E Quem cria seus próprios perigos? Suas próprias ciladas? Armadilhas? Dissonâncias... Alguém-roseiral e alguém-roseiral-em-chamas; desejo tomando corpo, desejo liberando corpos, libertando-os.

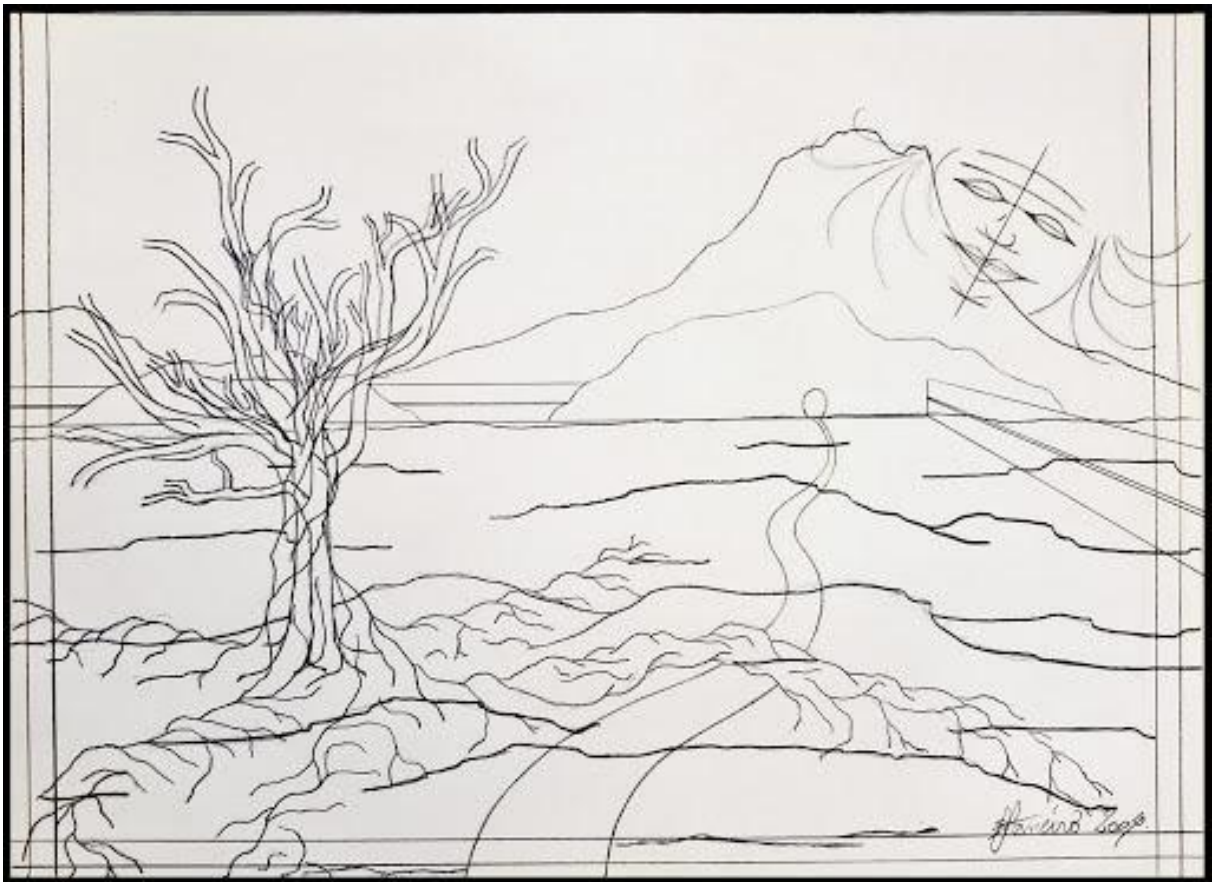
Desejo libertando corpos?



Composição 2004 Outonos



Composição 2009 Verões



Composição (2020 + n) versões



Quando *lugar* de adeus.

Quando *lugar* de não mais lugar.

Quando vista geral... espacial... especial.

Sobreposição de tempos... Sempre de tempos.



Tempo folha / Folha de tempos vorazes / Folha viva de vidas / vida balançante, por um fio de pecíolo / multidão sustentada. Folha de lagartas / lagartas vorazes / Lagartas vivas em viva folha – ainda. / Lagartas balançantes, todas por um aglomerado semelhante / multidão movente. Lagarta de folha, folha movente, ao vento, às presas, à fome. Lagarta-limão, lagarteiro.

Nem [só] a folha,

Nem [só] a raiz

Nem [só] a nervura.

Nem [só] a fundura da mordida, nem [só] a doçura da seiva.

O encanto da Vida escapa ao controle do vivo – aquilo que se esforça para ser, fortuna.

MOMENTO III: MONSTRUÁRIO

O it-ALBETO

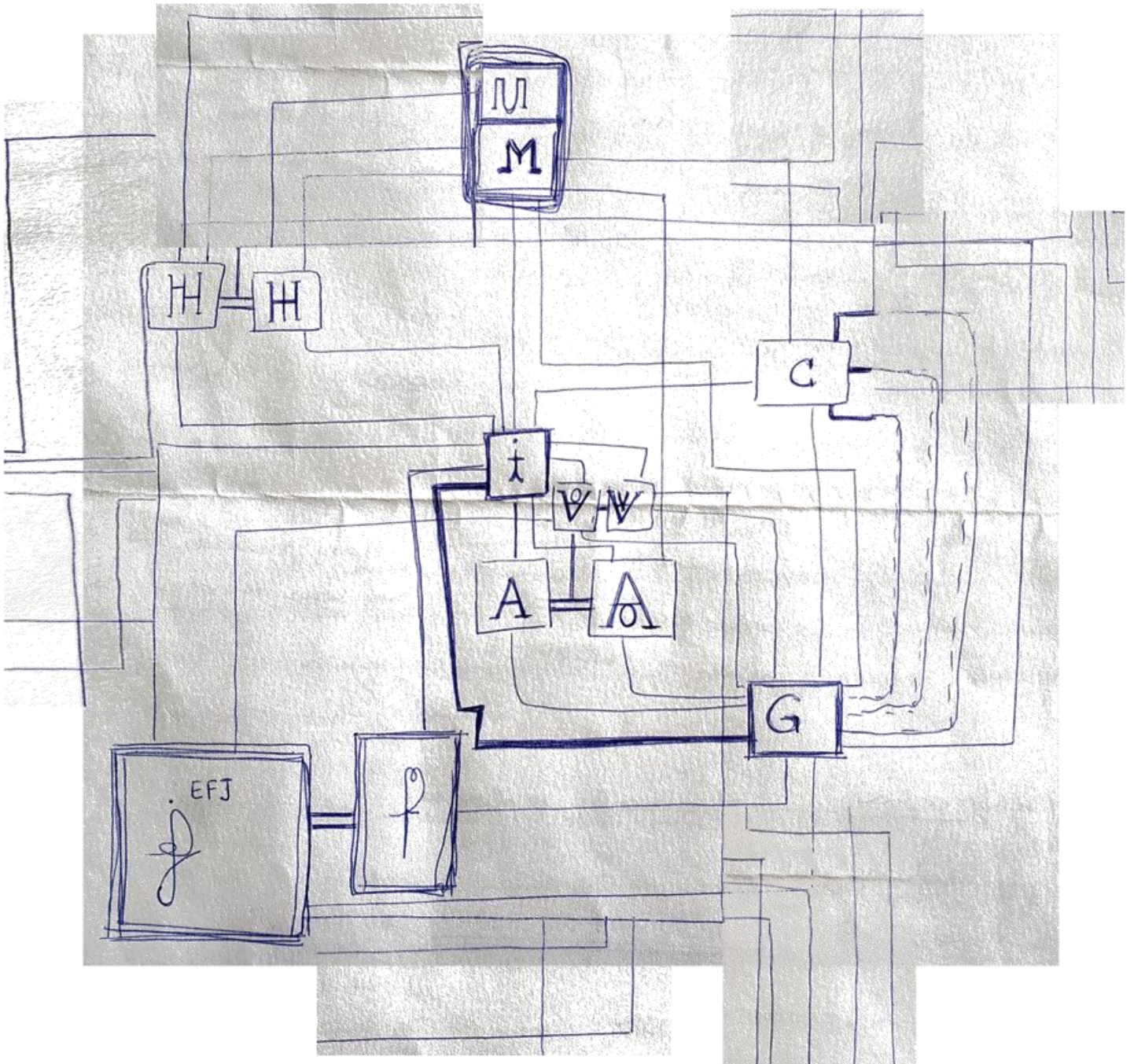
Durante algumas aventuras com turmas do curso de Geografia, um biólogo deixa-se seduzir pelo sufixo “grafia”, numa potência, numa intensidade que o arremessa para fora de sua zona de conforto, para fora de sua até então mesmice – convite tentador a uma aproximação de Biologia + Grafia. Imediatamente pensei em *biografia*, entretanto, fui povoado por ideias do tipo “escritos da vida de alguém”. Buscava um “quando-onde-como” a natureza, o vivo se escreve, se escreveria, na aproximação ou mesmo quando sendo uma escrita não vestígio de viventes, mas escrita-vestígio, inclusive e ainda assim também diferente de vestígio de escrita. Tomado pelo “vestigial”, tantas formas de vida já passaram, já contribuíram para o todo biológico de agora. Ainda não me satisfazendo, recordei a expressão um tanto quanto corriqueira “o texto vive”, “o texto é vivo”; seria necessário explorar mais essa vivacidade do próprio texto, da própria escrita, do escrever; explorá-la até “últimas” consequências. Assim, resistente às ignições, aos incêndios, às descargas elétricas, à anóxia de águas profundas, às ruínas e até mesmo aos pontos finais, as palavras serão como células; sem o “como”, serão palavras-células pois célula, unidade vital cujas organelas, frutos de capturas, invaginações, dobras, fusões e alongamentos, compõem uma rede, uma trama de conexões, um sistema, letra-sistêmica. Se optasse pela *bio-grafologia*, teria me aproximado muito mais da grafoscopia, do tipo dos traços, compositores dos escritos e até mesmo da forma das letras. Se optasse pela *bio-grafiscopia* [...], quando, então, *scopia* remete à observação, exploração. Mas e aquela paixão com que o professor falou? Se optasse por *bio-filia*, qual seria a *-logia* que tanto se presa numa ciência e não somente nela? Curiosamente, “*-filia*” me fez relembrar “A árvore do conhecimento”, de Francisco Maturana e Humberto Varela: “– Ah, que Biologia diferente!”. Também, vi-me “mais passional” pela empreitada a qual estava me dispondo: teria que ser uma invenção que atuasse nos fluidos das palavras, nos tecidos de suas letras, em suas vísceras; o que me tornaria, novamente, um anatomista, um dissecador a também se dissecar – esta também autovivissecação.

Passado um tempo, cerca de uns quatro meses, retomei essas ideias e num caderno de anotações – o mesmo caderno verde de outrora – escrevi o que se segue:

BIO-LOGIAS, BIO-GRAFOLOGIAS, BIOGRAFILIA, BIO-GRAFOSCOPILOGIA e assim não nasce um conceito; assim gesta-o; assombro. Um conceito a partir da dificuldade de outro – o que fizeram o a “-grafia” viva para a vida dos já mortos?

MOSTRUÁRIO, MONSTRUÁRIO; há um obtuário inscrito. Chego após intensa e duradoura meditação ao nome, talvez termos, disto, desta forma, forma-conteúdo que se apresenta sob outro título, o de tese: isto é um monstruário, nada mais que um mostuário – no tocante ao quê todo catálogo é e faz – habitado por um obtuário vivo; é um verdadeiro assombro aqueles que realmente não vivem e que morrem constantemente sem se dar conta disso; é pensamento vivo registrado.

Foi necessário recorrer a uma “sistemática” para assegurar minimamente uma sedimentação às/das ideias novamente esvoaçantes, feito, talvez, exsicata de um esflorturalho ou mesmo feito uma ilhota de fundamento ao leitor que se preze por ter chegado até aqui; uma ilhota para viver a dúvida dum prazer: o da força das correntes marinhas ou o das arrebentações por toda margem insular recortada? Uma sistemática, ainda que pareça a necessidade – ou desejo? Ou carência? – de linhas retas em meio a tanta cursividade. Com isso, o todo visto/lido/mergulhado até então é IT, a primeira letra; a letra das letras e por isso mesmo nada se isolada,ilhada. Dela partem conexões que se ramificam e, assim, como se feito um novo Sumário – SUMÁRIO II – se torna a *carta* que se segue, quero dizer, a seguinte cartografia *disto tudo* que se relança no palco desta tese: este alfabeto-abecedário-dicionário inédito ou mesmo estes outros caminhos do labirinto de faunos e de Borges com seus espelhos-fractais, mas também trama *-frouxa-tensa-frouxa-tensa-* de Ariadne, ou ainda gotejamento de cera de Ícaro, jardins (d)e passeios de Woolf, coliseu dos vencidos, mosaico dos crentes, passarelas do inferno, alcances das ondas idas e vindas de Hemingway, papel sobre papel, (...) [imagens, tantas].



A de ABERTURA

Abertura. Abriu-se a fenda, a fenda, abertura que é; é o que se segue e será, então, tudo o que encontraremos no fundo de nosso desejo de compreender, como apontou/aprofundou Blanchot (2005). A abertura, fenda que é, nunca foi fechadura e dizê-la pelo o quê a faz, revela-a "melhor": se uma chave a fizesse, no complemento inadiável do subtermo fechadura do complexo chave-fechadura, o maravilhamento estaria – poderia estar mais notoriamente – na chave do que no buraco, aquela desenhada [pela] abertura; mais na chave para tornar aquela desenhada abertura do tamanho da própria passagem do que o artefato trancado possa permitir. No entanto, a chave abriria? destrancaria? Inquietações perpétuas se consonantes à certa possibilidade de incompatibilidade tão pacífica. A fenda, para uma melhor sintonia com o desejo, é fenda por ser o primeiro raio de luz quando na escuridão – escuridão que a observa, inclusive –, a primeira gotícula da calefação, o exterior interiorizando-se numa rapidez violenta mas de retardada digestão, o esbugalhar de olhos num assombro por vir de uma bela e inédita ousadia. Essa mesma fenda, abertura que é, também é um átomo saturado, como encontrou Virginia Woolf, de infinidade de possibilidades pois inconstância total – inconsistente e insustentável é a permanência.

A abertura, este marco que se [re]faz, temporal ou espacialmente, espelha, também. Uma citação nunca chega em vão: traz bagagem, até mesmo munição, todo um arsenal silencioso de [...] - por isso do espelho. Aqui, alguns reflexos: de qual objeto se fala quando se fala duma abertura? Imagens, muitas imagens de imagens, também letras, curvas e cores transitam pela abertura, fazendo-a - todo um "grande poder de fingir, de trapacear e de enganar de que toda obra de ficção é o produto, tanto mais evidente quanto mais esse poder estiver ali [aqui] dissimulado" (BLANCHOT, 2005, p.138; adaptado por mim). No entanto, pensar no objeto que se busca alcançar com este todo é o objeto que compõe este próprio todo; nisso, faz-se objeto deste estudo o processo pelo qual ele se faz, ele se torna o que é, este agora, inclusive. Ele é coisa dada por isto ainda que não sendo mais isto, nem mais esta coisa pois logo há outra vindo. Talvez, toda abertura aqui presente seja mais uma trapaceira abertura, faceira para recordar Manoel de Barros. Talvez e também, entrada que jamais deveria ter sido iniciada por quem busca saber o que tenho buscado, afinal, promessa destas páginas - tão chaves -, feito polinização não buscada pelas abelhas, a chuva não amante da esporulação, o degelo não amigo dos salmões, o verão não acolhedor dos voos tesourantes, as

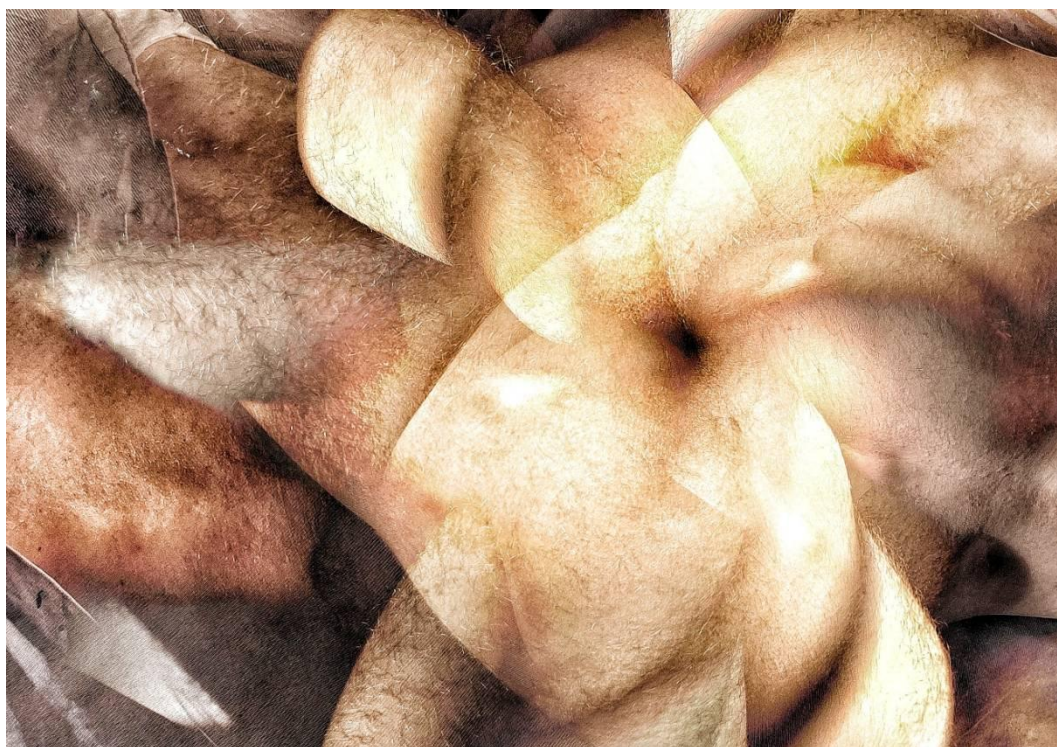
dunas não anfitriãs dos lagartos, o odor putrefado, frutado, em nada aos alcoólatras noturnos, o frio não às flores pálidas, as raízes insustentáveis, o fogo germinador, sempre vertical - esse último, minha única e terrível seriedade sobre a qual não ousa trapacear: eu, matéria que se curva, energia que ascende.



Sobre buracos, fundos-cegos e aberturas. Sobre irregularidades superficiais, buraco e vazio e projeção de ramo; oco se abrindo em vida. O embrião do chuchuzeiro que, não tão bem delimitado quanto semente, se desenvolve e revela o oco que o desenvolvimento biológico vai criando – aqui, oco habitado por mofos e bolores esbranquiçados. Espaço que a vida abre nos vivos; espaços “abertos”, “cavados”, “celomas” que asseguram à vida a sua organização, estruturação, proliferação.

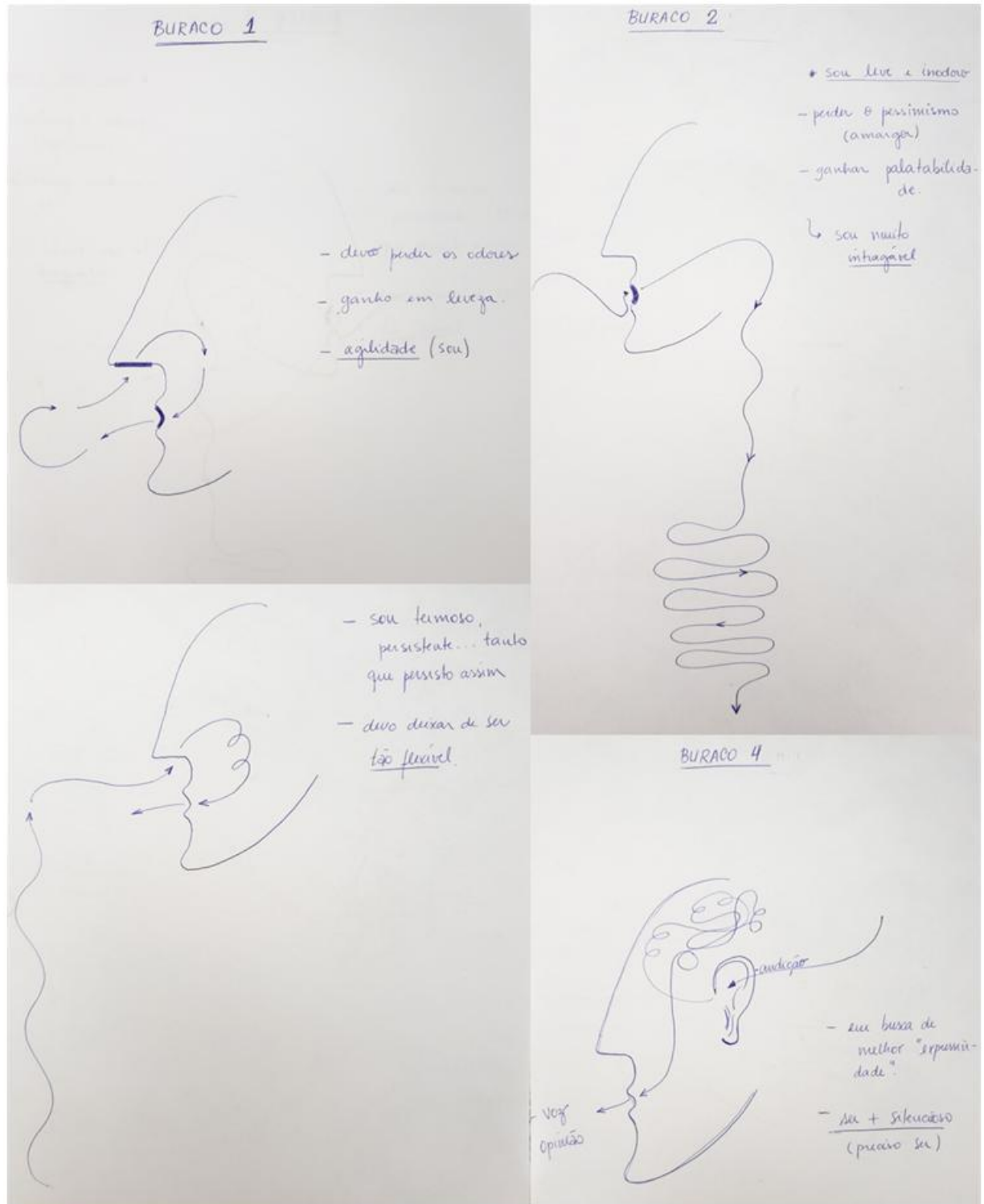


Sobre buracos, fundos-cegos e aberturas. Vazio cavado por ser humano em vida antiga que se ergue: buraco de história, fenda do tempo, dobra da vida-tempo. Aprender com o passado; cicatriz biológica. Hoje que delimita o Ontem. Aguardo de nidificação, armadilha de aranha, cavidade sonora: concha da terra – você escuta o ar?



Deuterostomia solar: buraco de fundo cego e abertura pela qual se jorra a vida em força centrífuga e para dentro; carne, pele, consistência de esponja e leveza num vórtice de

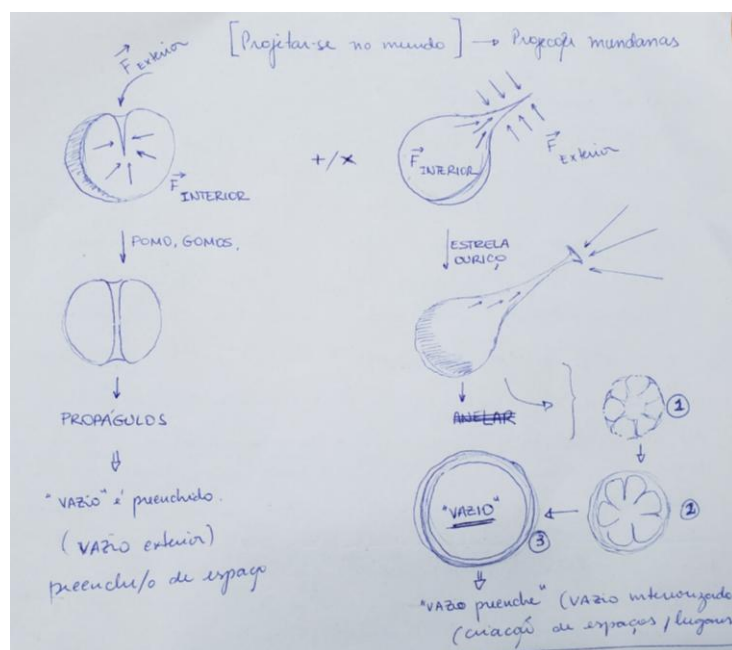
calores. Captura de imagem entrópica, de máxima desordem dos sentidos. Superfícies em estado de aveludamento, interior desnudo, real.



TABULAE ANATOMICAЕ I: Curriculum Corporis Fabrica. Aberturas-outras: pontos e corredores de apreensão das vivacidades; peneiras carregando águas, rios desaguando corpos.

---:---

Ainda que pouco iniciada, pela abertura – por esta nova abertura – já escapam tantos movimentos, por isso energias, matérias, formas vivas e modos de vida, fenômenos. Em sua borda reside um amálgama da semelhança da abertura com a fechadura e o buraco, ventre de curiosidade, superfície que se afunda, se desloca, se corrompe e se rompe, que se oca numa passagem difícil de ser habitada por não descobertas – e a passagem, se *ainda* borda, anel ou margem de chaveta, *agora não importa*, é, apesar de imediata impressão vestigial, circularidade, giro. Tal passagem leva a um fundo, *se sabido*; ela leva, convida e deve vir buscar quem deseja se aventurar; ela, também, ornamenta. Se com fundo cego [por vir, pois não descoberto, não sabido], quando não há conectividade ou *continuum*, “cego” permanece quem não olha para si, quem não vê as costas que abrem o buraco que lhe gesta, abriga, faz, refaz. *Continuum*. Se em fundo não cego, a pseudo-conectividade que tal condição traz, corrompe a própria ligação, ideia de, pois, independente se linfática, nervosa-sináptica, de complexo fundo-fim, fundo-final, é *como dobra*, deleite e debruçar(-se), *meu fundo nunca fim absoluto, fim inércia de constante começo, reluzente mesa de dissecação*. Se não sabido [o fundo, o buraco do fundo e o fundo do buraco; quero dizer *contorno*, *o quê delimita*], aqui se arrisca buscar saber os limites, as limitações dos tantos arremessos/projeções possíveis e até então inimagináveis, lembrança do infinito de Giordano Bruno, horizonte *já passado* de findos fundos e nunca os mesmos, desnude do desejo, descortinamento dos olhos.



Sobre projeções, lançamentos e projéteis vivos – da movimentação sobre espaços abertos, vazios ainda não preenchidos ou sobre projeções de sentidos, lançamentos de

dúvidas-possibilidades e palavras-projéteis. Células de espaço-tempo; fusos mitóticos e pseudópodos. Vórtice de maçã, bico de pimenta; secção de mexerica, tentáculo de anêmona; amora, mórula, blástula, (...) e ouriço.



Acerca de algumas projeções, lançamentos e projéteis vivos – da projeção plástica da vida sobre brechas em espaços [não tão] fechados ou sobre projeções de sentidos, lançamentos de dúvidas-possibilidades e palavras-projéteis em rotas de escape, adaptação.

A *variations: CORTINA-PIXÍDIO*

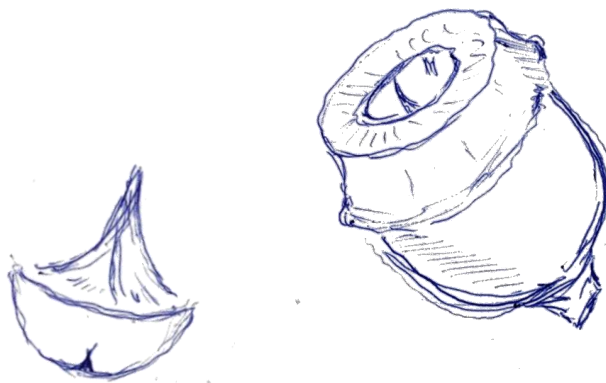
A Carlos Mendes de Sousa

Verde tornado marrom.

Verde tornado lenhoso.

Fibroso tornado abrigo.

Trama de segurança.



Desnuda-se a flor, murchando sua língua peluda ou cheia de dedos e todas as demais vestes; o aroma frutado fermentado continua,

As mais jovens ainda se camuflam na relva alta [da idade], tão alta que aérea, das copas. Cocrescem folhas e flores em mesmos tons. Cocrescem os tecidos da próxima geração: se receptáculo ou ovário, se ramo ou fruto – *ainda, assim*, o que dizer da flor? Já se foi... Ou ainda é e será até quando o poeta desejar. Os ramos floridos, abarrotados de deleites, têm a matéria fresca a curvar-se mais facilmente: inclinam-se, reverenciam suas admiradores; pesam em futuros, arredondando o presente. É nas pontas, ainda que rebaixadas, ainda que a céu aberto, que passa a residir outra abertura, a dum espaço mais singelo – em nada pouco complexo – à vastidão espacial, atmosférica, “atomosférica”. Ele se amplia sigilosamente enquanto espaço no espaço aberto do campo vívido, do ciclo – ilusão de fechamento [fechadura] – dos vivos. E ali, espaço forjado ao/do/no aberto, encerram-se sementes, a massa fecunda-fecundada, trazendo também seus arilos em lânguido amarelado. Sem útero, o ovário gesta – até dezoito quando me contaram e fui conferir.

Róseo tornado verde.

Lenhoso tornado tensão.

Pressão garantindo abrigos.

Uma linha passa a circundar o teto do ovário-útero, um aviso ou marca coroante de abertura por vir. O mesmo “ovário uterino” recebe dos botânicos o nome de urna, igual à *urna funerária*; neste caso, assim como em toda a biologia, o vivente morrente será defundo e/ou com partes desse: com teimosa persistência mais resistente que *tabebuia*, o fruto da sapucaia é

difícil de cair ao chão, de chegar ao seu enterro. Ele “abre mão” de morrer quando já morto deveria estar; ou mesmo abre sua “boca”, sua tampa, tampa de caixão. Seu opérculo é gozado na forma e na forma como cai: quem vê o fundo não vê a esquisitice do que não mais está ali; quem nele se projetar em busca do desgarrado futuro fértil, por ele é penetrado e nele passa a ser cego se vendo. A abertura se emburacou? O lançamento ou a cratera machucam os sentidos? Olhos furados... e não seria o olho a janela da alma?

*De uma botânica obscura, escuridão
De palavras, que poética extasiante a
Do catafilo atropurpúreo, a do repouso
Sobre a ânfora do pixídio e a do amor
Protálico que nem assim se basta.*



Pétalas de flores de sapucaia – ilusão dos olhos antes mesmo do olhar. Cílios e dentes estamiformes, rosto ao chão, sobre a relva, paixão à serrapilheira: olhos da terra, rostos do subsolo. Boca ausente mas visível e que sussurra imagens. Sutil carne cheirosa.

Aberta se faz a boca, pela qual penetram as excretas que dela saem... São os dentes os dedos da boca. São as digitais esta máquina escrita, outra instância de algo pois também rosto, deste rosto e não mais, desta máscara e não mais, ou mesmo desta face – e por que não? – e não mais; instâncias também do não mais presente, o roído das unhas até a pele, até a cutícula, até o próprio relevo “labirintiforme” da identidade por vir. Máquina-labirinto, labirintiforme maquinário! Abertas se fazem todas estas linhas de palavras rebuscadas, por vezes polidas e chamuscadas, por outras afiadas e arredondadas, até mesmo estilhaçadas e rejuntadas... Abertas se fazem todas estas excreções, compondo este amontoado orgânico-inorgânico cuja maior potência vigora ... (ONDE?) na imagem, na imagem da memória, na verdade desenhada, na sombra iluminada, por entre oximoros, verbos-tempos, qualidades-carnais, ...

A varias determinantes



Estas figuras são, uma e outra, igualmente inacessíveis, mas de modo diferente: a primeira, por um efeito de composição que é próprio ao quadro; a segunda, pela lei que preside à existência mesma de todo quadro em geral. Aqui, o jogo da representação consiste em conduzir essas duas formas de invisibilidade uma ao lugar da outra, numa superposição instável — e em restituí-las logo à outra extremidade do quadro — a esse pólo que é o mais altamente representado: o de uma profundidade de reflexo na reentrância de uma profundidade de quadro. (FOUCAULT, 2000, p.10)

É oriunda do fundo frutífero, do ventre abaulado, úmido, côncavo, irregularmente poroso, interior de fruto de sapucaia que a abertura disposta acima, quero dizer, a imagem acima se apresenta enquanto “cartografia” das páginas de até então. Trata-se de uma imagem recorte de algo sem fim, de um objetivo que não tem a pretensão de se dizer completo, acabado, findado, tão menos que pretenda se antecipar sem ter sido algo-outro; objetivo que se assenta sobre o se fazer — objetiva-se o buscar, o explorar, o produzir um entendimento até então inexistente e com isso e para isso, narra-se despertando sentidos e sensações. O nevoeiro que paira sobre a imagem da trama destas páginas, almejado *it-albeto*, é nevoeiro não pelo caráter passageiro, mas pela condensação da atmosfera de sensações até então invisível ao leitor. Aproximando-se da citação de Foucault (2000), “este quadro”, Mostruário,

Monstruário, corrupção da contenção das letras, das formas, inacessível palavra, é este mundaréu de ideias-imagens que vai, que está. se avolumando. Este texto, *isto*, it-coisa, se faz composição de composições, quadros de quadros, enquadramentos de capturas que nada prendem; que nada capturam; que se sujam. Se *Las Meninas* conduziu Foucault a tais palavras próprias, eis que *isto* é consequência de objetos surrealistas, de modos de viver surrealistas, de uma preocupação precisa na imprecisão da relação vida e escrita da vida pois (...) – *isto*, que constantemente extravaza, que se coloca na condição-situação de veloz e feroz escape que também corrompe com a certeza de sua própria existência, ocorrência; o quê conduz noutro “sentido de certeza” e invisivelmente a visualidades que resplandecerão... Clarões cegadores.

No tocante à superposição mencionada pelo filósofo, que esta seja de instabilidade parcial e total, múltipla, multifocal, profunda e superficial; mediana também para que *isto*, de agora, este *aqui*, Variações de A, possa se “manutenciar” mais enquanto avaria de um incerto todo do que (...), uma vez que há a doença da morte, ambiguidades da normalidade e da patologia, a variável de mais variáveis, o ponto fora da reta ainda no plano, o ponto representado que não é ponto, a contaminação pela grafite ou pingo tinto, ... e, novamente, a reincidência de reincidências, a invariável das variações em ação. Se paranoia, se *a la Dalí*, se daqui, SIM! Não à liberdade! Praticamente o título do último “capítulo” de sua obra! Sim, às forças que destoam, que turvam, que arrancam, que deformam... e que mantém a inconstância viva do artista, da vida. Também, toda e qualquer linha de controle, de tentativa de equilíbrio que, SIM!, sempre, criação humana. -----

----- e a música deste momento a dizer *come back! Come back!* O set de Eelke Kleijn (Cityscape session 201) a tocar no Youtube e no Windows Media Player, concomitantemente, com um intervalo de tempo de 2 segundos entre o início em um dispositivo e outro para promoção de um eco, de uma sobreposição sonora – quando a música se vibra vibrando a matéria. Quem faz isso? Artista, louco, escritor... Como também vibra esta escrita, estas ideias, estas ressonâncias tantas. No entanto, a avaria é tamanha que reverbera em...

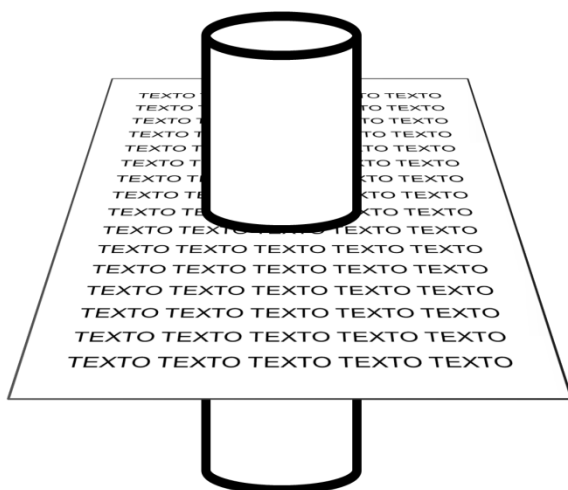
-- : --

Do “A”, contemplado pela “abertura”, eis o “O”, abertura mais clichê – ao menos uma delas, ainda que talvez demasiadamente estilizada, bem desenhada, ovaliforme. No entanto, antes mesmo do mergulho pelo ORIFÍCIO – abertura que é, “O-abertura” –, o caminho se faz “I”, ducto, canal, O-em-perspectiva, tridimensional. E, enquanto “I”, seria percurso abismal se

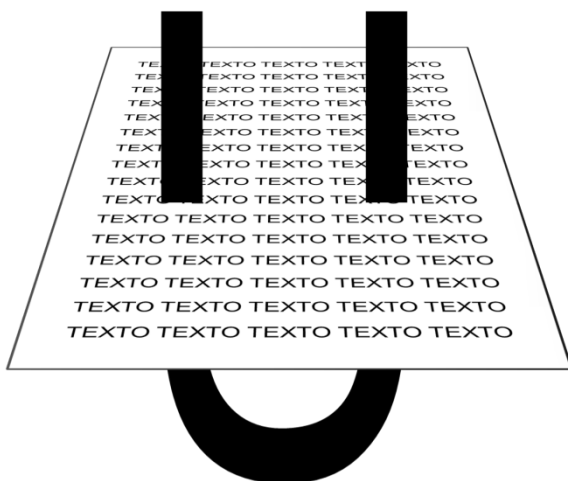
não se dobrasse vindo a ser notocorda, desenho biológico da evolução, do sensorial, dos impulsos nervosos, “U”, de fechamento processual, de um “processual em processo”, vias de... Também *disto*, um Diário de Criação? O “U” é perpendicular eixo que penetra o texto, por isso, nem diário no tempo, nem criador por aquilo que [se] propõe; criador naquilo que se propõe.



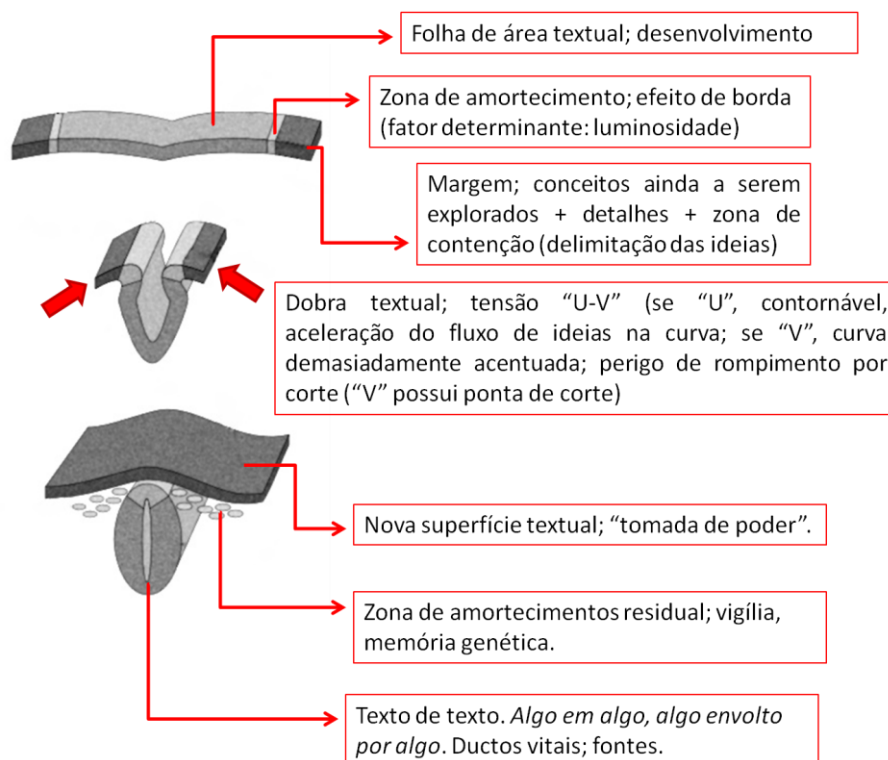
Efeito em “O” sobre/com o texto – efeito de circularidade absoluta. Texto circular, anúncio carcerário.



Efeito em “O-tridimensional” sobre/com o texto (consequência do efeito “O”). Poço, fossa, sumidouro. Segregação.



Efeito em “U” sobre/com/ o texto; anúncio de dobra. Diapasão de sismos textuais para soerguimento ou mergulho de superfícies textuais. Anúncio de notocorda textual, dobra completa pois com processo de criação.



“Como eu sinto o texto”: efeito de dobra completa, processo de nunca finalização; ou, de acordo com Blanchot (2011) acerca do surrealismo,

[...] liberdade das palavras: herança de Dada, "as palavras em liberdade", as frases decompostas, os retalhos de textos publicitários colados uns aos outros? Talvez, e principalmente a continuação de um longo e imenso trabalho poético, cujas causas se sucedem ao correr dos séculos. O resultado é que essas palavras livres se tornam centros de atividade mágica [...]. (BLANCHOT, 2011, p.99)

Uma vez desenhadas quase todas as vogais, uma vez mais já traçadas algumas possibilidades *deste* descobrimento anatômico, quase fisiológico-embriológico da escrita, se metaforicamente ou nem tanto, restar um reflexo de reentrância da superfície profunda *deste* mergulho, *destas* descobertas, *todas produções de novos sentidos*, então, haverá novas *imargens* por vir.

b *variations:* BOLSA

Por meio da concessão de uma bolsa de estudos a um estudante é possível ler livros, ler muitos livros, porque com dinheiro passa a ser possível comprar essa estrutura-sistema na qual se depositam saberes ao longo da História; essa estrutura cara, demasiadamente cara. O bolsista também pode viajar, viajar muito, porque com dinheiro ele pode conhecer o que é viajar de avião e viajando ele vai conhecendo o mundo em sua maior riqueza: através das pessoas, muitas delas escritoras de livros, artistas de exposições, artistas de sabores. Esse mesmo bolsista, por ganhar a tal bolsa de estudos, faz de sua pesquisa seu trabalho e trabalhando, compra seus desejos diversos, realiza-se enquanto mais uma pessoa, mais uma gente. Trabalhando, o bolsista se cansa e trabalhando muito o bolsista se cansa mais e passa a sentir cada vez mais a necessidade de um afago, de um respiro acolhido, de uma escuta e até mesmo de um silêncio acompanhado. O bolsista, então, desenvolve ou aprimora um senso de cuidado para com os próximos porque, ganhando dinheiro, ele ajuda economicamente ao seu redor, sua zona segura de existência. O bolsista, atuando no campo dos cuidados relembra que por pouco não teria se formado, que por muito pouco não teria completado o Ensino Médio e por muito menos ainda, embriagado pelos mistérios da vida, poderia não ter conhecido suas avós, seus avôs, pais e irmãos.



Experiência do olhar: primeiro voo através da atmosfera terrestre – azul! Nuvens que não se parecem com algodão; nuvens semelhantes a grandes flocos de poeira em azul de bromoterol.

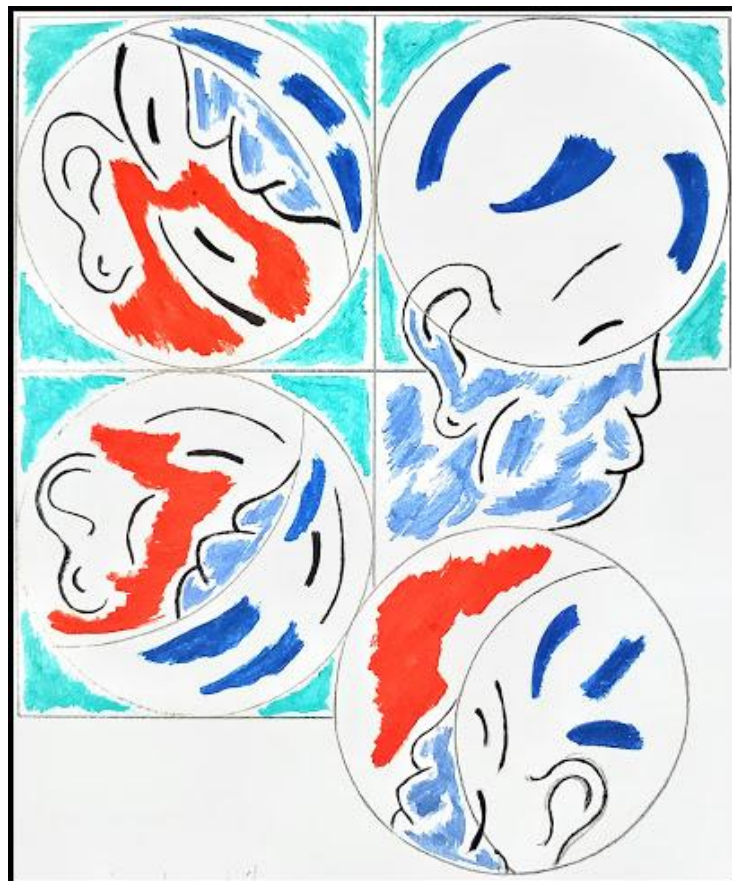


Experiência auditiva “Eu-Outro [e mais ninguém]”: dunas maranhenses quando secam os lençóis; impossibilidade de eco, som de areia ao vento; força vocal insignificante. Vestígios rapidamente apagados; impossibilidade de rastros permanentes do vivente. (Imersão de uma hora e trinta minutos, de costas ao poente, vigiando a própria sombra)

--:--

O bolsista é aquele que leva a bolsa cheia de experiências e que, feito eremita, deve percorrer o mundo de cima a baixo narrando-o, provocando-o, fazendo-o vivo para além das mortes e sobretudo antes delas; assegurando que um banho de sol seja para todos. Assim, o bolsita vai se tornando ser vivo resistente pois melhor adaptado, resiliente; vai se considerando fator biológico determinante de evoluções.

b variations: BIO-HOMOTÓTIPO



[s.m.] BIO-HOMOTÓTIPO: 13 anos; indivíduo do sexo masculino, arteiro. Caberia uma centelha humana numa Placa de Petri? Com a imagem acima, a partir dos quadrantes de tantas variáveis, de tantas interferências ambientais, micro e macrológicas, como fazer a criatura romper com as condições do criador? Quantas são – e, sobretudo, quais são – as escutas que escapam, pois escapam as vozes, das placas que nos limitam? 13 Anos. O meio, na tentativa de inventar-se, refazer-se, continua aquoso – o tom expressa quase uma assepsia do meio. A acentuação, a menor claridade, menor luminosidade de e sobre tal mesmo tom “azulzinho”, torna obscura a própria matéria a ser designada pensante, responsável pelo pensamento. Há um vermelho *ainda* férreo, submisso à hemoglobina; e ao centro, no cruzamento dos eixos, há novamente o próprio fluido extravazado, com uma parcela esclarecida pela própria linguagem dele decorrente – azul acinzentado, nebuloso corpo, bocabertura [ainda] selada. Anos mais tarde, a mudança de cor, da coloração “chapiscada”, esguichos de ansiedade, floração de ipê, ainda que antecipadamente outonal, duradoura até o carnaval – uma história.

O BIO-HOMOTÓTIPO assume o corpo-árvore duma floração (não) desconhecida – ao menos, desconhecida nas causas e sobretudo no fenômeno de sua finalização. Se frutica-se, não se sabe; se dispersa-se extracorporeamente, não se tem certeza alguma: se sim, de onde veio a semente? Se não, onde estava a semente? Qual foi sua quebra de dormência? Ou o corpo todo assume a situação-condição de uma fecundação pelo mistério? O corpo, nova semente a germinar em (...). No mais, incisões galenianas, vesalianas e biópsias não foram suficientes. No entanto, a inquietação é maior pois há um padrão de apresentação no/sobre/com *este* corpo – e, novamente, anos mais tarde, busca-se cultivar essa apresentação, esse apresentar-se... Meu corpo-laboratório; por vezes chamam-no doente, por vezes saudável, igual a todos os demais; meu corpo-laboratório é a céu aberto, é de tentativa de autocontrole, de avaliação de dosagem de estímulos, de limites a serem ultrapassados, de novas metas, de exposições diversas. Ele/eu, meu próprio experimento, eu-experiência, experiência de ainda experimentar-me.

P *variations:* PARES INVERSOS, PATTERNS PARENTAIS. PAI.

Quando logo no início de “A História do Olho”, quando há uma cegueira falante, paternal, os corpos vivos admitem outra posição – a de cadáveres vivos. Quando li pela primeira vez tal obra de Georges Bataille, havia recentemente finalizado a leitura de “O Erotismo”, obra também de mesmo autor. Dei por findada a leitura, apesar de não concluída a obra. Num segundo período, resolvi, de maneira muito curiosa, reler – ato que me é estranho – “A História do Olho”. Foi quando, então e a partir de então, que a cena do pai cego vem iluminando, pelos fundos desta tese, alguns estranhamentos e entranhamentos aqui explorados. Em “BIO-HOMOTÓTIPO” há um convite a pensar as criações humanas, as ficções humanas, ainda que com certas amarras do conhecido de até então (óbvio!) – se não pela aparência, talvez pela composição química, pelo comportamento, (...) da matéria [viva]. Entretanto, há outros laços – e não por isso apenas familiares – que conduzem novas gerações a serem o que são/serão (óbvio!). Pode haver certa ênfase na genética, no código da vida e sua replicabilidade; pode haver certa ênfase sobre as culturas e seus ritos, rituais, ensinamentos; pode haver e há algo sempre a mais que, feito escape, coloca todo e qualquer observador próximo do objeto contemplado, inclusive de sua face mais abjeta, e, ainda assim, o faz inapreensível. Pode haver um ali, uma coisa ali, somente por não ser vista quando lá. Se em momentos anteriores utilizei termos como “avaria” e agora recorro à “abjeção”, não quer dizer que certo maravilhamento pelo mundo não transite por encantos-sustos, admirações-exóticas e até mesmo dúvidas, mais dúvidas sobre tudo.

[s.f.] **PAI:** Estrangeiro, idade nunca memorizada. Português (açoriano), não naturalizado. Em períodos bem anteriores, giroscópio infantil com infantes dentro de saco de lençol. Giro rico em aventura, partida de foguete. **DIDÁTICA:** Objeto de conhecimento 1: rotação e translação da Terra, movimentos planetários: uso de laranjas nas mãos durante o café da manhã. Exposição sob apito da chaleira e luzes apagadas; claridade suficiente fornecida pela janela do quintal. Objeto de conhecimento 2: ponto de fusão e solidificação de materiais caseiros: derretimento de chumbo obtido de kit escolar de química em colher sobre chama de fogão; esfriamento em água corrente da torneira com registro da tomada de forma “colher” pelo chumbo. Objeto de conhecimento 3: limpeza de *mouse* “de

bolinha”: algodão, álcool, chave de fenda. Fundamentos de separação de peças e organização e descarte correto de materiais utilizados. Objeto de conhecimento 4: desemprego e depressão. Balões de ar coloridos, enchidos e colocados sob lençol antes de retorno paterno ao quarto trancado. . . (sem sucesso). Objeto de conhecimento 5: primeira morte de familiar (avó paterna). Registro de primeiro choro paterno. Objeto de conhecimento 6: diabetes e colesterol. Registro de discussões, atritos, discussões, atritos. (sem sucesso). Objeto de conhecimento 7: neuropatia diabética: dor, fome, redução drástica do peso, difícil digestão, processo depressivo acentuado (objeto de conhecimento 4), irritabilidade, impaciência, insônia, desânimo, desejo de morte. DURAÇÃO: últimos 4 anos (2017-2020). Objeto de conhecimento 8: acidente vascular cerebral em sua esposa.



A vida tem disso, é isso. Há, na não descoberta das causas todas dos males que um pai sofre, o próprio mistério da “indescoberta” e certa cegueira talvez mais própria dele em relação ao mundo, em relação ao ser-mundo do que dos outros em relação a ele. Digo isso no sentido trazido por Foucault (2000) quando menciona que quem somos nós para afirmarmos

com certeza que as linhas das mãos não expressam – não estão/virão a expressar – o futuro? E por que não o passado, marca quase estelar de um tempo que ainda nos chega, de desde quando não estávamos por aqui? Os olhos oscilantes do pai fizeram o movimento da imagem desta “*p variations*”. A apatia, quase antipatia de meu pai, decorrente e acentuada inicialmente a partir do AVC ocorrido em sua esposa, transborda, agora e a ela e a mim e a todos e..., uma situação indecifrável, um aglomerado de cacos dispostos na cornija de uma lareira, mesma sensação de após ler “Objetos Sólidos” de Virginia Woolf ou de quando como continua a caminhar pela orla da praia a personagem de Calvino. No mais, detalho acerca da neuropatia diabética, saber a coisa em seu nome, conhecer a fundo a sua composição, não aliviou e não tem aliviado em nada certa esperança; muito pelo contrário, forjou visível incongruência, hiato, interstício entre Teoria e Prática, entre a sutileza de termos médicos e o definhamo da máquina biológica que

Definha-se e não se curva. / Definha-se e não se acama. / Definha-se e o que se clama? / Definha-se e o cadáver vive. / Desalinha-se em contorno / Desalinha-se em forma e em sua reforma / Desalinha-se sobre a linha das palavras / Desalinha-se nas (in)definições / Imprecisa-se em coordenadas / – eixos tornados seixos.

No registro de toda esta experimentação paterna – a imagem após o título “*p variations*” –, há prendedores dispostos ao redor de toda a sua cabeça, agarrados aos poucos fios de cabelo. Mauschaussen talvez tivesse tido mais sucesso do que incerta condição-situação pantanosa que vem se proliferando ferozmente através do corpo paternal registrado. É a vida em pura e constante ação, se deformando ou transformando na própria matéria que a torna corpo. Alteração mais do que visível, gradualmente exponencial de uma impotência. Assim como em “A História do Olho”, é a cadeira ganhando voz, o assento clamando a presença contínua e permanência de um novo alguém ali e naquele momento; é desespero tomando o corpo; é a frieza com que as leis da termodinâmica assinalam ser o ponto de virada orgânico-inorgânico no qual outros seres vivos passarão a atuar ininterruptamente – *pai* tem um “ai!”. Entretanto, é com o passar do tempo que a dor, a reclamação de dor, e a desistência da busca pelos motivos de tamanha dor, forjam um comportamento inédito – a dor vive mais que o vivente; previsível, ela parece responder melhor aos estímulos do que as não dores. Acompanho...

P *variations: AVE (ACIDENTE VASCULAR ESCRITO)*⁶

Mais do que um imprevisto, um acidente, quase rima de acontecimento. Mais do que um bloqueio, alteração, adaptação... Ou não, quase não – a negação e sua possibilidade resguardam em si e não somente para si uma fundamental importância à Vida. A partir de um AVC (Acidente Vascular Cerebral), um corpo encena um ato inédito, sem prévio ensaio, sem aviso; passa a viver noutras condições, é convocado a outras formações, nem que por alguns instantes... E, então, rearranjos, o vivo rearranja-se. Mais do que conexões, um AVE (Acidente Vascular Escrito) traz o registro, uma escrita trêmula em linguagem hemorrágica, trans-bordante, trans-bordável, de afrouxamentos mas também de amarrações, outras, e de agarramentos à vida... Qual? Em escape? Ponto-cruz e um AVE traz palavras-conceitos isquêmicos, de reinvenções do vivo, ainda vivo, em modos, vias, meios... E(m) esperas, durações. Mais do que paralelismos entre o AVC e o AVE, espelhamentos, reflexos espelhados aos modos do escritor Jorge Luís Borges. É neste cenário que a proposta do presente trabalho nasce e se desenvolve: registros de uma linguagem escrita desde os primeiros sinais de um AVC; registros da tentativa de se expressar quando o corpo pareceu não mais operar – adequadamente, conhecidamente. O que fazer com isso? Recorrendo ao conceito de acidente, à luz de Maurice Blanchot, pretendemos aproximar os acontecimentos da escrita aos acontecimentos da vida, bem como os acontecimentos da escrita aos acidentes da vida (salutarmente, aproximar os acidentes da escrita também aos acontecimentos da vida). De certo, não estamos deixando de abordar a experiência, um experienciar tocante à linguagem quando às margens, nos aparentes limites, da vontade, do desejo (do viver) – eis os levantes e mergulhos, as erupções-irrupções, as variações nos planos, nas superfícies, logo, no substrato [do] vivente. Para tanto, a concepção que adotamos de linguagem faz-se miscível ao jogo dos conceitos de finito e infinito – eis nossa proposta de diálogo entre Gilles Deleuze (a respeito dos conceitos que vão ao infinito), Michel Foucault (a respeito da Linguagem ao Infinito) e Maurice Blanchot (a respeito das relações entre a continuidade e a descontinuidade da linguagem-vida, bem como por suas concepções de dentro e de fora). Desse cruzamento de possibilidades, chegamos à refeitura das inquietações circundantes à normatividade e à normalização do viver, da própria vida, dos corpos. No transcorrer de todo este enlace por entre fisiologias e filosofias, dissolvemos a atenção entre o escrever-inscrevendo-se (esse

⁶ Resumo expandido elaborado para o COLE - 2018. Os papéis com a “escrita rascunhada” por minha mãe se perderam, assim, invencionice por vir.

movimento de um “si” que também escapa) e a produção de sentidos em movimentos de reflexão-imaginação (movimentos da ficção, da criação) visando afetações pelo registro-rastro de novas forças, se moleculares, se cósmicas, violentas, de outramentos.

P *variations:* PARES INVERSOS, PATTERNS PARENTAIS. MÃE.



Nega-se toda e qualquer descompostura quando se suplica vida. É nela, com ela, por ela – a Vida – que se deseja continuar o sofrimento. No entanto, Ela sabe a quais custos? Esfingética imagem-chave que guarda mais, sempre mais, do que me disse; Esfingética [cons]Ciência encarnada que rege outros vivos, frutos, e que neste caso não se desprende nem os desprende – é sua súplica, aquela *deste início*, que, feito pacto inenarrável, movimenta velozmente outras vidas à repetição sem diferença, às cores furtadas das verdades, todas maquiadas de lembranças; cores de vitrais de igrejas.

C de CIRCULARIDADE



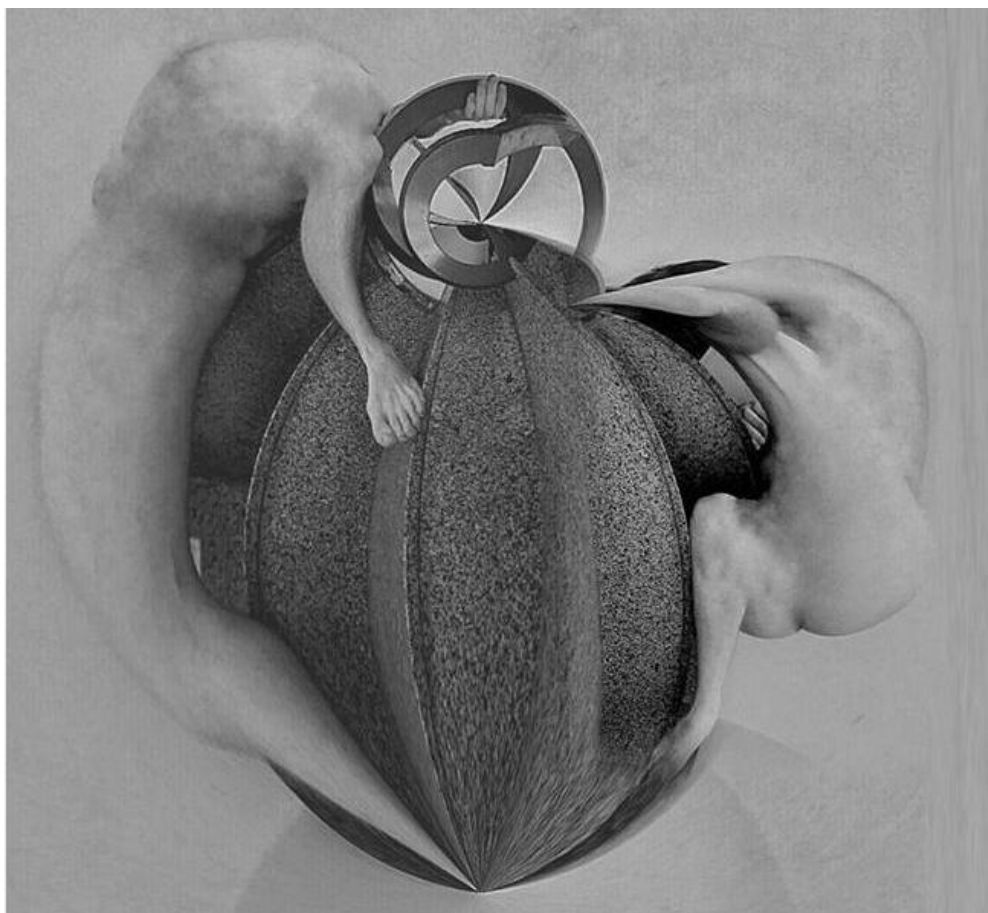
[s.f.] MORTE: Repetição sem diferença.

C de CORP(O)SE

Quando me irriguei, estava diante de LACUNAS – ou seriam quadrantes de uma malha úmida, vaporosa, vaporiforme, logo completamente disforme? Feito corpo sem rosto, cabeça sem olho, olho sem vulva, o corpo d'água que me envolvia ardia minhas extremidades. A poça, o lago cavado pelo peso dos meus pés, esse lago imperceptível da aderência ágil da água à organicidade da matéria que me preenche, me faz, me monta-desmonta, apaga minha imediata combustão – a da tensão dum corpo que se pretende ramificar. Dedos, novamente dedos (o súber do envoltório radicular tornado queratina; a garra tornada suporte de desconhecido objeto; o recuo das membranas natatórias).



Mantido o busto, na dança da penetração ao solo, o primeiro membro a tocar a água enrijece-se e robustamente solidifica-se num mastro fusionado à paisagem. Será o tempo, o transcorrer do tempo que irá desgastar a ligação numa reação exotérmica. Sobre a seta do tempo, perde-se calor. O elevado pelos membros não vem ao caso – a margem corta, o filete da figura corta, o cursor corta a continuidade; é uma grande gota que se faz – chuva estocada, rio armazenado, chuva reprimida, germinal seca. Busto ressecado, escudo d vivo pois zona de maior exposição. Das costas à costa dum continente, qual é o peito planetário? Mamilos magmáticos que nada nutrem? Quase nada... Por que sempre o vulcão?



O corpo magmático, o corpo tornado saliência terrestre, própria terra em emersão pois sobrepeso ao núcleo central – reação – é, por condição quase final, mais derrame do que explosão; é, também, múltiplo naquilo que o calor faz: fusão, indistinção entre as matérias, plasticidade à toda rigidez estrutural. Na imagem acima, dois de mesmo indistinto material pois múltiplo na consistência e composição.

O aquecimento que agita as moléculas, que ferve as águas, que faz borbulhar as condições de vida, à vida, amolece as verticalidades, as hierarquias. A termodinâmica mantém-se detentora da seta do tempo e o derrame dos corpos será [futuro] o arilo da semente-mundo – atrativo à dispersão; também anteparo de reserva, geralmente hídrica. O mundo-semente deverá [futuro] ser desejado para ser consumido.

D de DADO

O dado *daliniano* (*daliano*?) traz a ausência enquanto dado. Tornada dado, a ausência presentificada traz à tona uma abertura (abertura?), novas possibilidades. *Ou não?* A ausência, matematicamente representada pelo zero, interferiria significativamente no jogo biológico das espécies? A ausência é relação de não significância ou de inexistência material? Energética? Ali, naquele dado inusitado, um NADA é apenas uma face, mais uma face; é série de contrações de UNIVERSO, MULTIVERSO; MULTIVERSO DE UNIVERSOS, UNIVERSOS DE MÚLTIPLOS UNIVERSOS... NO ENTANTO, se na regra básica de confecção de um dado de seis faces o valor de uma face A é dado pelo valor da face B (oposta à face A) subtraída de 7, qual o valor da oposição daquele UM NADA?



FACE 1 = (7 – FACE 2 (oposta à face 1))

FACE 1 = 0 ; FACE 2 = ?

Foi durante orientação promovida pela SEDUC – Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, que criei o dado face-zero. A imagem mostra o que não vi; e a imagem representa uma nova ordem, uma ordem de desordem à unicidade de uma única ordem. Retorno ao ZERO, à ausência apresentada pela face: se Canguilhem diz que a vida parece lutar-brincar contra a entropia crescente do UNIVERSO, se Prigogine se aventura em leis dum caótico de “desordem amenizada” pois fundamentada, a bagunçinha de um não se saber bem como “a coisa” funciona, a ausência – aqui passando a ser lida por LACUNA – recair-se-á novamente no vazio que compõe o átomo? Ou nas sequências de nucleotídeos que nada codificam aos nossos olhos, às projeções oculares? No entanto, se o jogo da vida, se os dados dos viventes passam a operar sobre uma possibilidade de tensão entre a significatividade/significância da ausência e a não significância de um mesmo ou de outro valor, novamente o vivente tem percorrido a esteira dos desejos. Percebe-a? Quando lhe convém?

D de DESENHO VELHO

Há uma passagem na obra “As palavras e as coisas”, de Michel Foucault, que me convida a pensar na impossibilidade de *acerto* – para não dizer *verdade* – mínimo sobre as tramas do Tempo.

Um fio de memória conduziu meus esforços a uma gaveta. Há tempos não a abria; mal sabia o que procurava. Talvez soubesse, entretanto, era perceptível a força com que algo me chamava. Uma sutil e estranha certeza era que algo me colocava em pro-cura.

Encontro sobre a palma das mãos o caminho pelo quais as praias deixam de ser o que são para elevarem o que as consome? Releio Foucault. Há uma busca implícita nessa situação: o evento no qual um grânulo se desprende e isolado, anunciado isolado, torna-se errante, anunciado errante, e vai ser gauche no abismo que o acolhe, o devora.

“Olhe, olhe, olhe, ...” Ouviria de meus dedos quando sobre pastas, porta-retratos vazios, blocos de canson A4, rascunhos amarelados... Enfim, desenhos velhos. Não demoro – não pude! – e o encontro.

No encontro que se segue há detalhes: das coisas ali varridas de terras esquecidas, um bloco velho de desenho rapidamente prendeu o calor de meus dedos, revelando um acerto já sabido – então, esquecido?

Se protegido da memória, o olho revelado fitou-me falante, mais falante que toda a noite que seguiria; fitou-me como quem me seguiria para até o fim da vida.

GAVETA – DE – OLHO – SALTADO

D de DESMANCHE

T. R. J., outubro de 2016

Eus
(s)eus
(c)éus
(r)éus
(m)eus

Cozinho uma palavra, asso um travessão, flambo uma vírgula, queimo o aço-ponto-sim, todo espaço de "a-cômod'ação". Cozinheiro que sou, na panela eu tempero peças de LEGO, num caldo de rodinhas, ao calor de certa infância. A criança que sou faz da pia da cozinha um(a) industrial. Do construtor que sou, também monto e desmonto carros, batedeira, liquidificador e telefones sob a pia-esteira de produção. Meu maçarico tem bocas – bocas de fogão –, meus instrumentos são facas sem ponta, de dentes arredondados, por vezes também sem cabo, garfos entortados, vasilhames trincados e tantas vezes farpas na mão. Das mãos que não gosto, o contrapeso de tamanha criação, invenção, inventividade. Atividade não em vão, nenhuma delas, sempre não. Fissuras plásticas e da carne, aberturas que também escavam um chão. Do cozido com estas palavras, tenho aumentado a pressão. Da construção com estas palavras, tenho entortado o formão. Lá fora, naquele chão – e o retomo por paixão –, há lua num céu diurno, como é costumeiro mas cuja "costumice" é insignificante "olhação". "Olhamento"? Antes de alcançar "olhar pensamento", penso no urdimento, também urdidura, aquele teto, não-teto, travejamento, cruzamento à suspensão de cenários, cenários de volição. Via "cruz da oração", fujo do sol e da queimadura, feito cavalo alado sem ferradura, feito o instante do espelho trincado pela _ _ _ _ _ . Mas não a tenho. É intocável toque. Atendo-me atentando-me ao atentado que me faço, à violência silenciosa com que minha língua de mariposa se projeta e retorna, sempre sem vir a sair de mim por eu já ter saído dela. Mas, nem ela. Tempo. Mazela. Não ritornelo. Diferença e repetição. Gosto de metamorfose, mas gosto da ideia de transformação. Dizer a primeira me obriga dizer a segunda em explicação. Quem sabe, aqui – e por que não? –, "metamorsão"? Impossível não pensar numa gigante morsa macho se contorcendo sobre e por si mesma. No entanto, a partir dessa contorção é que me

vejo em torção e, então, retorno à oficina endiabrada com seu torno de bancada à disposição - outra morsa em questão. Culpa da mariposa em suspensão. Devido ao urdimento e sua função? Estranho pensar que nessa cabeça vazia - e que culpa tem o diabo com a falta de cliente na oficina? – há algo para fazer pressão. Que suprasumo retiro da ordenha dessa vazio? Que leitosa vertigem me dá ao buscar o vazio neste chão que já esvazio? Que impiedosas questões eu me faço... Sem saber onde estão, sem querer saber onde estou, querendo dizer que não importa onde estou. Arrasto. Por que o disse? Pois sua figura me remete à projeção: não somente de contornos, mas sim, também de um vulcânico interior em explosão. Maquiagem que escorre, outra face que sua, que não se suporta, mais uma máscara de morte ao chão. Escrevo, ainda, este cozido, neste chão de fábrica da pia-palco. Escrevo. "Na literatura, o homem representado é objeto e sujeito, em graus muito variados" (BAKHTIN, 1997, p.341)

E de ESTRUTURA

[...] mais do que isso, coisas tão impenetráveis e opacas como qualquer objeto humano retirado de sua significância utilitária. Estamos distantes agora da categoria do imediato. A linguagem nada mais tem a ver com o sujeito: é um objeto que nos leva e que pode nos perder; tem um valor além dos nossos valores. Podemos nos perder numa tempestade ou num pântano de palavras. É a retórica tornada matéria. (BLANCHOT, 2011, p.99)

NOTA I



Árvore representante de Malvaceae. Espécie Amazônica, de copa frondosa, sombra fresca. Crescimento rápido-moderado, de grande porte. Tronco. Caule. Musgo, briófita epífita. Líquens, alga + fungo. Seres, tantos, invisíveis, ali erodindo; ali, vivendo; ali, sendo, existindo. Do invisível, raízes digitadas. Massa radicular aglomerada em agrupamentos. *Membros*. Saliências; projeções de entranhas vegetais, turbilhonamento tecidual. Caule tornando-se raízes; raízes deixando de ser caule. Planta terrestre, raízes ao céu, raízes ao chão. Caule também enraizado no ar. Quase inversão, então, solo-baobá, atmosfera-baobá, A invertido, de V, de vaso, de ar pois ponteira cortante.

NOTA II

Sobre estruturas verticais, dispositivo à senescência mais do que programada, dispositivo de inserção de componentes deiscientes – microaberturas poricidas; impotência masculina. (I) Estrutura vertical em estróbilo masculino de *Cycas circinalis*; imponência masculina. Torre para disposição espiralada; efeito *quase circular*. (II) Pinha térmica, de

produção de calor, com cores quentes à “flor do tegumento” – avesso da transparente mucilagem vertente de suas cicatrizes.



NOTA III



Sobre estruturas verticais, dispositivos à senescência mais do que programada, dispositivo de inserção de componentes indeiscentes – frutículos convidativos em brácteas também atraentes; potência feminina. (I) Flor de frutos (II) Estrutura vertical em “estróbilo frutífero”, espiga, espigão; torre para disposição espiralada de frutos; *quase círculo* em *Costus spiralis* se não fosse pelo próprio epíteto específico. (III) Escadaria de roedores (IV)

NOTA IV



Tempestade Vegetal em
Campo de Centeio.

NOTA V

*Os escritos, por seu lado, atestam por toda a parte a insistente advertência:
não tomem por metáforas conceitos que, apesar da aparência, não o são*
(ZOURABICHVILI, 2004, p.3)

Como insistentemente Deleuze e Guattari (1995) atestam, o conceito de rizoma não é uma metáfora – ainda que esta “Nota” seja uma “curva de rio”: onde a erosão consome o leito, quando a areia se relança n’água e se assenta noutra margem; quando o rio se faz melhor serpente. Ter tensionado subterraneamente uma aproximação entre o rizoma e a folha-da-fortuna – se conceitos – foi, sobretudo, uma produção de sentidos até então não ventados. É inegável a aproximação do pensamento dos dois filósofos franceses a exemplos notavelmente observáveis na Biologia, através da qual se torna quase impossível não substituir “rizoma” por conexão desde que sendo aquela que acontece, que faz *algo* acontecer, que se faz pelo acontecimento de *algo* – por isso mesmo, uma conexão/conectividade quase obscura de tão indeterminada que pode ser por palavras, por eventos, pela potência da vida. Mas, feito dendritos e sinapses, as palavras [...] e, então, de certa maneira também é inegável – possivelmente já percebido pelo leitor – a aproximação desta escrita à metáfora enquanto recurso literário – o de uma *figura de linguagem*. Lançando-me a outra tensão, a do lugar da “figura” na expressão “figura de linguagem”, o que se configura? Que figura é essa? que

imagem se figura feito nevoeiro de relação indecifrável? ilimitada? Palavras apontadas a palavras, palavras vetorizadas em meio a outras palavras vetorizadas: se sentidos, se direções, atuações de campo: branco e preto, branco e preto tornando-se cinza, branco e preto respingados um sobre o outro sem presença do cinza, cinza com respingos de branco e preto, cores, nuances, significados, palavras [...]

[...] que, até que amanheça, sob um véu caído ao chão estão, talvez, feito *algo* precioso da encenação dos dois filósofos: uma articulação, se articulação, e um projeto, se projétil, um “entre”, desde que “de” vida-e-linguagem que [...]

[...] se dizemos *algo*, ainda assim não estará fechado o significado. E quem saberá dizer que não?

Se os dois filósofos buscam romper *necessariamente* com essa “figura de metáfora” pois

A importância que se quis dar à metáfora, à metonímia, revela-se desastrosa para o estudo da linguagem. Metáforas e metonímias são apenas efeitos que só pertencem à linguagem quando já supõem o discurso indireto. Existem muitas paixões em uma paixão, e todos os tipos de voz em uma voz, todo um rumor, glossolalia: isto porque todo discurso é indireto, e a translação própria à linguagem é a do discurso indireto. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.5)

..., eis que o discurso aqui produzido indiretamente é criação de um discurso direto que, se questionando, se produz noutros, e que questionando esses outros, neles próprios se infinitiza indiretamente: “quando digo que saio, quando saí e digo que não saí; quando não saí e digo que saio, quando saio dizendo não estar saindo, quando só não saio do dizer” – como se criasse impessoalidades tão pessoais, tão próprias, feito assinaturas de mesma mão; como se fosse possível se afastar tanto de *algo* a ponto de continuar vendo-o ainda que já se estando invisível; um afastamento tão severo que desconsidera a esfericidade do mundo, da volta, das costas, da costa e das arrebentações da Terra com a Terra. Choque. [...] Como se fosse fácil-possível saber o que se é para reconhecer a propriedade marcante da própria voz, do traço autêntico que faz um eu e que supostamente vibraria as linhas dum discurso direto. Choque. [...] Refaço-me: esta escrita em que coabitam conceitos e metáforas, conceituações metaforizadas, estas palavras todas, expandidas e concentradas, situação sutilmente alterada com as imagens do “it-albeto”, *monstruário* de imagens, de imagens-textos, de...

Retomando o conceito de rizoma, cuja palavra também remete a caule, caule subterrâneo, eis que o/a mesmo/a é porção viva que cresce, se ramifica, se aprofunda,

vasculha e toca pelas gemas que porta, que traz, que também é, que o/a fazem. No entanto, o rizoma não é estolão, não é lançamento de morangueiro; o rizoma é reserva, de certa maneira, de energia a ser consumida; quando em consumo, algo se avoluma em suas linhas, em seu tecido e seu lençol de possibilidades: o broto é a segurança e o perigo do rizoma, é seu autoinvestimento vital em direção ao desconhecido tempo por vir, condição por vir, ao futuro em detrimento do presente. O broto, além disso, é verticalidade. Entretanto, há variação, há outra possibilidade: quando se avoluma, o rizoma lança-se em profundidade, via rizoides, raízes que assegurarão – se conseguirem se desenvolver – nutrição. Suas raízes também são sua segurança e perigo em direção ao desconhecido também por vir. Em ambas as situações, a horizontalidade viva do rizoma é atravessada por forças verticalizantes de si mesma; sob o solo a horizontalidade atenuar-se-á também em esfericidades, corrosões, erosões, múltiplas facetas dum polimento do tempo sobre o tempo das coisas –a ferrugem em “AMD MR.”. *Coisas, algos*, todos verticalidades sobre/dos horizontes de possibilidades, de existências esferoidais.

Outro aspecto sobre os rizomas é que sua propagação é assexuada, ou seja, sem variação genética, sem troca de informações genéticas e antes que eu recorra a uma hipervalorização da Genética, da informação gênica, eis que a reprodução assexuada é cópia, é clone, é Mesmo. Nesse aspecto, a folha-da-fortuna também o é. Modos de reprodução vegetativos (assexuados) não promovem a diversidade da vida. É nesse sentido que o rizoma dos filósofos é muito mais alga ou hifa cenocítica do que estrutura vegetal, ainda que fotossintética ou não, produtora (autotrófica) ou decompositora, respectivamente. A trama, o “tramamento” dessas estruturas é de mesma ordem do rizoma e nessas outras estruturas ocorrem misturas genéticas que diversificam o vivente, a própria ramificação. A importância aqui dada sobre a diversidade/variação genética tange a possibilidade de relação entre o conceito de adaptação, característico da Biologia, e a “rizomaticidade” trazida por Deleuze e Guattari; noutras palavras, o quê é a adaptação biológica – no sentido do adaptar-se ou meio – à luz do pensamento desses dois filósofos? Se o adaptar-se implica em diferenciar-se, os modos através dos quais isso ocorre também assim necessitam ser, quero dizer, diferenciados; necessitam ser “outros” em seus movimentos, por mais abertos que sejam. Não tarda e... se aberto, e os modos “fechados”? A mudança/mistura de material genético também é segurança e perigo ao vivente. Por mais que a condição cenocítica assegure a variabilidade, a condição septada melhor assegura a organicidade do vivente: parede celular, membranas e invaginações asseguram que todo um organismo não se extravase à inorganicidade da vida, sua condição primordial de desarranjo, seu meio estéril. Septando-se, compartimentando-se, o vivo investe

em segurança, interiores e foras, meios e meios, feito este todo, esta escrita em tensão: se cenocítica, se septada. Por fim, se não insistisse na “folha-da-fortuna”, na figura de tal folha, na linguagem de tal fortuna, na metáfora da folha vegetal e desta folha de papel – celulose de todo jeito, fibras, linhas, tecidos, tramas –, esta escrita tornar-se-ia bacteriana: mínimo envoltório (*algo que envolve algo*, segundo Ostrower), plástica e passível de recombinação genética, com riqueza de formas, autotrófica e heterotrófica, decompositora. Isto tudo, um bacilo ou mesmo o seu DNA circular, informação em dupla hélice de *Moëbius*, arte de Ligia Clark à mercê dos cortes de tantas fissões binárias e ações enzimáticas. Se conceito, se metáfora, ... metamorfose, metástase, vida viva.

Se isto é um rizoma

Se isto é uma hifa

Se isto é uma alga

Se isto é um bacilo

Eu sou vírus

E dizendo, a tanto custo, o que isto é

o que isto pode ser, transformo-o.

E outro de mim retorna

e retorna

e retorna. Potente.

E *variations:* VÍRUS E VARIÂNCIA E ESCRITA E

[Artista] Como pode! como pode! Roubaram de mim a ideia! Venderam *meu* nome.

[Narrador] O nome furtado, o nome vendido, era o nome da coisa, daquela coisa vista.

[Médica] Inquietante não termos descoberto a raiz dessas metástases com maior antecedência.

[Narrador] Descoberta essa metáfora viva do vivente, as células de células precursoras e ainda assim tão diferentes e ainda assim tão semelhantes e ainda assim [...] entre si. Nomes e classificações a perder de vista e ainda assim invisível inominado, indefinível.

[Escritor] *Venderam-lhe uma vida, uma opção de vida, que negava a sua vocação.* Enquanto refletia aquelas palavras memoráveis, despedia-se do problema da vocação, mergulhando numa alucinação – talvez fosse efeito colateral do coquetel ou ainda da anestesia; negara o enxerto de três - até mesmo de quatro – vida sobre suas costas.

[Narradora] ...e sem marido que fosse pai, sem pai que fosse avô, sem avô que fosse esposo, nem mãe, nem filhos, nem trilhos lhe restavam. Ao menos não os mesmos. É curioso por demais, *inquietante*, a maneira como o nome da doença se imbrica com o nome do agente causador. Mais além, é pelas ruas, praças, campos populosos, que corre o boato, o boca-a-boca, se o vírus covid-19 é o causador da doença covid-19 – quem escuta os que sabem, essa gente chata? Mais além, é dobrando a esquina que: se vírus, *covid* é COVID, cova de identidades; se doença, é novo normal?

--- : ---

A arritmia desta escrita, esta inserção-recorte, enxerto neste corpo, é da ordem do futuro e seu problema de data pode e deverá ser superado afinal o papel rasga, rasga a verdade, como o virtual, há tempos vírus do encadernado, da brochura, das estantes, que agora está em seu apogeu – há outros vírus em questão, questão de circulação e que chama por nova estrela do amanhã, cuja busca ou espera não revela lado apesar do humano nunca ter estado tão multifacetado e tão sem rumo sobre mesma jornada... agora mais perigosa.

Por algum motivo incerto, nublado, recorro uma teoria – ou possibilidade – da Física relacionando a existência humana à ocorrência de um filtro, um grande filtro: um efeito-fenômeno de filtro, filtração, capaz mais de desenhar do que de explicar certas dificuldades e

“demoras” do desenvolvimento da humanidade – inclusive a própria concepção de desenvolvimento. Um filtro retém e o retido fica impossibilitado de seguir em mesma direção e sentido conjuntamente com algo, talvez uma substância ou mesmo energia, que o movia, o percolava ou até mesmo o constituía até aquele ponto, aquele momento [da filtração]. É sutil, muito sutil, a força com que o filtro se embebeda de constituintes das coisas, refazendo-se e mantendo-se, mas desfazendo-as, segregando-as, selecionando-as, (cor)rompendo-as. É sutil, muito sutil, o “limite”, a interrupção das substâncias e materiais no tempo, bem como [e novamente] a causa-e-consequência da relação matéria-energia. Mais sutil ainda é como filtro e membrana se avizinham e se desconversam [até mesmo se desconhecem] por metros de distância entre os setores de uma biblioteca. Assim, é sobre a construção de um ponte possível, isto é, de um filtro-chave-fechadura, que a configuração da pandemia atual, que tem contraído e dilatado os ânimos mundiais, é a de abertura – escancaramento – da caixa de Pandora da Humanidade e de fechamento – encurtamento – em cortes cada vez mais secos, precisos, das últimas opções antecessoras dum filtro maior, “estelar”.

--- : ---

Nota: é sabido que numa exaustiva pois infinita dialética, de loop de interação entre mesma dualidade, que é com a ação da luz que as sombras se formam e que tais somente são o que são pela ação daquilo que poderia elimina-las se não fosse (...) – conceituar sombra é mais fácil do que conceituar luz. Nesse sentido, “dissecando” o vírus que assombra a Humanidade, faz-se necessário melhor explorar o homem-filtro que retém a carga viral e não se rompe e nem se corrompe, mantendo represados os vírus.

E de ESCOLA

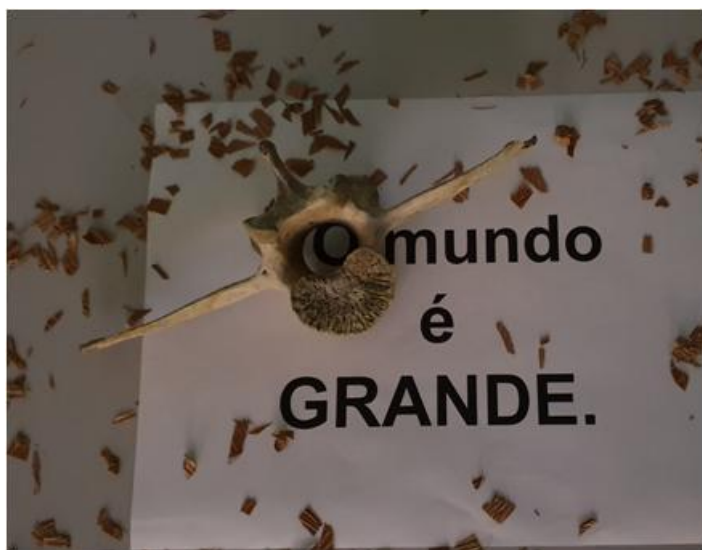
LABORATÓRIO I: ecos[-e-]sistemas literários



Ambientação luminosa para a *Experiência-Ser-Tão*, a partir da leitura da obra *Vidas Secas* com discentes do Ensino Médio, durante aulas de disciplina eletiva.



Certa vez, Borges rompeu com os espelhos; mal sabia que o labirinto já o previa.



“Labirinto da Seca” revela a enaltece a escola, o espaço escolar, enquanto laboratório vivo; espaço de invenção. Criação espacial para imersão na obra Vidas Secas, de Graciliano Ramos. Ciclo de ensino: Educação básica (Ensino Fundamental II e Ensino Médio). Com essa ambientação os convidados (discentes, familiares, visitantes da comunidade) passeiam por um labirinto de mesas que, percorrendo o chão de folhas secas e ossos da sala, fornece trechos e características da obra “Vidas Secas” e da vida de seu autor.

LABORATÓRIO II: *tempelhos*



Desenvolvimento de atividade escrita (produção textual) como etapa para de processo seletivo destinado a alunos do Ensino Médio visando ingresso no PIBIC – EM (iniciação

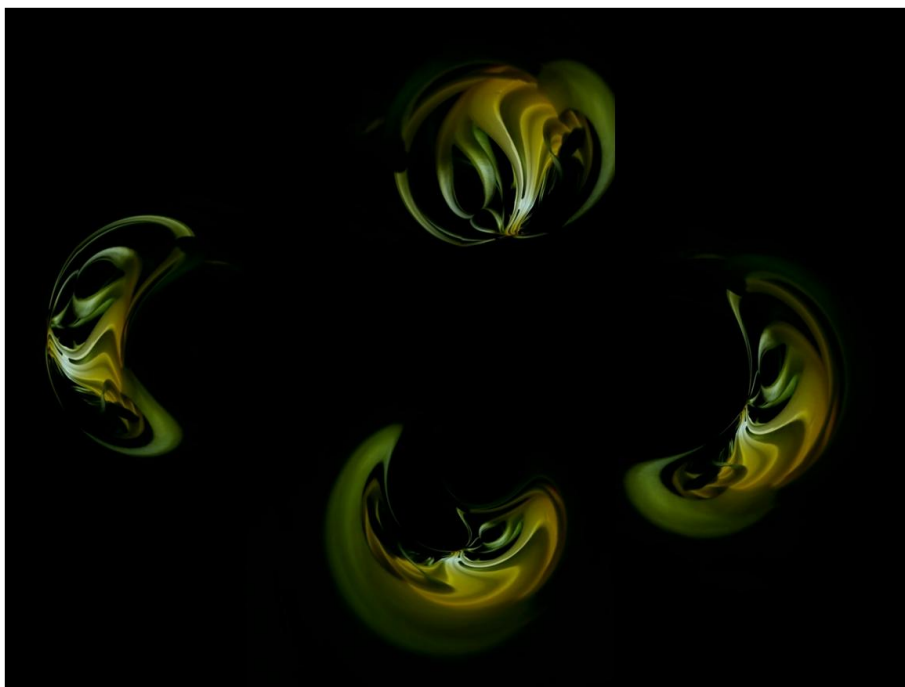
científica módulo Ensino Médio) na FOP-Unicamp (Faculdade de Odontologia de Piracicaba – Unicamp). “Foi quando, então, conhecendo o laboratório, você percebeu um quadro final do corredor [continue a redação]”.



Composição artística durante atividade em aula de biologia (Ensino Médio) sobre sistemas de classificação: observação e registro, visibilidade e caracterização, representação/representatividade e o conceito de espécie (enquanto táxon e enquanto “identidade”). Aproveitamento de capa da revista E-Sesc.

E *variations:* EFJ MOVEMENTS

Raios-X em Esflorturalho vivo. Dança cintilante de mesmo trabalho metodológico agora registrado em imagem, movimento capturado de florestura. Registro de outra estrutura floral e seu trabalho de *reorganização de si*, lá onde a matéria não habitava o espaço, o campo da energia. Breu, breu. Acontece: matéria em revolução; esfericidade avolumada, anúncio de forma embrionária. Dobras, diminutas, com nuances de cor; pequenos declives. Delineamentos orgânicos: alças, ligamentos, curvatura protetora; forma dançante, flutuadora, vitelínica concomitantemente fotossintética e bioluminescente. Assimétrica.



Ovário de caule
quando flor vai
nascer. Útero da
Terra quando
começa a chover.

H de PONTE

Conexão, *não mais um desenho velho*. A ponte do lago é uma passagem para si – Narciso que melhor diga. No entanto, a ponte do lago da vida traz escorregadias margens sobre as quais rompem da terra suas pilastras – as mesmas que noutro efeito ferem a superfície espelhada. Sobre esse aspecto, o lago é vasto e quanto maior for, mais se fere a *representação* [reflexão]; a superfície espelhada fica mais sensível à realidade. Ponto

... .

A mesma ponte assombra, *faz sombra* que varre todo o leito. O lago é fundo. A sombra alcança o limite em que ela toda toma para si todo o lago e, então, passa a gestá-lo; friamente ela envolve os arremessos que até lá chegaram e vingaram, afinal, *a sombra da ponte do lago da vida* cuida do repouso das palavras e das coisas.

Fim.

M de MULTIPLICIDADE



A *Descrição*, quero dizer, a verdadeira descrição, resguarda sempre para si uma falácia de certeza. Assim, a descrição é sempre uma pinta que emerge no tecido textual, uma anormalidade de mesmo berço, mesma fonte, que, revoltadamente, julga poder-e-conseguir reger *melhor* os sentidos do/a leitor(a) – “pobre” aquele/a que inicia uma letra sedento por seus limites.

A *Descrição*, entretanto, conhece bem os recursos da *Ficção*, exatamente aqueles compactuados com a *Encenação*: aspas, reticências, destaques em Itálico, apostos envirgulados, apostos hifenizados – e os próprios hífens –, dentre outros. A *Descrição*, ainda, perigosamente escova os conceitos, peneira-os, filtra-os até o residual, sua vã e inócua existência, sem notar a pulverização de termos que a fragilizam.

[...] pois é num *exercício de descrição*, do tipo *leitura de imagem*, que todas as palavras e símbolos escritos do Mundo se (com)fundem. A exemplo, na imagem anterior: pica-pau, pastor alemão, puro sangue árabe, enguia, équidna, sanguessuga, gameta, tricoma, pelo, fibra, cílio, flagelo e outros coabitam, coexistem *um ser da imagem, uma imagem do ser da linguagem*. Multiplamente e concomitantemente, há meios, metonímias, metamorfoses, metáforas, mitoses e meioses compondo *metástases de descrições*.

... – MEIO – MEIOSE – METÁFORA – METAMORFOSE – METÁSTASE –
– METONÍMIA – MITOSE – MULTIPLICIDADE – ...

			M						
		D	U	P	L	O	S	M	
			L					E	
	M	E	T	O	N	I	M	I	A
			I					O	
			P			S		S	
			L			E	M		
		M	I	T	O	S	E	S	
			C			O	T		
			I			F	A		
			D			R	S		
			A			O	T		
			D			M	A		
			E			A	S		
						T	E		
	M	E	I	O	S	E	S		
						M			

P de PLASTICIDADE

A descoberta da traição ou as flores acima, as estruturas acima, também amálgamas clorofilados, também continuidades com gérmen de descontinuidade... Caule-Flor. Nem caule, nem folha, nem flor, nem pistilo embasado no esperado, nem ovário estanque de floema-xilema. Se em *Hylocereus undatus* (mais comumente), se em *Epihpyllum oxypetalum* (menos comum), ali a vida segue bagunçante, regradamente bagunçante (...) e sem se atentar, à importância dum registro de algo em difícil aceso, o corte!, a impossibilidade de acompanhamento de um fruto por vir. *Viria?* Com corte, o eixo de abscisão, se foliar, se frutífero, se do cálice, ..., eis a garantia da propagação [desta imagem, mero registro]. Sem o corte, eis o amálgama ilustrado feito paisagem de Monet, campo de Van Gogh, objeto-sombra-do-objeto de Dalí. Extrema efemeridade fenotípica, elevada potência de aborto: vida viva.



De onde vinga uma falácia flácida

Sem intermitências, segue indecisa a floração:

Pode a flor ceifar o quê não lhe convém?

O quê lhe mantém?

Sem intermitências, reaponta o passado verdejante:

segue o caminho da insistência, mofado, apagado.

P de POLIFÔNICO LAÇO DE FOGEAU

- *Emana da desordem do sentimento a necessidade de esse TU, tão singular, tão no singular;*
- *Emana da ordem da emoção, desse fluxo que flui e que me vaza, a necessidade de TUS tão diversos, tão no plural, para me reconfortar em esperança quando em vigília do futuro imprevisível.*
- *Laço-verbo. Ação. Inconveniente explicação pois,*
- *Tu que me fazes, feres, fezes, tens;*
- *Tu que me tens, não desdém e isso não convém;*
- *Tu que não convém, intervém quando vou além.*
- *Tu, outro, que é meu infinito, como nos diz Levinas.*

----- X ----- X ----- X -----

Do conceito de “equipolente”, compreendo a força de intenção com que o autor pretendeu dizer e disse a respeito de uma não desigualdade de oportunidades, mas penso que “equipolente”, para além de tentar vir a expressar certa proximidade com “democraticamente correto” é, antes de tudo, “mesmo sentido, mesma direção, mesmo comprimento, mesma aceção”. Risonho, cômico ou não, o autor, ao meu ver, foi infeliz [...]. No entanto, rio:

Equipolente, pólen que me é caro,
do final deste ensaio de ensaios
é do rizoma capital que eu saio
pois a simbiose é “mal” mais claro.

No entanto, ...

----- X ----- X ----- X -----

Antecipadamente, em decorrência dos longos excertos a seguir, peço desculpas à/ao leitor(a) que por aqui transitar. Excertos esses dispostos na ordem que eu suponho ser a mesma pela qual seguem meus pensamentos.

Ri-se de um cão meio pelado, de um canteiro de flores artificialmente coloridas, de um bosque cujas árvores estão carregadas de cartazes eleitorais etc. Procuremos a razão; veremos que pensamos num carnaval. Mas o cômico, no caso, é bem atenuado. Está muito longe da fonte. se quisermos reforçá-lo, teremos de recorrer à própria fonte, ligar a imagem derivada - a do carnaval - à imagem primitiva, que era, como devemos lembrar, a de uma aparência mecânica da vida. Uma natureza mecanizada artificialmente é motivo francamente cômico [...]. (BERGSON, O riso, p.24)

O riso não advém da estética pura, dado que tem por fim (inconsciente e mesmo imoralmente em muitos casos) um objetivo útil de aprimoramento geral. Resta, no entanto, alguma coisa de estético, pois o cômico surge no momento preciso no qual a sociedade e a pessoa, isentas de preocupação com a sua conservação, começam a tratar-se como obras de arte. Em resumo, se traçarmos um círculo em torno das ações e intenções que comprometem a vida individual ou social e que se castigam a si mesmas por suas consequências naturais, restará ainda do lado de fora desse terreno a emoção e luta, numa zona neutra na qual o homem se apresenta simplesmente como espetáculo ao homem, certa rigidez do corpo, do espírito e do caráter, que a sociedade quereria ainda eliminar para obter dos seus membros a maior elasticidade e a mais alta sociabilidade possíveis. Essa rigidez é o cômico, e a correção dela é o riso. (BERGSON, O riso, p.14)

As ondas se entrecrocavam, se opõem, procurando equilíbrio. Uma espuma branca, leve e alegre segue-lhe os contornos cambiantes. Às vezes a onda que foge deixa uma pouca dessa espuma na areia da praia. Uma criança que brinca ali perto vem apanhar um punhado dela, e se espanta, logo depois, de só ter na concha das mãos apenas algumas gotas d'água, mas de Uma água bem mais salgada, bem mais amarga ainda que a da vaga que a trouxe. O riso nasce assim como essa espuma. Ele assinala, no exterior da vida social, as revoltas da superfície. Ele desenha instantaneamente a forma movente desses abalos. É também uma espuma salgada. Como a espuma salgada, ele crepita. E a alegria. O filósofo que a toma nas mãos para sentir-lhe o gosto há de encontrar por vezes, numa pitada de matéria, certa dose de amargor. (BERGSON, O riso, p.94)

E qual onde não foge?

E se aparento fugir, não fujo, pois não sou onda, mas me faço na metáfora que não deve ser esmiuçada, na artimanha que não deve ser explicada, nem questionada, mas vivida. E se aparento fugir, feito onda que sou, desfaço-me nas arrebentações dos grãos de areia e seus rebentos – há sempre rebentos de rebentos de rebentos em rebentos e rebentos. E se aparento fugir, talvez esteja a fugir mesmo, mas feito onda que também sou e espuma, espumante que me brinda. E se aparento fugir, percolo...

desde as ideias-não-próprias, esse
conceito-visão quase impróprio – pois qual
também não é? – se não fosse monológico,
até a ideia partilhada, compartilhada, por
vezes, por tantos, também patrulhada, de
não própria exclusividade. Então, parceria,
convívio, viver.

Monologia

Mas o monológico, se tornado dialógico,
não pode ser eixo; não eixo de
determinações, mesmo que outras. Não
pode ser determinante força tão crítica
como a criticada anteriormente.

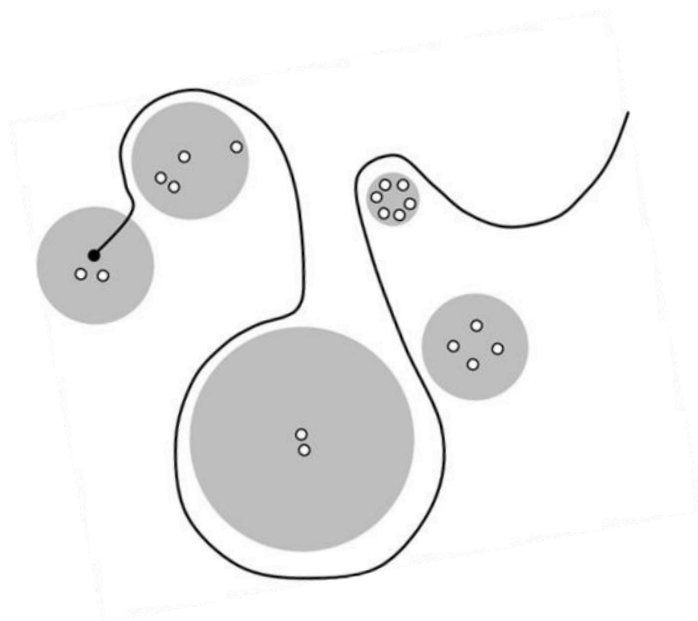
Dialogia

Não. E para não ser [o] único, também não
centrípeto, nem ainda monológica máscara,
ele não deveria me permitir habitá-lo na
constância do circunda-lo completamente,
nessa ilusão de que alguma coisa está
ficando, sendo, ali.

Nem,

Então, desvio dessa translação em maior
velocidade pois, na iminência de um deixar
em isolamento, tudo se faz esférico, num
jogo que me é de velocidades maiores e
menores quando em espaços-relações
menores e maiores, respeitando-se essa
relação.

Um, não.



Por fim, a questão que me chega vem do amanhã: tem como o viver, apesar de seus apesares todos, já não ser, por isso mesmo, um carnaval, O Carnaval? A vida já não é plena carnavalização? Alegorias, todas, em chamas.

S se SURREAL, À GUIZA DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se onírico, se da memória, se duma miragem, se em vertigem, se...

Se real, se mais imaginário do que real, se é o real fruto da imaginação constante dos desejos e sua pressão, tensão, tesão sobre as coisas...

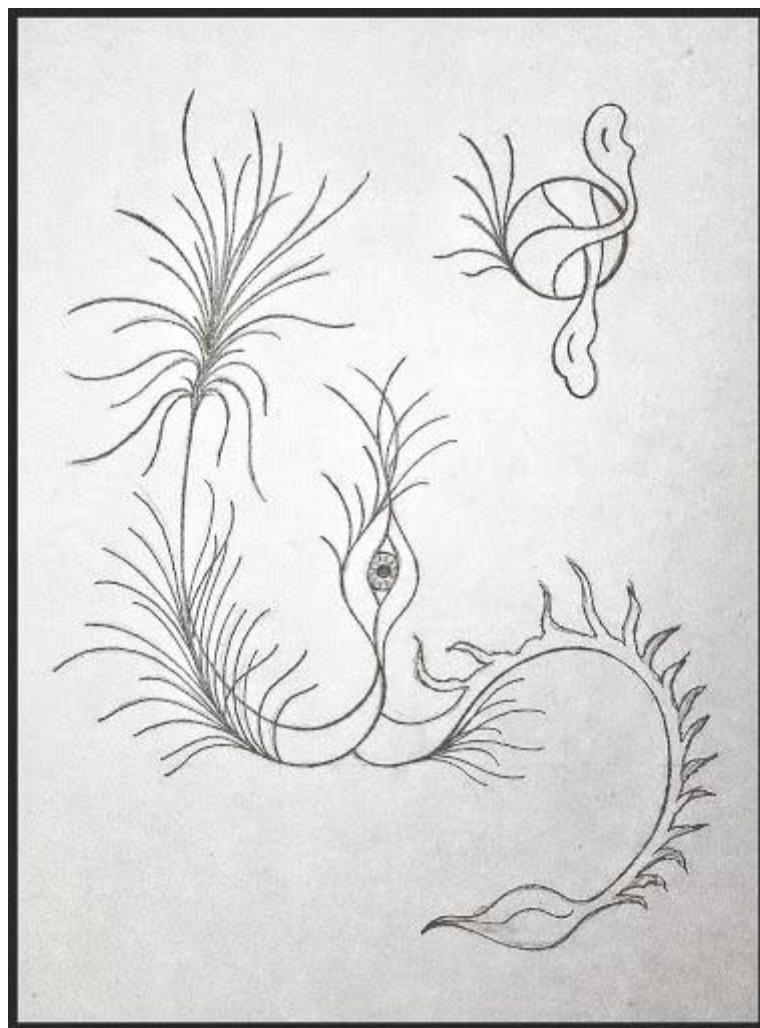
Se há uma explosão solar a irradiar matéria, se há jatos incandescentes de protoplasma, se o espaço oposto ao da ejeção parece se enrugando...

Se o tempo-sol arredondando-se se veste-reveste por si mesmo, se quase se arranha na tensão da sua total explosão...

Se a demora é a salvação, é a mesma demora da luz que deforma as estruturas, que enverga a fotossíntese, que demora a chegar ao solo, aos pés, às covas, eis que é energia que funde, que fusiona, que solda... soldadura.

[Combate] Se há um ataque, se há uma mira – e não miragem –; se o fruto se faz a meta de um alcance, própria na feitura, outra no desejo, então ele se abre e vê e se projeta e se incendeia e se retorce e se incendeia novamente... inclusive, nas cores que lhe faltam. E se os ramos se tornam pelos, se as folhas se tornam cerdas, se a criatura renega o sol, talvez aquele tempo, então, se cristalize e se multifacete. Ao astro rei, as miragens escorrem... Enquanto as franjas assumem inflorescência de *Cordia* sp., escorpióide indicação sistemático-taxonômica.

O surreal do surrealismo talvez seja assim oferecido ao futuro como esse meio-termo da diferença, campo infinitamente plural, ponto de curvatura em que decide a irregularidade. O surreal não é uma região, situada no real, acima do real, acima da razão na desrazão ou abaixo da consciência no inconsciente, nem a reconciliação, sempre ainda por vir, dessas possibilidades inconciliáveis. O surreal bem pode constituir-se de objetos imaginário, indicar-se nas margens, descobrir-se próximo do insólito pelo desconcertante e fascinante. Esses índices só tem ainda valor de afastamento, como recordação da inconveniência que não tem apenas a regra de desregrar o conveniente, também não poderia convir a si própria, concernir-se a si própria ou conformar-se pondo-se em forma. O não coincidente, o não concernente, eis antes de mais nada o que faz com que o surreal, em jogo naquilo que nomeamos a experiência, altere-lhe, também, radicalmente o sentido, separando-a não apenas de todo empirismo como também conduzindo-a a tocar tudo ao mesmo tempo: a vida, o saber, o pensamento, a fala, o amor, o tempo, a sociedade e o próprio todo [...]. (BLANCHOT, O amanhã brincalhão, p. 195; grifos meus)



Fruto.

Olho Humor Vítreo; lágrima plástica.

Mucilagem aquosa em fruto de *Cordia* sp., revestimento da pupila-íris embrionária, a semente. Vivo! Vivo, se planta-bicho, se planta-protista, se dialógica relação orgânico-inorgânico, luz-matéria-energia.

Em *Cordia* sp. há uma corda, um cordão, vários; há feixe de feixes, tronco de cerrado, músculos estriados no cerne do lenho, mesmo revestimento que protege do sol e *no desenho*, que também compõe carne avermelhada de salmão – oxigenada, respiro ao sufoco. *Qual? O que?* NARRAR O INVISÍVEL AOS OLHOS traz esta aventura saltitante, ação que não se limite ao surrealista, nem ao surrealismo; coisa de artista. Braço *Cordyiline*, fruticoso, pista-cor.

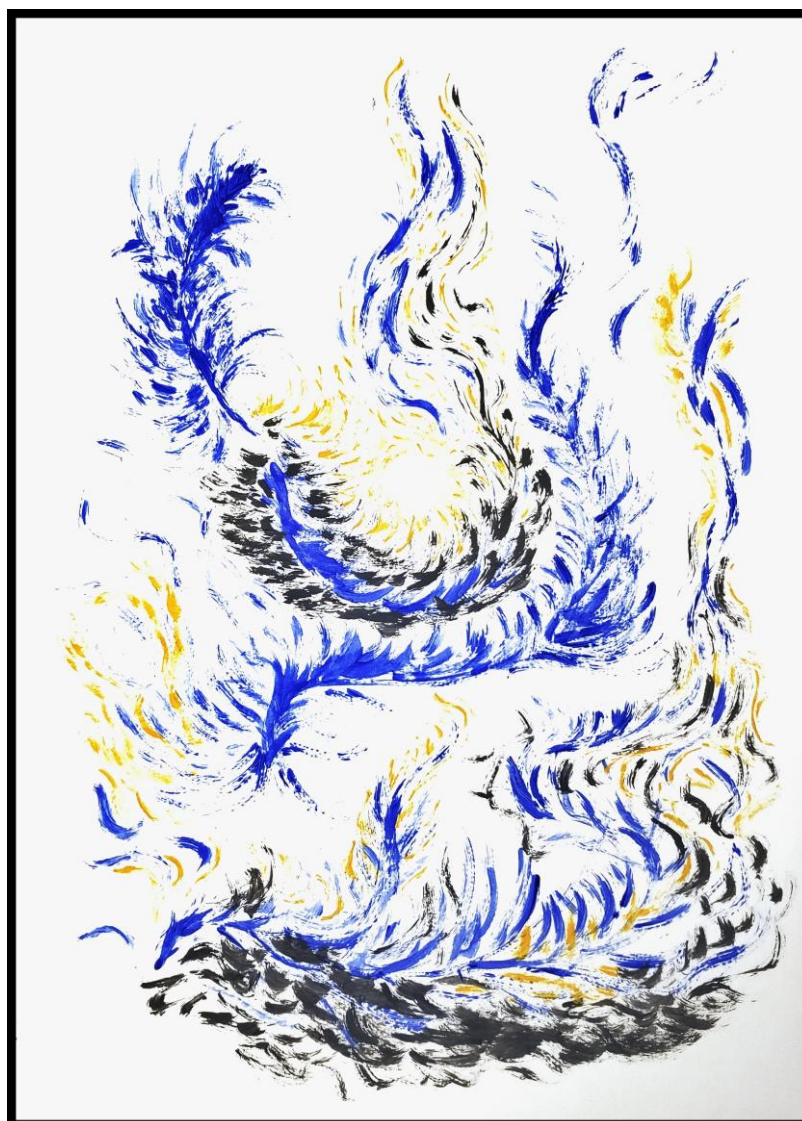
---:---

Esgotamento de Verdades. Cansaço da escrita.

Vertigem nos horizontes, vertigem dos horizontes.

“Outro Mesmo”, salvo no transcorrer do Tempo. Desmaio.

Esta grande trama a ser retramada – *por isso, receita?* Não! – se encontra em vias de total posse do leitor; ela vai se acabando e este tese deve ter seu fim escrito. Assim, é sabido que é árduo o trabalho do escritor, de calos nos dedos, sobretudo quando apesar das tecnologias o papel e a caneta ainda se fazem os melhor amigos. Também, é sabido que a leitura exige trabalho árduo dos olhos. Certamente, ao término de toda jornada de aventura o esgotamento é mútuo, comum. [...]. Sem mais perder tempo, dada a ardência dos dedos, dado o cansaço do olhar, é água que agora falta para o fluir deste (in)acabamento. Retornando ao lago, eis que num deslize de escritor e de autor, quando a sede foi algo em comum, ambos traídos pelo relevo destas palavras escorregaram e antes mesmo de caírem naquelas águas, arremessaram ao céu já noturno de lua a tese na esperança de que cairia a salvo sobre a relva. Já mergulhando, não viram nada além de um vulto farfalhante de papel atravessando o luar.



REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antonio de Pádua Danezi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1997.
- BLANCHOT, M. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BLANCHOT, M. *A parte do fogo*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BORGES, J. L. *Os conjurados*. São Paulo: Ed. Três, 1985.
- CALVINO, I. *Um general na biblioteca*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- DELEUZE, G. *O abecedário de Gilles Deleuze*. (entrevista por Claire Parnet)
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia de Olivera e Lucia Claudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia I*. Trad. Joana Moraes Varela; Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: *Ditos e escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 141-157.
- LISPECTOR, C. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: ROCCO, 2013.
- LOWY, M. *A estrela da manhã: surrealismo e marxismo*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- OSTROWER, F. *Criatividade e processo de criação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- WOOLF, V. *Objetos sólidos*. Trad. Hélio Pólvora. São Paulo: Siciliano, 1992.
- ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro. 2004.

ENTRANHAS-OUTRAS

- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Trad. Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BECKETT, S. *O inominável*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Trad. Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: 1983.
- DURAS, M. *A doença da morte*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Taurus, 1984
- FOUCAULT, M. A linguagem ao infinito [1963]. In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p.47-59. (Ditos e escritos, III)
- FOUCAULT, M. A vida: a experiência e a ciência [1985]. In: *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p.369-385. (Ditos e escritos, II)
- KAFKA, F. Um sonho [1914]. In: *Um médico rural: pequenas narrativas*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LIMA, S. *A aventura surrealista*. São Paulo: Editora da UNICAMP; UNESP; Rio de Janeiro: Vozes, 1995.